

PARA TODOS

ANNO XII
NUM. 577
4 JANEIRO
1930
PREÇO 1%





A SÊDE NO VERÃO

Muitas criancinhas padecem sede no verão por ignorancia das mães. Algumas chegam a ter "febre de sede", que só desaparece com alguns goles de agua. Tambem os adultos devem beber, pelo menos, um litro por dia, para manter o sangue no seu estado normal e a urina não se tornar muito concentrada.

Algumas semanas durante o anno é de grande vantagem tomar uma ou mais fimo-nadas feitas com o Helmitol da Casa Bayer, para auxiliar a desintoxicação geral do organismo e para a desinfecção das vias urina-rias. O Helmitol dá-se, tambem, com grande vantagem, ás crianças, cuja urina mancha as fraldas.



HELMITOL

Lavar as fructas antes de descascar-as

Nas chacaras e pomares o sólo é quasi sempre polluido por defectos lançados á sua superficie. Ao colher as fructas são ellas deixadas ao chão, antes de serem transportadas. Na casca das fructas encontram-se, pois, germes e, sobretudo, ovulos de parasitas intestinaes. São frequentes os casos de verminose em pessoas asse'adas e que vivem nas cidades, devido ao facto de não terem ellas o cuidado de lavar as fructas antes de descascar-as. Os ovulos dos parasitas passam da casca ás mãos e destas á bocca. Convém, pois, lavar as fructas. Para desinfectar as mãos, nada melhor que o afamado Sabão Bayer de Afridol, que é excellente, tambem, para conservar e amaciar as peles fracas.

Cuidado com o sol, senhores desportistas

Estamos em pleno verão. Os raios solares, de que tanto precisamos, entram-nos por todos os póros. Viva o sol! Convém, entretanto, não abusar, sujeitando-se nesta época a banhos solares exaggeradamente prolongados, sobretudo as crianças, ás quaes são muito prejudiciaes. O sol é um remedio que devemos usar, mas de que não devemos abusar. O verão é uma optima occasião para calcificar o organismo. Os medicos aconselham aos adultos e ás crianças fazer nessa época provisão desse elemento indispensavel ao organismo. O melhor medicamento para esse fim é a Candiollina da Casa Bayer, que até as crianças tomam com prazer. Senhores desportistas, não se deixem "descascar" ao sol das praias, tomem Candiollina e verão como lhes aumenta a capacidade physica.

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16\$, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha. Cathedrático de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedrático de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25\$ cada tomo, enc., cada tomo.	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30\$000, enc. 35\$, 2º vol. broch. 25\$, enc.	30\$000
CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Fer- dinando Labouriau, broch. 20\$, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Mi- randa (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 25\$000, enc.	30\$000
IDEAS FUNDAMENTALES DA MATHEMA- TICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16\$000, enc.	20\$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. enc.	25\$000
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20\$, enc.	25\$000

LITTERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Mi- randa, edição de luxo.	16\$000
O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figu- ras de João do Norte.	2\$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Mariano.	5\$000
COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort.	5\$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira de Gastão Pe- nalva.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez An- tonio Ferro.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya.	5\$000
OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch.	7\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Al- varo Moreyra, 1 vol. broch.	5\$000
ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch.	6\$000
TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho.	8\$000
ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier.	8\$000
DESDOBRAMENTO, de Maria Eugénia Celso, broch.	5\$000
CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor.	5\$000

DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA IN- FANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição.	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e map- pas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart.	10\$000
CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart.	1\$500
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOME- TRICAS, de Maria Lyra da Silva.	2\$500
QUESTÕES DE ARITHMETICA theorias e praticas, livro officialmente indicado no Col- legio Pedro II, de Cecil Thiré.	10\$000
APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. cart.	6\$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edi- ção)	5\$000
ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEI- ROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart.	10\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu.	3\$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Car- valho, 1 vol. broch.	18\$000
THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de can- çonetes, duettos, comedias, farsas, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illus- trada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart.	6\$000
HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonid- io Ribeiro (Dr.) 1 vol. broch.	5\$000
PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20\$, 1 vol. broch.	16\$000
CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.)	5\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.)	18\$000
INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vi- cente Piragibe.	10\$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSU- MO EM 1925, de Vicente Piragibe.	6\$000
SA MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes.	10\$000
ALBUM INFANTIL — collectanea de monolo- gos, poesias, lições de historia do Brasil em verso e de moral e civismo illustradas com photogravuras de creanças, original de Au- gusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas cart.	6\$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.)	4\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VI- DA, broch.	6\$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000

Quando nos achamos em roda de amigos, ao terminar um jantar opiparo, tendo ao nosso alcance uma garrafa de bom vinho ou licor, é que nos parecem mais facéis as confidências; e quando surge alguém, sempre disposto a nos contar os seus primeiros amores.

Foi isso justamente o que succedeu com o volumoso Mauricio que nessa noite embaciava os seus olhos com lágrimas.

— Ah, por favor! Basta já com o teu primeiro amor! — exclamou Estevam. — Já o contaste, com vezes, e nunca é o mesmo.

— Muito bem dito! — approvou Dino. — Porque se corre o perigo de se crer o que se inventou.

Lorenzo fez um gesto affirmativo.

— Nada de primeiros amores! De accordo. Mas, como é domingo, chove, e aqui estamos ás mil maravilhas, proponho que narremos...

Calou. Os commensaes insistiram.

— Continúa. Que poderíamos narrar.

— Uma boa acção!

Silêncio profundo; incompreensão absoluta e um mal dissimulado desconcerto acolheram as palavras de Lorenzo.

— Vou esclarecer — continuou este: — ao dizer uma boa acção, não me quero referir ás esmolas; nem ás festas de beneficência, nem tampouco ás generosidades mais ou menos egoístas. Todos nós, quando pequenos, vestimos de velludo e com um grande cabeção de rendas, levados pela mão de nossas mães, deitamos algumas moedas no chapéu do primeiro necessitado que encontramos na porta da igreja ou, depois de termos chorado sobre o "coração" de Amélie, perdovamos que o nosso companheiro de classe nos copiasse os problemas, nem quando cedíamos a um amigo as 5 libras que nos pedia emprestadas. Não, queridos! Nada disso significa uma boa acção, como eu a entendo. Somos 4 homens, ainda cheios de mocidade, e isto quer dizer que, nas nossas costas, pende uma longa cadeia de experiências amorosas. Muito bem, proponho que cada um procure no seu passado e nos conte sinceramente, sem nomear ninguém, já se vê, uma boa acção cheia de sacrificio para com uma mulher moça e agradável. Não sei se me explico.

— Não está muito claro. A ultima parte não entendo bem. Acho difficil.

— Como? Nenhum de vocês respeitou jámais alguma mulher, ou renunciou a algum prazer em perspectiva, ou defendeu uma virtude feminina?

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000. 6 mezes, 25\$000. Extrangeiro - 1 anno, 85\$000. 6 mezes, 45\$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinária.

Uma Boa Acção

— Só uma vez — disse Dino.

— E... estavas louco por ella?

— Não... Louco, que se diga, não...

— Então não entressa. Passemos á ordem do dia. E tu o que dizes, Estevam?

— Oh! Tu sabes — começou Estevam, que sempre existe uma "donna" que diga "si", e que a gente respeita...

— Por medo ás consequências? Termina, si não tens nada melhor...

— Si achas que isto não é interessante e queres um sacrificio sublime... Desisto!

— Vamos a ver o que conta Mauricio.

O adiposo Mauricio limpou os olhos e murmurou:

— Prefiro confessar "ipso facto", que nunca tive sorte em amores, e que as poucas que me procuravam vinham voluntariamente, sempre.

— Então, nada?

— Vazio perfulto!

— Mas tu, que interrogas como São Pedro na porta do Paraíso — interrogou Dino com ironia, — tu, é, que, ao contrario de nós, tens a "historia" na garganta. E, que esperas?

Lorenzo disse logo:

— Certamente; tenho uma "historia", como tu chamas, que representa uma boa boa acção, muito typica para o meu activo.

Logo depois, o silencio envolveu os dois amigos.

— Tens a palavra — terminou Dino.

— Eu era então muito moço — começou Lorenzo, — e confio que a minha boa acção seja ainda mais valiosa no dia do julgo final. A meu criterio, é uma dessas acções que tem a virtude de resgatar quinze ou vinte peccados mortaes. Si não, julguem-n'a. Eu tinha 28 annos e passava um verão implacavel nos banhos thermaes de uma aldeia toscana, que tinha poucas hospedarias e somente um hotel com longos corredores, apenas illuminados durante a noite por uma lampada cruamente nua, sem quebra-luz, que pendia do extremo dum cordão. Ali se encontrava de tudo; desde a familia aristocratica á burguezia; desde as mulherzinhas "alegres", ás viúvas sérias; desde as solteironas e os velhos hypochondriacos até as meninas ultra-modernas. Havia de tudo. Podia-se escolher sem pressa... Mas, quando ha abundancia do objecto de nossa escolha, corremos o risco de ficar com as mãos vazias; procuramos, começamos a rondar, passamos os dias e, quando nos lembramos de apontar, a nossa victima já levantou o vôo; e deste geito, perdemos a occasião. E' necessario, desde o principio, escolher nosso fim, como

diz um caçador consumado, e não esperar o imprevisto. E, segundo esta sabia theoria, eu escolhera, na turma de clientes, uma formosa mulherzinha, e posso-lhes garantir que ella figurava no livro do hotel com o nome de "Senhora Luiza D...". Nada mais. Ao seu redor, nem por sonhos apparecia a sombra de um marido. Também não fazia caso dos innumerados cortejadores que a assediavam.

Era muito intelligente. Tocava piano como uma concertista, conversava com graça, lia obras exceptionaes.

E, sobre todas essas lindas qualidades, a melhor: era livre!

Puz-me logo em actividade. Consegui sentar-me ao lado della durante as refeições, e, como o entabular conversação com uma mulherzinha suggestiva não requer conhecimentos de uma mathematica ideal, logo surgiram as palestras, as apresentações, que me asseguravam um acolhimento attencioso, o qual me fazia pensar nas maravilhas da vida.

Ella era um tanto coquette, muito accessivel e, pareceu-me notar desde o começo que me favorecia com attencões, não concedidas aos outros.

Dentre todos os homens que a cercavam, somente um parecia furtar-se voluntariamente á fascinação da senhora Luiza D...

Era um homem de 40 annos, sympathico, sério, cortez. Chamavam-n'o de doutor... Soffria do fígado.

Havia já alguns dias que eu começara a fazer a corte a essa interessante mulher, com as alternativas do favor e da indifference, mas sem indícios precisos, quando, uma noite, ao sahir de meu quarto que ficava no segundo andar, encontrei-me com ella, cujos aposentos ficavam no primeiro. Vi-a num recanto do corredor, onde quasi não chegava a luz da lampadazinha; um dos lados do angulo, ao terminar o corredor, apparecia uma porta com o n. 28 e uma janella que estava sempre fechada; no outro lado, ficava a escada de serviço, completamente ás escuras.

O nosso encontro naquella logar bem podia ser obra da casualidade; porém, tomada de improvisio, a senhora Luiza D... corou e se perturbou de tal maneira, que apenas me cumprimentou, descendo precipitadamente pela escada de serviço para o seu quarto.

Talvez eu não ligasse importancia a esse encontro, si, no dia seguinte, quando fui á procura da minha correspondencia os meus olhos não tivessem lido debaixo do N. 28 do segundo andar "Doutor S..."

— Então, instinctivamente, desci ao N. 28 do primeiro

e li, com os olhos tremulos: "Senhora Luiza D..."
Um dramaturgo moderno sentenciou: "Desconfiem das pessoas de sexos diferentes que procuram mostrar-se completamente estranhos um para com o outro em sociedade. Quasi sempre são amigos "íntimos" fora della."
Nada mais adequado para o que eu vi; durante as refeições estavam sempre afastados, as mesas bem separadas, nenhuma confidência era trocada, nunca se encontravam, precauções excessivas que agora me saltavam aos olhos...

— Grande imbecil! Incomparavel estúpido! — censurei-me a mim mesmo, com a irritação tipicamente masculina que nos acomete em taes casos. — Tu lhe fazes a corte, preparas o prato e outro se serve. Maravilhoso exemplar de idiotia!

O jogo me fôra agradável, mas o despeito me feria. A mulher, "essa mulher" era para mim um perigoso enigma. Eu estava no ponto critico; ou os meus sentimentos podiam se transformar num amor profundo ou passar ao estado do capricho, com um fim determinado, pratico, que, depois de conseguido, logo se esquece; ou a paixão com os seus perigos, ou a aventura com os seus prazeres.

Meus sentimentos, cortados pela irritação varonil quando começavam a florescer, mudaram-se em desejos baixos, que se tornavam cada vez mais agudos.

— Ah! — dizia para mim. — Espera, linda dos meus amores, que te jogarei uma cartada para te fazer perder uma das tuas azas, minha borboleta!

Pensando dessa forma, ainda mais fervia a minha impaciencia, pois a mulherzinha, talvez inquieta pelo nosso encontro nocturno no corredor augmentava as suas cortezias e agrados para commigo.

Desde algumas noites, eu me vinha preparando para o assalto. Mas, por temor ou prudencia, os meus desvelos na escada de serviço eram inuteis. Porfim, uma noite, ouvi um ruido quasi imperceptivel. Tratei de me esconder e, de repente, eis uma sombra branca que, sobre apressada, pela escada; chega até a porta que tem o N. 28; bate, e um segundo depois, se abria a porta desapparecendo ella pelo quarto a dentro. Essa foi uma das noites mais inquietas da minha vida; mas, no dia seguinte, a lucidez do meu cerebro permitiu-me começar os meus calculos.

— Esta noite descanso — pensava. — Amanhã, outra visita, talvez; depois de amanhã, á noite, quasi com certeza. Excelente! Montaremos guarda durante as duas noites.

Já tinha preparado o meu plano que não era muito

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Central 0518. Escritorio: Central 1037. Redacção: Central 1017. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Alexandre Varaldo

correcto nem honesto, mas genuinamente masculino. Tratava-se de uma caça sem escrúpulos, isto é: o que um cavalheiro chamaria, uma canalhice, um acto censuravel, mas que o código dos senhores homens admitte sem corar. O código galante, bem entendido... Durante esse dia e o seguinte representei o meu papel ás maravilhas, fazendo o "chevalier servant", e creio que a senhora Luiza D... estava completamente descansada a meu respeito.

Dormi profundamente; de manhã, logo depois de acordar-me, joguei "tennis", e, porfim, chegou a noite.

Meu plano entrava na fase decisiva. Com uma forte dor de cabeça, retirei-me aos meus aposentos. Apenas se recolheram os ultimos hospedes, saí do quarto e me refugiei num canto do corredor, que estava completamente ás escuras, junto á escada de serviço. Mas, em vez de ir ao segundo andar, em frente ao N. 28, como fizera nas duas noites anteriores, desci ao primeiro, onde podia ver muito bem o N. 28.

Dali, observei como Luiza chegava ao corredor e abria e fechava a porta do seu quarto, atraz de si. Eu só tinha que esperar pacientemente. Não esperei muito; apenas meia hora.

De repente, a porta do N. 28 rangeu; depois appareceu uma restea de luz. Não

perdi tempo, desci rapidamente e, atravessando o corredor de um salto, encontrei-me cara a cara com ella, no mesmo momento em que sahia. Eu vinha do escuro; ella não me viu. Empurrei-a para dentro. Um grito, cortado pela pancada secca de uma porta que se fecha e nos encontramos, os dois, frente a frente, no seu quarto, totalmente illuminado.

— O senhor? — murmurou, horrivelmente pallida.

Sorri. Fiz-lhe signal para que se calasse, e ella em voz baixa, sussurrou:

— O que deseja?

Estendi os braços sorrindo e respondi:

— A minha parte de felicidade!

— Não, entendo. O senhor está louco?

— Talvez!

— Peço-lhe que se retire immediatamente.

— Não, obrigado; não grite; veja que as paredes são de palha.

Os olhos della, como que desviados, olhavam para todas as partes; as palmas das suas mãos, apertadas uma contra a outra, pareciam implorar.

— Sei tudo; vá tudo — murmurei; — é engenhosa a escolha do N. 28. Mas não é possível brincar com um homem dia e noite. Cada um por sua vez; chegou o meu turno. Attrahe-a para mim.

— Deixe-me, por favor! Vá embora!

— E' intil. Vim para ficar...

— Por força? Não! Retire-se, por favor!

— Pela força ou pelo amor, não importa; não grite! Porque não será peor para a senhora. Um homem no quarto duma senhora, é por demais compromettedor. Em quanto que... amanhã de manhã... escute-me... partirei pelo primeiro trem, sem cumprimental-a sequer...

— Covarde! Odeio-o! De-testo-o!

— Excelente! Ainda mais saboroso do que eu imaginava. Peço-lhe que reflata.

Então, foi quando tentei um golpe de theatro. Libertel-a dos meus braços, fechei a porta, puz a chave no bolso e me dirigi á janella.

— Vou abri-la — disse, — para chamar o Doutor S... do N. 28, do 2º andar. Veremos que cara faz, ao ver que eu estou no quarto da sua amante.

Nos primeiros momentos, pareceu não me comprehender; seus olhos pareciam olhar sem ver, alguns sons inarticulados moveram-lhe os labios. E, de repente, atirou-se no chão, e poz-se a soluçar, como si fosse o proprio desespero. Parecia um farrapo; seus hombros se moviam agitados pelo pranto; seus cabellos desmanchados, caíam-lhe sobre a nuca, deixando ao descoberto seu pescoço e os lobulos rosados das orelhas.

E murmurava, em seu tormento:

— Não... Não! Isso não. Não o chame... antes então...

Fô como si me tivessem dado uma pancada no coração; uma intensa emoção apertava-me a garganta. Disse-lhe muito devagar:

— Mas então, gosta delle? Ama-o verdadeiramente?

— Sim; amo-o com toda minh'alma.

Não foi a impressão de uma bofetada, não. Foi o sublime perfume de uma alma que transtornou os meus sentidos. Passei a mão sobre a minha frente humida e disse-lhe, entre suspiros:

— Perdôa-me? Perdôa-me? Poderá perdoar-me?

Levantou a cabeça; olhou-me, incredula. Solicito, auxiliei-a a levantar-se; tornei a pôr a chave na fechadura... No corredor, profundo silencio.

Estendeu-me a mão, que beijei demoradamente, como que aspirando o perfume de uma flor celestial. Fechei a porta atraz de mim, e ao amanhecer, partia no primeiro trem.

— E então? — exclamou Lorenzo, não ouvindo nenhum commentario. — Não é acaso "uma boa acção"?

Todos tinham ficado pensativos. Dino, vindo na sua frente um calice cheio de licor, bebeu-o de um trago.



USANDO

ELIXIR DE INHAME

*Depura - Fortalece
Engorda*

TAO SABOROSO COMO QUALQUER LICOR DE MESA



Peça-o Senhora

M. BARBOSA
NETTO & CIA.
Caixa Postal 2938
Rio de Janeiro



GRATIS



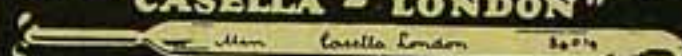
MAIZENA DURYEA

O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de fácil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea oferecem essas ótimas propriedades, daí a crescente popularidade de que gozam. Da próxima vez que V. S. tiver convivas, ou que preparar uma refeição para a família, experimente uma das receitas do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o máximo prazer se V. S. nol-o pedir.

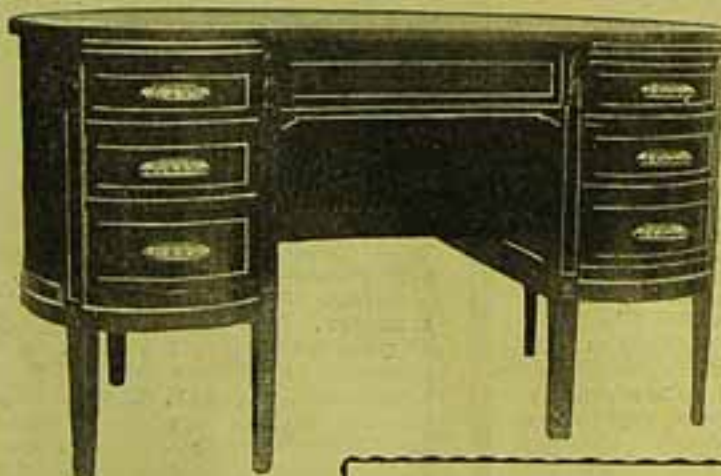


Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

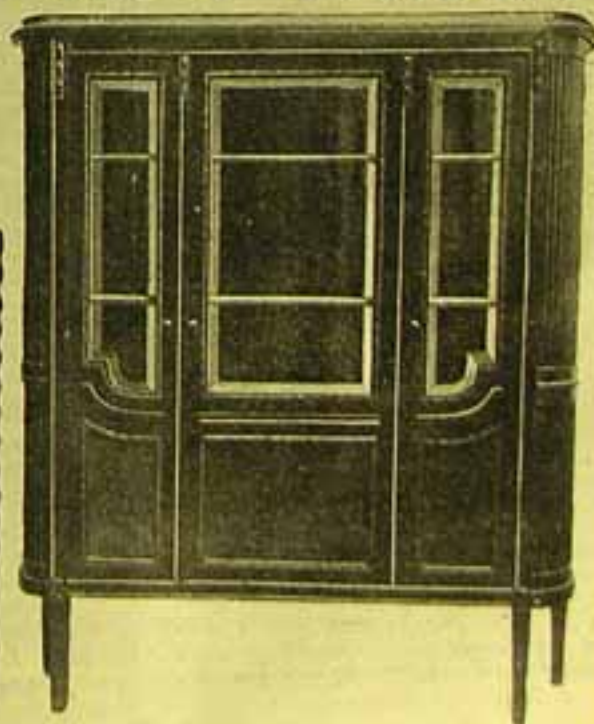
EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASSELLA - LONDON"



FUNCCIONAMENTO GARANTIDO



Fabricação especial de A. F. COSTA



Escritorio e/3 peças em IMBUYA e com
acabamento esmerado, sendo: —

1 Bureau curvo folheado e c/ tampo de
crystal. Dimensões: 1,40 de frente e 75 de
fundo.

1 Estante folheado e curvo, com vidros de
crystal. Dimensões: — Frente 1,40 altura
1,60 e fundo 0,40.

1 Cadeira com giro e sola c/ assento
estufado.

Preço Rx: 1:850\$000

Para o interior cobramos mais 10% para
engraderamento

A. F. COSTA

RUA DOS ANDRADAS N. 22
RIO DE JANEIRO

Clinica Medica de "Para todos..."

PTYRIASIS

É uma affecção da pelle, caracterizada por manchas escamosas de aspecto irregular, sem fendas nem escoriações.

Depois de algum tempo, vem a exfoliação furfuracea da pelle, sob a forma de um pó esbranquiçado.

A ptyriasis pôde apparecer em todas as regiões do corpo; mas ordinariamente ella se manifesta na cabeça, recebendo o nome vulgar de "caspa".

Variaes causas morboas, como a syphilis, a escrofulose, o arthritismo e as diversas parasitoses pôdem originar a ptyriasis.

O tratamento dessa incommoda affecção requer, no estado agudo, o emprego de purgativos salinos, de bebidas emollientes, de refrescos de limão, laranja, tamarindo, groselha, etc., e de banhos mornos, contendo farello ou amido.

No estado chronico, preconiza-se o uso constante de aguas mineraes alcalinas, devendo, antes de cada refeição principal, ser ministrada uma colher (das de sopa) deste medicamento: arseniato de sodio 10 centigrammas, bicarbonato de sodio 20 grammas, agua distilada 300 grammas.

O prurido intenso que, na maioria dos casos, a ptyriasis origina, é combatido por meio de lavagens feitas com agua lodada ou com o licor de Van Swieten, applicando-se depois o glyceroleo de oxydo de zinco.

Quando houver muito desprendimento de laminas epidermicas, recorrer-se-á ao oleo de cade, puro ou associado ao oleo de amendoas doces, podendo tambem servir a pomada de proto-chlorureto de hydrargyrio a um por cento.

Na ptyriasis de caracter parasitario, deve o tratamento ser francamente antiseptico, empregando-se o creosoto, o bi-chlorureto de hydrargyrio, o aristol, etc.

Ao lado do tratamento externo, o clinico prescreverá a medicação interna correlata ao estado geral do enfermo e aos factores conhecidos da affecção, — syphilis, escrofulose, arthritismo, etc.

CONSULTORIO

JULIO (Passa Quatro) — Use: tintura de bulbos de colchico 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de lithio 6 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, xarope de cascas de laranhas amargas 300 grammas — tres colheres (das de sopa) por dia. Faça, por semana, 3 injeções intra-musculares com a "Proterceline".

F. E. L. I. X. (Araguary) — Basta usar: gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Fowler 2 grammas, tintura de canella 4 grammas, tintura de genciana 4 grammas, extracto fluido de Yuhimbina 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas — vinte e cinco gottas num calice d'agua assucarada, depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injeções intra-musculares, com a "Tonikeine".

A. S. T. (Botucatu) — O menino deve usar: tintura de acnito quinze gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, licor ammoniacal anisado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartiz 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. Depois de cada refeição principal tomará uma colher (das de chá) de "Malt-Oleol".

M. F. (Volta Grande) — Use "Phaguryl". — duas capsulas, quatro vezes por dia. Use, tambem, pela ma-

nhã e á noite: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café) num meio copo d'agua assucarada. Externamente empregue: permanganato de potassio 25 centigrammas — em um papel, vindo quatorze iguaes, para usar o conteúdo de um papel, num irrigador cheio d'agua morna, em lavagens locais, pela manhã e á noite. Banhos mornos geraes diariamente, evitar as marchas prolongadas, os excessos de calor e os tecidos pesados, abster-se de comidas excitantes, acidas e salgadas, adoptar de preferencia o regimen lacteo-vegetariano, e as medidas complementares do tratamento.

LYS (São Paulo) — Decorridos tres dias, pôde evitar o excesso referido usando: extracto fluido de gossypium herbaceum 3 grammas, extracto fluido de hydrastis canadensis 3 grammas, extracto fluido de hamamelis virginica 3 grammas, xarope de ratanhia 30 grammas, limonada sulfurica 300 grammas, — meio calice de 4 em 4 horas. Cessada a crise e para compensar as perdas resultantes empregue a "Seroferri-ne" — tres injeções intra-musculares por semana.

A. L. C. E. U. (Catanduvás) — Basta usar: methylarsinato de sodio 50 centigrammas, iodureto de calcio 5 grammas, agua inglesa 1 vidro — meio calice depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use uma capsula de "Opolaxyl", bebendo em seguida meio copo d'agua fria.

NANA (S. João Marcos) — Durante as crises, a mamã deve usar: tintura de lobelia inflata 6 grammas, iodureto de sodio 6 grammas, tintura de opio camphorada 10 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, decocto de polygala 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas. Cessadas as crises, passe a usar "Iodolose Galbrum" — quinze gottas, num calice d'agua assucarada, depois de cada refeição principal.

SONIA (Rio) — Seu tratamento é complexo. Usará, pela manhã, depois do pequeno almoço, e á noite, no momento de se recolher ao leito, 2 comprimidos de "Lactal". Tomará, depois de cada refeição principal, 2 granulos de "Methylarsinato de Sodio Clin". Banhos mornos geraes, pela manhã, exercicios de gymnastica sueca, passeios moderados a pé, oito horas de somno, diariamente, e regimen alimentar lacteo-vegetariano são condições essenciaes ao bom exito do tratamento. Pela manhã, lavará o rosto com agua morna e sabonete de benjoin e, depois de enxugá-lo, applicará, em massagens, a nata do leite, posto a coalhar, no dia anterior. Deixando, após a massagem, correr o espaço de 20 minutos, retirará o excesso do remedio, com outra lavagem identica á primeira. Á noite, no momento de deitar-se, lavado e enxuto o rosto, empregará, em massagens: tintura de benjoin 5 grammas, espermacete 15 grammas, lanolina 10 grammas, hydrolato de rosas 16 grammas, oleo de amendoas amargas 50 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO

MEDICOS

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança.
Chefe interino da 3ª Enfermaria
le Cirurgia da Santa Casa da
Misericórdia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5 — sobrado; telephone C. 3451. Residência: rua Senador Vergueiro, 11, teleph. B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina
Da Maternidade do Hospital da
Misericórdia e da Polyclínica do
Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembléa, 87 (2 ás 6 horas). Teleph. Central 2604. Residência: R. Barão de Icaraby, 28, Botafogo. Teleph. B. M. 1815.

Dr. Hernani de Irajá

Doenças nervosas — Males sexuaes
— Syphilliatría — Plástica.

Banhos de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia. Galvano-faradisação. Endoscopias. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de sngnaes, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação. Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar. "Casa Allemã". Phone: C. 6222.

CLINICA MEDICA DO

Dr. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)

Especialmente o tratamento das
Doenças Nervosas e Mentaes nas
suas relações com as doenças funcioneas do Estomago, Fígado e Rins.

Rua Rodrigo Silva, 30 — 1º
Diariamente ás 2 horas.

Novidade

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES
PARA FUTURAS MAES

(Premio Mme. Durocher, da
Academia Nacional de Medicina)
Do Prof.

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10\$000

Livraria Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34 — Rio

Para um magnifico e util presente
de festas às crianças, só o ALMA-
NACH d' O TICO-TICO para 1933,
que diverte e instrue.

Dr. ADELMAR TAVARES

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA, 59

2º ANDAR

A MELHOR PUBLICAÇÃO
ANNUAL

CINEARTE ALBUM

Nenhum grande artista do cinema
deixou de ser contemplado com um
bello retrato a cores.

Faça desde já o pedido do seu exem-
plar, enviando-nos 9\$000 em dinheiro
em carta registrada, cheque, vale pos-
tal ou em sellos do correio.

Sociedade Anonyma O MALHO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21
RIO

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clien-
tes que reabriu o seu consultorio.

RUA S. JOSE, 84 — 3º andar

Telephone 2-1838

A PASTA

limpa os dentes, tornan-
do-os alvos e brilhantes
e o Elixir



• liquido •

completa a hygiene da bocca, pois,
além de evitar a carie dos dentes,
desinfecta e refresca a bocca, en-
durece as gengivas, combate o máo-
halito e evita as pedras.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

A melhor revista editada em lingua portugueza, collaborada pelos melhores
escriptores nacionaes e estrangeiros.



Antes e depois das refeições

Para despertar o apetite e activar a digestão.



Arte Photographica

"Nuvens" pelo Dr. Malfatti
"Pôr de Sol" por G. Pozzi



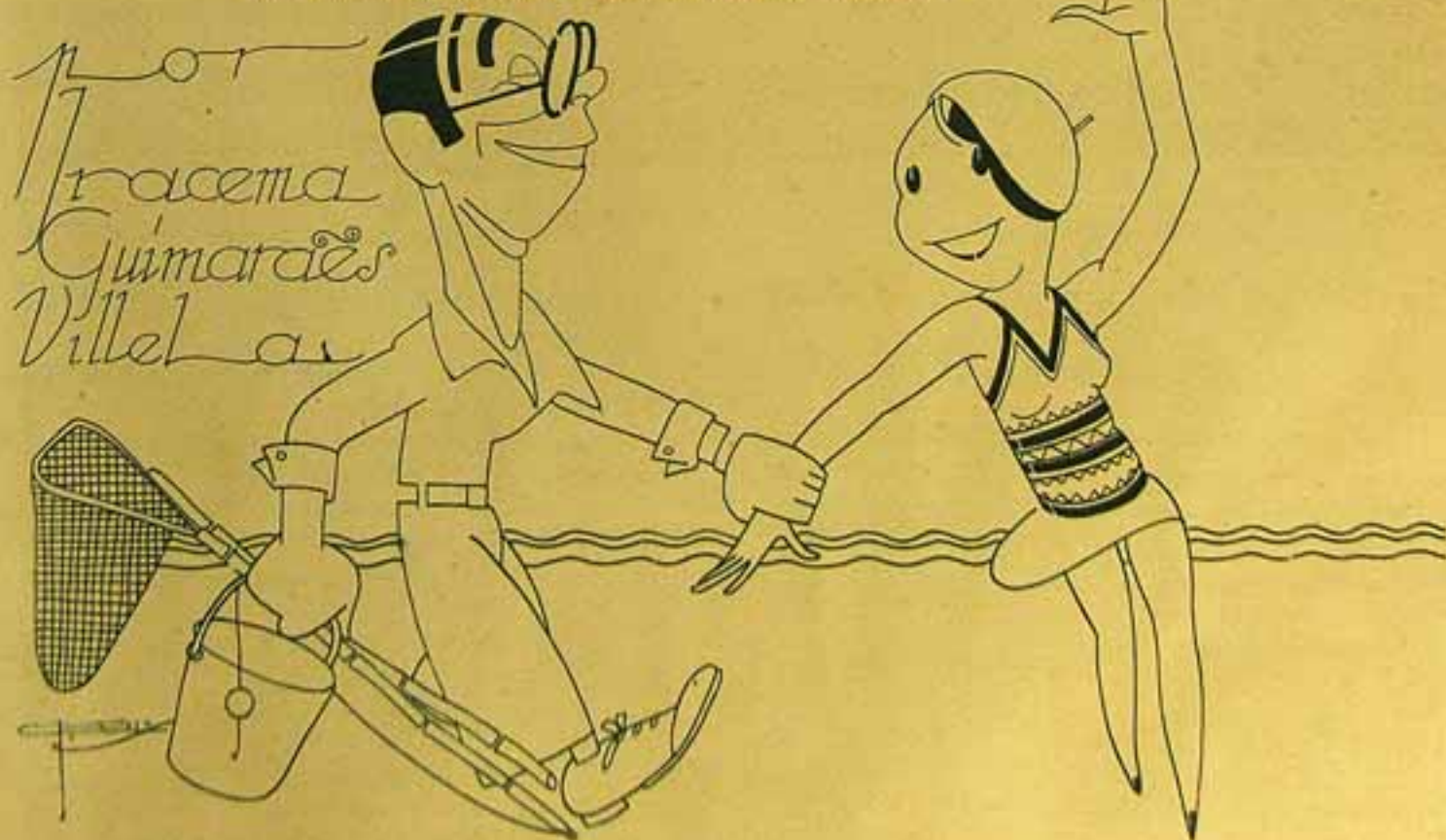
Para todos...

Divagando...

O Amor na nossa terra de escravo passou a tyranno. Dantes os homens matavam-se quando não eram amados, hoje, mais decididos, tratam de eliminar a mulher que amam e os desprezou, como estão distantes esses tempos em que os rapazes na opulência da vida derramavam em estrophes inflammadas as suas desilusões e o seu desespero! Os alburns eram os confidentes mudos desses sentimentos que não ousavam expandir-se, e desde os mais audaciosos até aos mais retraídos, todos manifestavam o seu ardor em linhas rimadas. A pessoa amada era intangível, quasi sagrada, tão intensa era a aureola que a cercava. Assim o affirmam as nossas avós, rememorando com ternura e saudade aquella época romantica em que a lua era evocada como testemunha imprecendível dos suspiros e de ais. Hoje isso evadiu-se ao sopro materialista inauflado pela civilização. Tudo mudou e tomou orientação differente. A mulher, de entidade venerada passou a companheira sympathica e agradável, com a qual se passam algumas horas em alegre convívio. A conversa perdeu aquelle tom que lhe imprimia o guante severo de uma educação re-

catada, e tanto na escolha dessa mesma conversa, como durante a agitação das dansas, o nosso espirito de egualdade une os sexos destruindo a distancia que os separa. A mulher é a camarada de salas curtas, folgazã, irrequieta, não exigindo grandes considerações nem grandes reverencias. O homem não lhe mette mais medo: o collega, o amigo, o igual. Com elle vai aos cinemas, á missa, aos chás, aos cock tails, aos bailes e festas. As homenagens que delle recebia em outros tempos fazem-na rir, por as considerarem "vieux jeu" anachronicas, passadistas. E' como se de repente surgisse entre a graça travessa dos vestidos curtos, petulantemente colados ao corpo, uma imensa e respeitavel saia de ballão, recamada de flores, renda, lacinhos babadinhos frizados. Tudo se modifica e se modernisa. A velha e ridicula mesura, de corpo inclinado e braços arqueados, prendendo com dois dedos dengosos os apanhados do abundante vestido de damasco, foi substituida pela aperto de mão vivo, alerta, simplificado. Elle veio-nos dos Estados Unidos, tra-

zendo na sua energica pressão uma serie de permissões e de audacias. As palavras discretas, os olhares anciosos, os suspiros assustados, foram pouco a pouco adquirindo attitudes mais definidas e ousadas. Os olhos de hoje não se baixam mais nem os collos freem em anseios de esperança. Todas as aspirações vão directas ao fim sem encenação, difficil. Será por isso que o amor de timorato e envergonhado tornou-se destemido não attendendo a ponderações e embaraços? Será por isso que o homem em vez de buscar no silencio da morte, o balsamo para as suas dores não hesita em lançar a mulher amada ao mesmo abysmo que os tragára a ambos? Seremos nós responsaveis por esses descalos, visto termos incutido no espirito de nossas filhas, os mesmos gestos e costumes de suas frias e louras irmãs americanas? Com a nossa furiosa e insaciavel mania de imitação, estaremos sem o pensar concorrendo para a sua perda? O futuro nol-o explicará algum dia...





A MINHA PRIMEIRA ADMIRADA. R

TEXTO E DESENHO
D E
ROBERTO RODRIGUES

Havana e procurei um telephone discreto na redacção.

— Pode chamar a senhorita Hilda?

— E' ella mesma que fala.

— Eu sou Roberto Rodrigues...

— Oh! Roberto querido! Meu bem-sinho, meu amor! Como é gentil!

— Mas... A senhorita me viu, me conhece?

— Não o conheço, não. Sou uma sua admiradora!

O argumento era decisivo. Aceitei o encontro que ella marcou. Cinco e meia na redacção. Ainda perguntou:

— Robertinho, os redactores ahi não são maliciósos?

Barbeiro. Loção. Pó de arroz. Manicure.

Esse relógio não funciona direito.

As aventuras romanticas...

Cinco e meia. Upp!

O telephone é para mim?

— Roberto querido... Chove muito, muito! Você não tem pena de mim? Você paga o taxi?

Que menina exquisita. Ainda não me conhece e já cobra taxi.

— Seu Roberto, uma moça está ahi em baixo chamando o senhor.

Desço. Pago o auto. Ella vae logo me abraçando.

Subimos a escada juntos, escandalosamente juntos. Os redactores olham curiosos. A minha admiradora parece um carro allegorico dos Democraticos. Que vestido, Deus do Ceu! E eu que sou um estheta! Essa pequena me compromette.

Eu me sentei, ella se sentou e o garoto

Eu já tinha recebido diversas cartas sobre os meus trabalhos. Umas me achavam um grande desenhista e outras me julgavam um imbecil. Um escriptor dedicou-me um livro e um compositor fez uma valsa para mim.

Naquella tarde, porém, fiquei lisongead. O con-

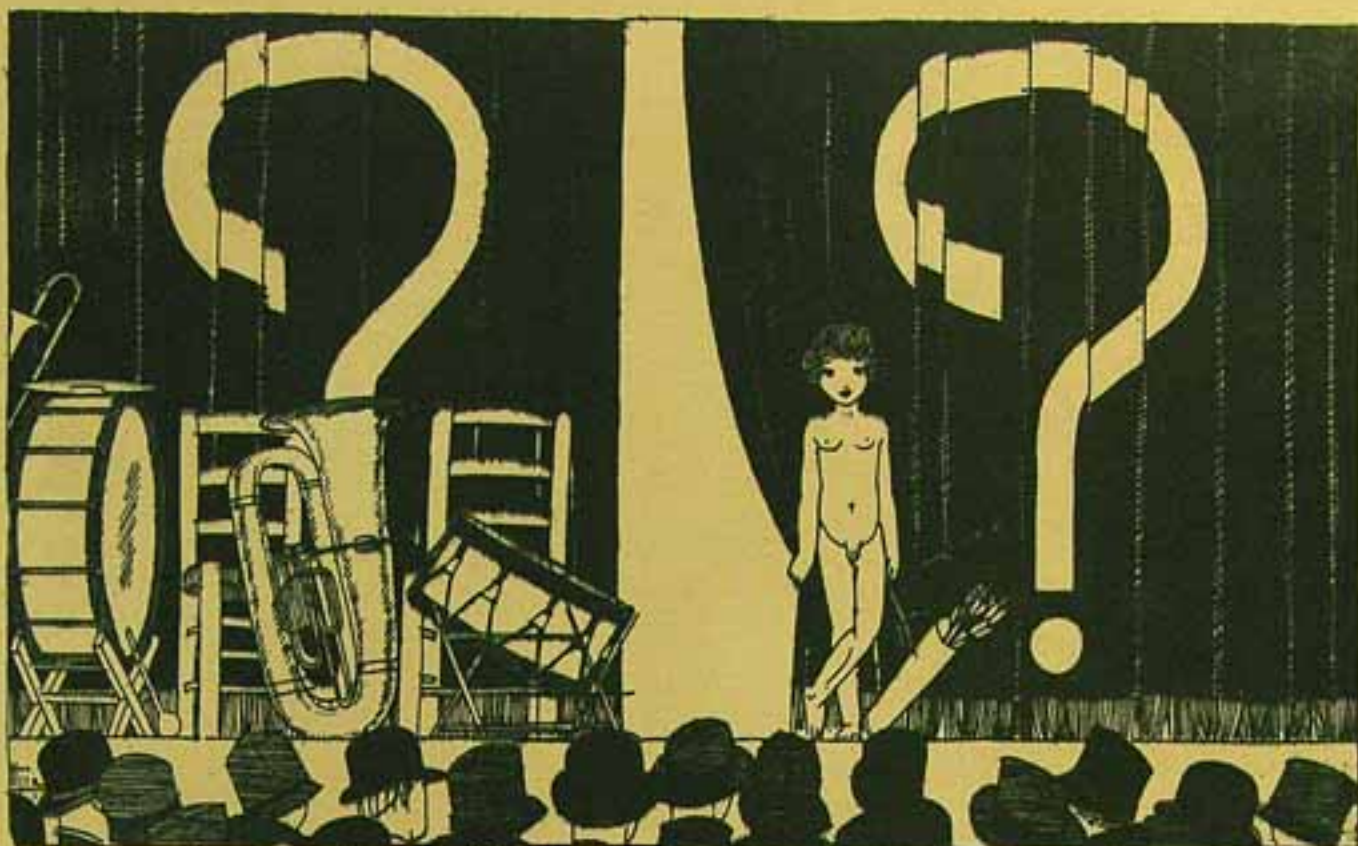
tinuo da redacção veio dizer-me que uma moça havia telephonado quatro vezes para mim.

Ella se chama Hilda e o numero do telephone é X.

Hilda? Quem será essa Hilda? Não a conheço. Não conheço, não! Não pode ser aquella... E' outra.

Accendi o meu charuto

(Termina no fim do numero).



Si...

1° de Janeiro. Ha sempre em mim, nesta data o desejo de começar um diario, qualquer coisa differente da memoria, que diga de mim a mim mesmo. Começo-o sempre mas nunca o continuo. Por que? Um gesto de hombros. Não sei. Meu passado é grande, quasi tão grande como o passado dos meus olhos... que viram outros passados... Verdade é que tenho vinte annos bem vividos, mal vividos, com certeza. Vinte annos... Nunca me queixei da vida... Queixar-me della é uma puerilidade, que me não permitto. A's vezes é verdade, deante do espelho (tenho o habito de conversar com-

migo deante dos espelhos) eu digo, olhando a minha figura: — "Si tu tivesses nascido homem... Si tu tivesses outro pensar... Si..." Sim. Devia ser differente, com certeza seria differente. Ponho-me então a sonhar como eu seria sob outra fórma, em outra hora, adiantada ou atrasada no tempo, com ou sem determinadas creaturas. Differente, differente com certeza... Mas não me queixo da vida como foi ou como é, como não me queixaria, talvez, si ella fosse diversa, differente. Os meu "Si..." são apenas sentimentalismo inoffensivo da fantazia.

PEPITA BARBOZA

TODOS os annos, ao approximar-se a data de 25 de Dezembro, o chronista que se respeita tem de escrever uma glosa, um artigo ou um poema sobre a festa do Natal. E cada um, seja o que for, descobre piedosamente, nessa occasião, a famosa "Ballada des Proverbes", de Villou, cujo estribilho é assim:

"Tant crie-tou Noël qu'il vient'."

Desde que os jornaes existem e que eu leio, nem uma só vez me foi negada essa satisfação. Mas este anno houve uma surpresa inesperada, a ím daquelle a que estava acostumado. Veio-me de um philologo que, por diversas vezes, me tem dado a honra de apreciar a minha cozinha. E' um rapaz delicioso, que uma mesa bem servida enche de alegria e a quem um regimento de garrafas bem alinhadas não faz medo. Compreende-se, pois, que eu tinha por elle uma certa affeição. Sempre lamentei apenas que elle não tenha encontrado no prazer epicuriano da mesa um temperamento de princípios de racionalismo militante, si assim me posso exprimir, que rebaneam muitas vezes esse espirito delicioso e sabio ao nível de um politico regional. Ao contrario, o doce calor peculiar ao fim das refeições e que deveria tornarnos a todos mais indulgentes, exaspera nelle a paixão philosophica. Não ha nada que mais me desanime do que o barão de Holback numa mesa. Não tenho, então, outro recurso senão encher o seu prato ou o seu copo e de substituir nelle o demonio da critica

peio da gulodice. E isto dá ensejo a torneios heroicos.

N'outro dia, propuz-lhe partilhar, este anno, do nosso menu do "Réveillon" da Penitencia.

— "Muito simples, não é, caro amigo? "Consoumé" frio com vinho de Anjou, para começar; em seguida, alguns camarões com um pouco de pimenta de leayenna para estimular o sangue que moderaremos, caso seja necessario, com uns copos de "Sauterne". Nesse ponto, será pena não continuarmos com chouriços de gallinha com tuberas que, na ordem da salsicharia passam por augustas e veneraveis. Não diga que são pesadas para o estomago, pois não ha estomago incapaz de os digerir, a menos que esqueçam de lhes facilitar a passagem com uma garrafa de "Beaune" ou de "Volmy".

A' medida que eu falava, os olhos do meu amigo se dilatavam e as suas narinas estremeciam. Parecia que já estava installado, com os pés embaixo da mesa, aquecido pelo cheiro do vinho e a vista dos pratos de que eu falava. Continuei:

— "Agora apparece o Perú... Ah! meu, caro! Dia bom leve-mos toda a litteratura

O Argumento Gastronomico do "Réveillon"

restrictiva e lamuriante com que vêm molhando, ha mezes, o nosso pão amargo. Sejamos pessoas de tradição. A tradição ampara este paiz nas provações cruéis que elle vem atravessando e conserva-lhe as suas verdadeiras fronteiras que são intellectuaes e moraes. O Perú do Natal é coisa respeitavel com o a Academia Franceza e a Ordem dos Advogados. E' um alimento principal e um symbolo. Ai do governo que prohibisse o Perú do Natal!...

O meu amigo perdeu a paciencia:

— "Basta de digressões" disse, "e explique-me como será o Perú."

— "Cheia de mólho e recheada de castanhas. Sustentam alguns que é bom ligar as castanhas com uma "farce" de salsichas. Experimentei-o uma vez e não o recomendo. A salsicha atrai sobre si uma at-

tenção que é pena desviar do Perú que, delicado demais para se pôr em evidencia é capaz, entretanto, abandonada a si mesmo, de proporcionar as mais ligítimas satisfações. Ainda assim é preciso não confundir concorrencia e collaboração. E, por isso, a garrafa de "Château-Lafite" torna-se aqui uma excellente collaboradora.

O meu interlocutor arquejava de appetite. Ao pronunciar uma palavra cheia de evocações, a minha voz tornava-se commovida e amorosa. Tendo falado de cogumelos com creme, de "foie gras" de salada italiana, vim a prometter um bello tronço cheio de confeitos, acompanhado de muito "champagne".

Fiz pausa affim de apreciar o effeito da minha eloquencia. Então, muito simplesmente elle disse-me:

— "Não se poderia antecipar a hora desse "réveillon"? Meia-noite é muito tarde. E te-

remos acabado antes do despontar do dia.

— "E' impossivel," respindi com firmeza. Feita antes da meia-noite seria uma refeição qualquer. O seu encanto vem justamente da tradição..."

— "Ainda!"

— "Ainda e sempre.

Uma vez por anno, deve-se ir para a mesa á meia-noite. Respeitemos essa convenção, admiremola e veneremola mesmo, pois nessa data excepcional podemos fazer tres refeições em vinte quatro horas."

— "E' verdade", disse elle, convencido por esse argumento.

Era isso o que eu esperava e, então, insinuei:

— "Confesse que os costumes christãos têm o seu lado bom, ao menos quando proporcionam uma alegria substancial ao incredulo que é."

Que idéa infeliz! Despertei nessa alma, enternecida pela perspectiva das iguarias, o instincto funesto da controversia. Ficou rubro como si fosse acomettido de escarlatina subitamente. E de sua bocca sahiram, apressadas, estas palavras:

— "Estupido... estúpido e descabido o que acaba de dizer... Como si a festa do Natal fosse um costume christão!"

— "O que" disse eu estupefato, "não é então...?"

— Elle encolheu os hombros.

desanimado por tão prodigiosa ignorancia. Depois explicou, mais calmo, desejoso de convencer:

— "Não, e não se sabe a que attribuir a sua origem, pois se perdeu nas brumas da historia. Fique sabendo que a data de 25 de Dezembro era festejada pelos homens muito antes do nascimento de Christo e do calendario gregoriano. Não se chamava 25 de Dezembro, mas era o mesmo dia do anno, porque coincide com o solsticio de inverno que marca o renascimento dos dias e o inicio da germinação. Era a "gaëllancol" dos Celtas que signi-

fica a "soleillée" e o Sol "novus", ou sol novo dos Latinos. E, cusa de arregalar os olhos, é isso mesmo. Na propria India, na India antiga, a festa maior realizava-se nessa epoca do anno que era a da sementeira. E somente isto, fique certo, é que dá uma significação dos agapes annuaes da noite de 24 a 25 de Dezembro. E' uma festa pagã, uma verdadeira festa pantheista que celebra o renovo da Terra. Até o nome de Natal que lhe deram, em que todos querem ver um derivado da palavra "natalis" que significa nascimento, vem ao contrario, de "novellus" que significa novo..."

— "Bravo", exclamei, "isso me tranquillisa! Preparemos a jantar bem, caro amigo. Gracias á "soleillée" e ao "sol novus", vamos comer e beber sem remorso. E confesso que esse "Novellus" vae me abrir o appetite nessa noite que coincide com o solsticio de inverno (Termine no fim do numero).

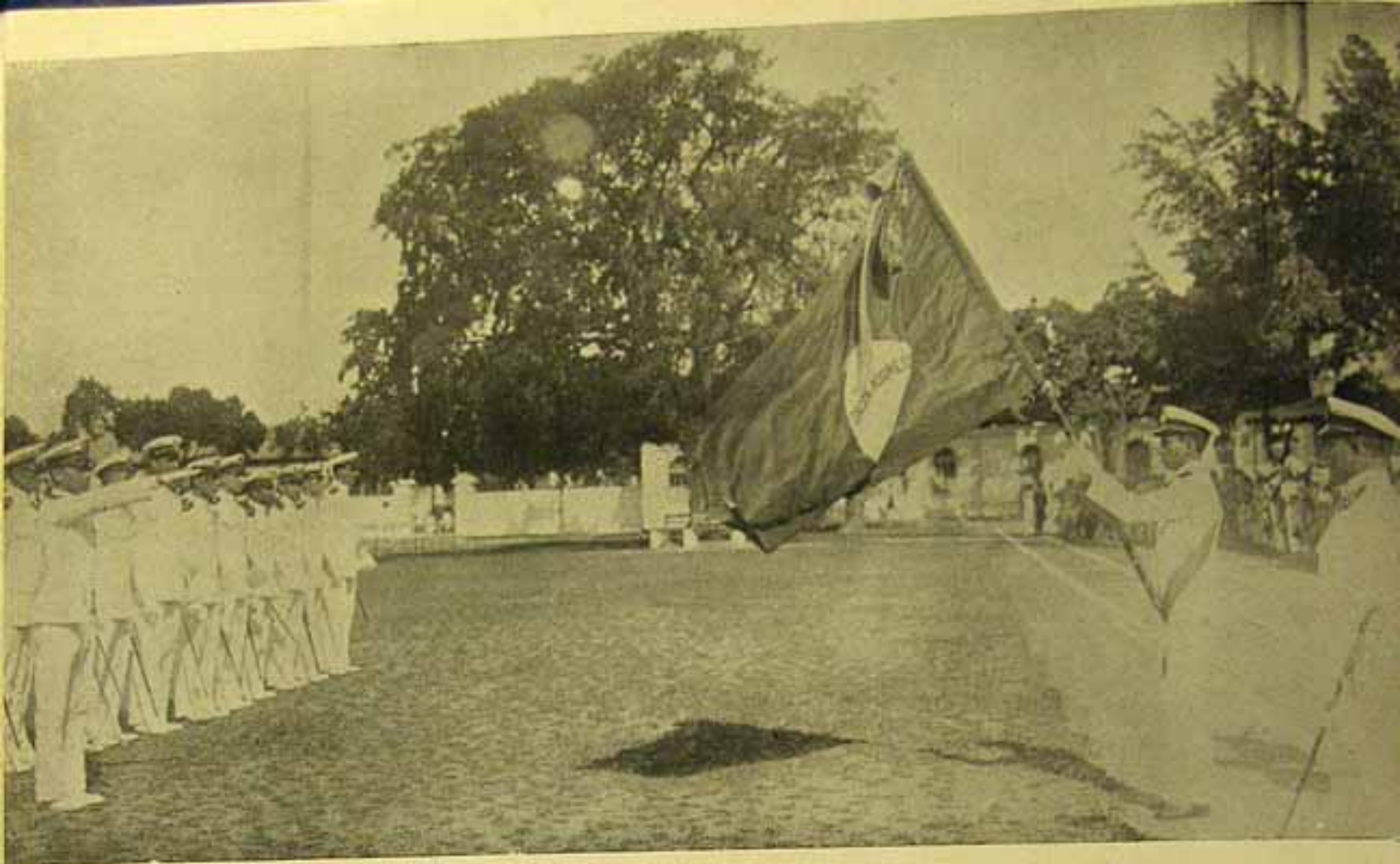




Distribuição de brinquedos às crianças pobres pela Associação dos Anjos de Caridade, de Laranjeiras

Festa oferecida por Nello, filho do casal Horacio Ernani de Mello, no dia em que fez annos, 16 de Dezembro, aos seus amiguinhos, todas as crianças da rua 24 de Maio.





Juramento á bandeira na Escola Naval com a presença do senhor Presidente da Republica.

Missa dos doutorandos de Medicina na Cathedral com a presença do senhor Nuncio Apostolico.





ROBERTO
RODRIGUES

Parceia um menino nos olhos que o
viam passar quiéto, tristonho,
pelas ruas da cidade.

Mas era um artista de sensibilidade
dolente, o pintor dos desgraçados,
dos pobres, dos criminosos.

Elle tinha pena da vida.

A morte no hospital, para onde o le-
varam ferido por um tiro de mu-
lher, foi o seu ultimo desenho.

O mais tragico.

O que mais pisou.

O que a gente não queria que o Ro-
berto fizesse.



Collação de grão dos bachareis formados este anno na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, no Instituto Nacional de Musica. E missa em acção de graças pela terminação do curso que elles mandaram rezar na Igreja de Candelaria.



Um instantaneo apanhado durante o baile que o Syndicato Medico Brasileiro realizou no Club Germania.



Em baixo:
recepção na Embaixada da Belgica.



CARMINA de Medeiros tinha dez annos mais do que Guiomar Mendonça, sua prima.

Chegada da provincia, viera encontrar Guiomar uma rapariga de modos desenvoltos, discutindo sports, cinema, footing, dancings e namoros; pintando escandalosamente os labios, de sobrancelhas como dois arcos negros e longos, o cabello cortado quasi como o dos homens, as saias que se lhe viam, por vezes, a sede das ligas ou o moreno lascivo das pernas. Usava termos que lhe pareciam menos castos á percepção auditiva provinciana e manuseava, ao invés da "Farrapos de Saudade" e da "Moreninha", romances de Pittagalli e Costallat.

Veas varias a sobrinha sabia sem que pedisse aos paes ou lhes dissesse ao menos para onde ia; e quando voltava, alta noite, ouvia, á porta, um motor que trepidava, e risos alegres.

Os paes ligavam pouco á vida sem peias que ella levava, mesmo porque a mãe de Guiomar sabia também só, ia á costureira, ao dentista, ao cabeleleiro e ao cinema, sem que o marido soubesse ou estranhasse, quando o sabia.

Carmina Medeiros era fresca e bonita. Cabello á antiga. Sem sobrancelhas em arco vinhetal e sem coração vermelho em distico na bocca sem macula. Simples. Vor sem melodia, arrastada como um som derradeiro de valsa triste.

Não via com bons olhos a prima. Censurava, comigo mesmo, aquelles costumes e excessos, aquelle viver dissoluto que era, aliás, o de toda uma sociedade; e como se se mirasse a si mesma para descobrir defeitos e peccados, considerava-se uma creatura singular, fôra da época, uma creatura que não podia viver no Rio, assim exquisita e retrograda. E um dia em que a sobrinha a convidou a cortar os cabellos e a encarnear as sobrancelhas, ella disse, vendo Guiomar deante do espelho, mirando-se, a polir as unhas compridas: — Não, minha filha. Entre a tua e a minha educação ha uma differença enorme. Fomos educadas em meios desiguais. Differentes.

Num que não evoluiu, noutro que evoluiu demais.

Tu segues uma educação livre e frívola, producto do meio, uma educação que é civilização e perversão. É uma civilizada. Eu sou uma provinciana, uma



Uma Mulher de Antigamente DE CARLOS RUBENS



roceira, educada noutra escola, numa escola que var rareando, e da qual só na provincia ainda vêem-se resquícios.

Noutro ambiente em que mais se crystallizaram as virtudes dos velhos lares brasileiros, dignos e recatados, onde os filhos não se igualam aos paes na liberdade e nos vícios, mas os seguem no caracter sem dobrar, no mutuo respeito e no temor a Deus....

E num desabafo mais longo:

— Onde ha uma distancia que separa os filhos dos paes, onde as creanças não vão á escola como as sirigaitas, não conhecem dancings e as moças se fazem no lar as futuras mães que hoje são vagas reminiscencias das excelsas matronas de outras éras.

— Mas eu estou vivendo o presente. Uso a moda da minha época. Sou actual, aventurei a prima em quem as palavras de Carmina Medeiros não achavam repercussão.

— Frutos do tempo. Malaventurados frutos dos tempos actuaes, em que as raparigas têm nos bondes livros de escriptores fesceninos, se desnudam com escândalo e frequentam logares equívocos. E não têm noção de pudor e de familia....

— O que eu não queria era pertencer á gente antiga... disse rindo, por mofa, Guiomar Mendonça.

— Eu alcancei ainda a educação ao contrario da de agora. Rígida e austera, de obediencia cega. De moral e de honra. Educação provinciana, passadista, que não conhecesse, mas que não produziria a sociedade que ahí está....

Era isso ao entardecer. Guiomar Mendonça estava prompta para sair, metida num lindo vestido branco como de leves gazes fluidas.

As palavras da prima não lhe haviam causado a minima impressão. Era como se nada tivesse ouvido.

Olhou pela janella da casa assobradada e viu lá fôra, na poeira impalpavel de ambar do crepusculo, o mar ondulado, e com languidez, sob o esplendor purpureo do poente. No portão parára um auto côm de malva. Guiomar Mendonça despediu-se apressadamente da prima, abriu a porta e desceu as escadas aos pulos; atravessou o jardim, escancarou o portão e entrou no auto que rodou sob as arvores da Avenida Beira-Mar, rumo não se sabe aonde....

Casa de orates — Muita gente emprega a phrase intelluctivamente, sem, entretanto, conhecer o seu verdadeiro sentido. Sempre que se está no meio de uma balburdia, su de uma grande desorganização, a phrase vem a proposito. Porque assim deve ser uma casa de loccos, que é o significado de casa de orates.

Attila — Entre os nomes incrivelmente lendarios que o passado nos legou atravez da Historia, Attila é, sem duvida, um dos mais celebres. Guerreiro cruel, pos em sobresalto todo o mundo barbaço, agredindo, destruindo, saqueando e incendiando diversas cidades.

Historicamente, é o typo classico do devastador feroz e sanguinario.

Devastou a Europa, como uma verdadeira avalanche. Por onde quer que passasse não ficava pedra sobre pedra. Elle mesmo tinha o orgulho de dizer que "por onde o seu cavallo passasse, a herba não mais medraria".

Chamaram-lhe "o spoite de Deus". Metz, Treves, Strasburgo foram por elle saqueadas. Atravessou a Germania, o Rheno, precipitou-se sobre a Gallia, passou o Sena e marchou sobre o Loire. Os parisienses só não abandonaram a cidade, porque foram detidos pela joven camponesa, que haveria de ser mais tarde a Santa Genoveva — padroeira de Paris. Os imperadores do Oriente e do Occidente da Europa foram por elle submettidos ao pagamento de pesados tributos.

Quiz tomar Orleans.

A população oppoz-lhe tal resistencia que, pela primeira vez, o guerreiro indomavel teve de recuar. Essa retirada, porém ficou assignalada com a celebre batalha da planicie de Chalons, onde, a 21 de Junho de 451 o occidente europeu se livrou do dominio dos hunos.

Em compensação, ficaram em campo, 100.000 cadaveres.

Vencido, Attila reapareceu no anno seguinte, com uma furia incrível. Reduziu a citraas Vincencia, Padua e Verona. Ao avançar sobre Roma, foi detido pelo Papa S. Leão Magno, que conseguiu que elle se retirasse, sob a promessa do pagamento de um forte tributo annual.

Resumida, assim, em poucas linhas a "vida de Attila, o famoso general huno, poder-se-á pensar que elle era um gigante que pereceu em plena batalha.

Nada disso. Era baixo, tinha o peito largo, a cabeça grande, os olhos miudos e a barba muito escassa.

Quanto á sua morte, foi a mais estúpida possível. Atravessando, vencido, o Rheno, viveu os ultimos meses de sua vida ás margens do Danubio, perto de Budapest. Apaixonou-se por uma joven chamada Ildico, com quem se casou. Na noite do casamento, porém, teve uma syncope cardiaca e morreu.

Cesar era tão monstruosamente cruel, que chegou ao extremo de desejar que o povo romano tivesse uma só cabeça para poder decepal-a de um só golpe!

Oderint, dum metuunt é uma das mais celebres phrases attribuidas a Cesar, imperador romano. A crueldade desse homem não tinha limites. Era capaz de tudo. Por isso mesmo, o povo romano tinha d'elle verdadeiro pavor. E era isso justa-

DE TUDO -- PARA TODOS

mente o que elle queria: Detestem-me — dizia — tanto que me respeitem: oderint, dum metuunt!

Cicero, no seu De Officiis, I, 28, 97, registra a expressão, da qual, parece, nenhum outro soberano, nem despota algum, fez uso até hoje.

Caligula era, como se sabe, um apellido dado a Cesar — o monstruoso Imperador Romano Calo — Cesar — Augusto — Germanico.

A origem do apellido é a seguinte: Chamavam-se caligas e eram guarnecidas de pregos as botas militares que usavam os antigos soldados e officiaes romanos — até ao gráo de Centurião — que era o official que commandava cem homens da milicia de Roma.

Cesar creou-se entre esses soldados e, como usasse tambem a sua pequena caliga, deram-lhe o apellido de Caligula, que era o diminutivo de caliga.

Chirêas, como Tribuno romano, praticou na vida, um unico acto que recommendou o seu nome obscuro á Historia: foi elle o assassino de Caligula, no anno de 41, da nossa era.

Livrou Roma da crueldade de Cesar, mas não se livrou do castigo fatal: a morte, por ordem de Claudio, que succedeu a Caligula no Governo.

As nove musas eram as nove deusas, que a mythologia designava para presidir ás artes liberas, especialmente á poesia e á eloquencia. Eram todas lemas, para demonstrar que as Artes se encadeiam, se completam, se prendem umas ás outras, porque são o reflexo de uma mesma origem: a Belleza. Filhas de Jupiter e de Mnemosyne, todas jovens e todas formosas, embora de formosura differente, a cada uma cabia uma missão diversa, não só na terra como no Olympo, cujos festins frequentavam para seu prazer e para gozo dos deuses.

Habitavam com Apollo, o Parnaso, frequentavam o Pindo, o Helicon e o Piero e eram as seguintes:

Clio — que significa, em grego fama, gloria — era a musa da Historia;

Euterpe — em grego, que sabe agradar — porque havia inventado a flauta ou, pelo menos suggerido a sua descoberta, presidia á musica;

Thalia — em grego, florescer — era a deusa da Comedia;

Melbomene — do grego, cantar — presidia á Tragédia;

Terpsichore, era a musa da dança. A palavra, em grego, significa que ama a dança;

Erato — de Eros, amor — inspirava a poesia lyrica ou anacreontica;

Polymnia — de muito e hymno ou canção — era a Rhetorica;

Urania — céu, em grego — dirigia a Astronomia;

Calliope — que significa um bello rosto — era a musa da poesia heroica ou da eloquencia.

A lenda attribue ás nove musas mais de um sobrenome. Em Roma, chamavam-lhes Camenae, que significa agradavel cantoras. Apellidaram-nas tambem Libethrides, por causa do monte Libethris, segundo uns, ou da fonte Libethra, segundo, outros os quaes lhes eram consagrados.

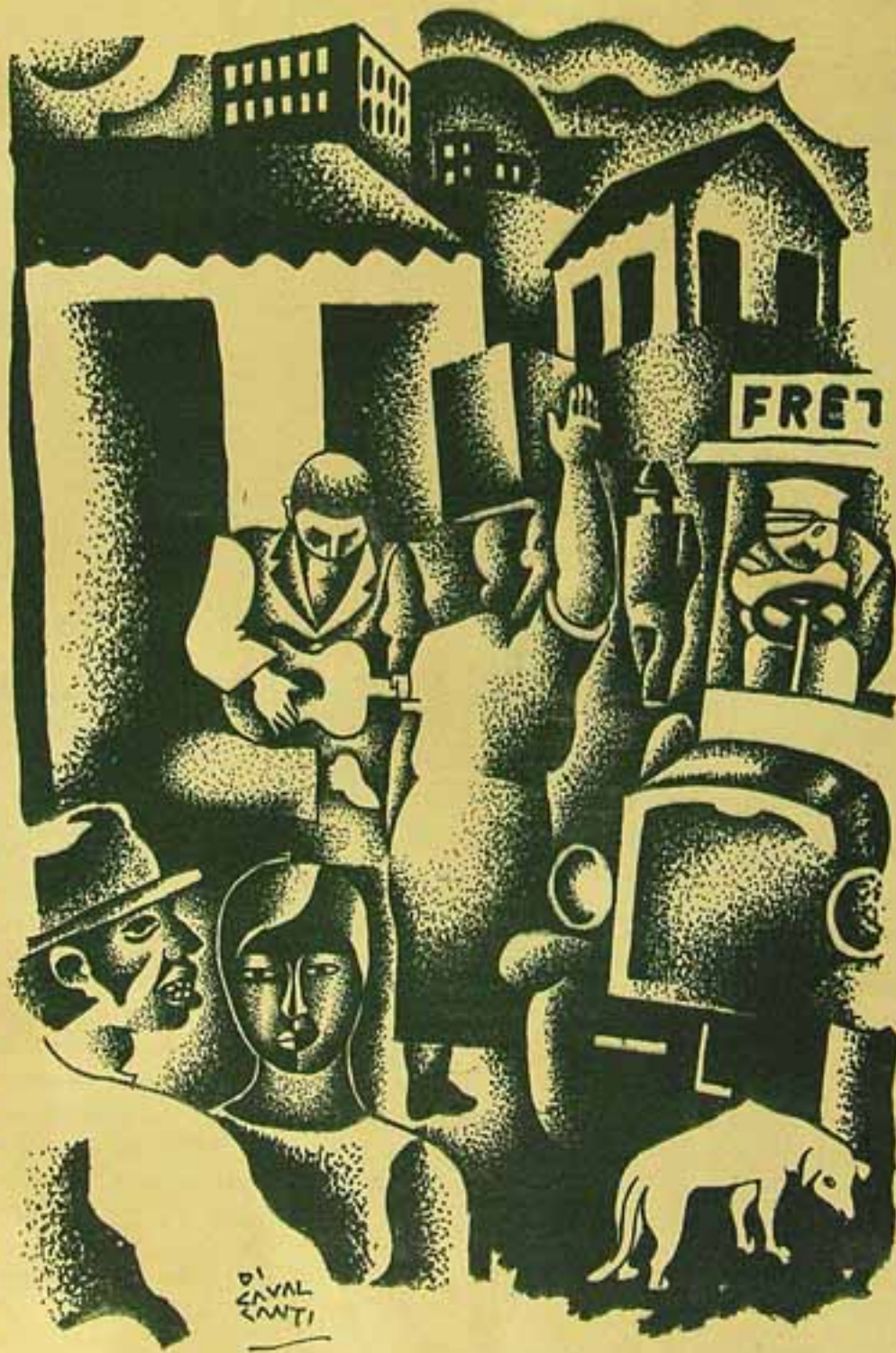
O sobrenome de Pierides é assim explicado: Piero, rei da Macedonia, tinha nove filhas, eximias na Poesia e na Musica. Orgulhosas do seu talento, ellas desafiaram as nove Musas no proprio Parnaso.

Accepta a luta, as Nymphas da região, designadas para arbitros, pronunciaram-se em favor das Musas.

Indignadas com a decisão, as nove filhas de Piero investiram contra as suas rivales. Apollo, porém, interveio e metamorphoseou-as e in pegas, pequenino passaro branco e preto que se encontra em toda parte. Em consequencia de sua victoria, as musas tomaram o sobrenome de Pierides.

As Nove Musas são a eterna fonte de inspiração dos poetas de todos os tempos! porque são "creaturas" que apparecem sempre na nossa phantasia, com uma aureola muito especial de bondade, de graça, de belleza.

Eis por que bem se pôde dizer que as Musas não são nove, mas dez. A decima é a "minha" musa, é a "tua" musa, leitor amigo. E' a creatura do meu e é a do teu sonho, aquella que torna um pouco mais amavel a vida de cada um de nós... E' a mulher que amo, é a mulher que tu amas...



DE MANHA CEDO NO BAIRRO POERE

Desenho de
Di Cavalcanti

A MINHA tia Ursula — chamava-se Ursula, a minha querida tia e estava no seu direito — morreu... Era eu o seu único herdeiro... Ella deixou-me, o que era do seu dever, uma importante usina de capas de borracha (chamadas antigamente guarda-pó e que hoje se chamam em francez ("trench-coat").

Sou "patrão"... Nunca soube coisa alguma a respeito da fabricação da borracha... foi até o que strapalhou o meu diploma de bacharel. Visitei a usina... é muito grande... Pedi para falar ao chefe do serviço de publicidade... um senhor respeitável, decorado com as palmas académicas, respondeu-me que um bom producto não precisava de reclame... e que a casa nunca se havia utilizado de qualquer publicidade... era uma opinião como outra qualquer...



E' talvez por isso que o movimento dos negocios diminua...

Sinto-me com disposições de reformador... e principalmente de dictador!... Vão ver só!

Abri um annuario no artigo "Publicidade". Descobri 14.585 Agencias... E' um officio em que há muita concorrência...

Esta tarde, encontrei um antigo camarada da guerra no terraço de um café... (E' incrível o numero de pessoas tendo feito a guerra!) Elle disse-me: "Bébe, o nosso antigo sargento, sim... Durand, elle acaba de fundar uma pequena casa de publicidade... vas procura-o..." Procurei Durand... Esperei duas horas numa salinha suja, lá para os lados do "faubourg du Temple"...

Durand tem um escriptorio muito bonito, mobilado de uma cadeira capenga e de uma mesa de madeira branca; raspos o bigode e usa oculos...

Disse: "Borracha? Borracha! Vou dar-te já uma idéa para lançar a tua marca!"

Pegou um lapiz e escreveu num bloc esta phrase sybilica:

"Usa-se as capas X... quando chove!..."

Achei isto completamente novo...

Um pouco desiludido, segui pelas



VISITAS

"Boulevards" e encontrei (Céus! como o mundo é pequeno!) um outro camarada. Falamos de negocios, expus o meu caso... Elle disse-me:

"O que procuras ao certo?" — "Idéas"...

— "Então, meu velho, não hesites! dirige-te ao Studio S. N. P."

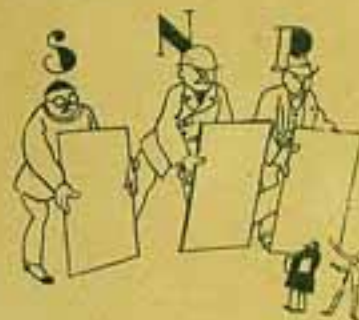
— "O que? respondi". Não comprehendendo nem o latim nem o turco... Studio?... S. N. P.? não comprehendendo..."

Tínhamos chegado em frente ao n.º 11 do "boulevard" dos Italianos.

— "Vês esta casa", disse-me o meu amigo...

— "Sim... é um bello edificio... deve ser uma casa importante!..."

— "Talvez!"



— "Achas, então, que elles se occupariam de mim e do meu caso?..."

— "Nem mais uma palavra", disse o meu amigo... "sobe commigo..."

Escriptorios lindamente installados, acolhida muito amavel... não ha espera...

— "Senhor", disse-me o director, a S. N. P. (e traduzo) A Sociedade Nova de Publicidade põe-se



ao vosso inteiro dispor, elle e o seu Studio.

"Bébe, com certeza, que temos a exclusividade das publicações mais luxuosas de França? Sim: "Femina", Lectures pour Tous", "Je sais tout", "Les Annales..."

"Deseja idéas?"

"O nosso Studio

vende idéas. "Deseja fazer annuncios nos diarios? O nosso Studio se encarregará disso.

"Está ás suas ordens o nosso serviço de estereotypagem, o mais rapido do mundo.

"Deseja isto ou aquelle desenhista da moda? Nós o temos..."

"Não lhe agrada o desenho ou a idéa que lhe submettemos? Promptamente arranfaremos mais..."

"Não são do seu gosto os caracteres typographicos que lhe apresentamos? O nosso Studio os trans-



formará..." Confesso que isto era bastante differente da casa do meu amigo Durand. Sômente, sentia-me angus inquieto...

— "Sr.", disse ao director, "não me atrevo offerecer a uma casa tão importante como a sua, um negocio tão modesto como é o meu..."

— "Sr., para nós não ha pequenos negocios... Interessamo-nos a todos os nossos fregueses indistinctamente. Não tenha a honra de conhecer a sua firma, ignoro até o que vende..."

"O Sr. tem confiança em nós, é quanto basta".

— "Mas si eu pedi idéas, projectos, maquettes... tudo isto vai-me custar horivelmente caro... Supponha que eu não aceite nenhuma!..."

— "Senhor, os projectos executados serão submettidos gratuitamente, e se comprarmos algum da sua parte..." Offerecemos-lhe aqui uma intelligencia geral que pensará por si e um organismo completo e vivo que realizará por si. "Queremos poupar-lhe todos os aborrecimentos, todas as preoccupações... e estou certo que os seus desejos se transformarão immediatamente em ordens que darei ao Studio da S. N. P."

RIO

O S poemas gigantescos e symetricos dos arranha-céus colossaes;
A eloquencia muda e esguamente democratica dos postes de pa-
rada; O luzinar estridente e cauteloso dos "Ford" america-
mente plebeus; contrastando com o deslizar silencioso e elegante dos "Black-
da" aristocraticos...

A opulencia confortavelmente viciosa dos maravilhosos palacios de Copaca-
bana. Os "bungalows" pechisboques, marca "Casa Super", dos burguezes ahas-
taídos e dispepticos;

Damas chiques tauxiadas de brilhante — "diamantes", com tilhairs pecca-
doras "adulteradas" a bistre;

Mulheres do povo de saias de chita e carnção sadicamente honesta.

Ao alto, fulgurando, o sol democrata.

O casario de latas velhas da Favela, onde se entorce, e contorce a tragedia
racial-social da humana grey faminta de alegria doentiamente carnavalesca,
dando-nos a commovente convicção de que nem tudo que reluz é ouro...



C L A U D I N I E R M A R T I N S

PA' DE CAL

O GRANDE DEFEITO DE MADAME

Madame é um céu de esmalte em miniatura:

Fausse-maigre, nervosa, tagarella.

Acho, entretanto, que o marido della

Tem qualquer soffrimento que o tortura.

Por que será? Qual o motivo, se ella

Entre as mulheres puras é a mais pura?

Mas haverá defeito ou mancha escura

Numa mulher perfeita como aquella?

Quem me dirá? Curioso andei nas rodas

Das elegantes, perguntando a todas,

Até que uma mais frivola e mais bronca,

Disse, piscando um olho descarado:

— Acordada, ella é um anjo sem peccado,

Mas quando dorme... que castigo! — Ronca.

A PRINCEZA QUE MORREU DE AMOR

Nunca pensa na idade aquelle que ama,

Que o amor, quando é delirio de verdade,

Tanto em almas velhinhas se derrama

Como nos corações de pouca idade.

Esta que nunca teve mocidade

E' na propria velhice que se inflamma.

Até que a morte abriu a eternidade

Sobre o epilogo triste do seu drama.

Vida sem gloria, corpo sem peccado,

Pobre na eterna vida que não muda,

Foi princeza sem throno e sem passado.

Quem sobre o seu martyrio os olhos ponha,

Verá de que morreu... (Ninguém se illuda!)

Não de amor propriamente... De vergonha.



Campeonato Brasileiro de Foot-ball

PAULISTAS
E
CARIOCAS



CARIOCAS 3



PAULISTAS



Aspectos
da
terceira
partida
de
desempate
domingo
no
campo
do
Fluminense
P. C.



Eu não sei

Parece que lá fóra ha uma cidade que se diverte.

Ha ruas iluminadas, ha gente que passa e que sorri, ha ruido, luz, espectaculos e orquestras.

Uma cidade que se diverte... O Rio, a cidade da alegria... São Paulo, a cidade da tristeza. E' o que dizem nos jornaes. Coisas que dizem sem cabimento. Porque não ha cidades tristes nem cidades alegres. Ha homens que são tristes, nas cidades alegres, e homens que são alegres nas cidades tristes...

Parece que lá fóra ha uma cidade que se diverte...

Prefiro o silencio que existe aqui dentro, neste "hall". Estas poltronas macias que bocejam. A indiferença daquelle inglez que bebe "whisky" e consegue interessar-se pelo que Kipling escreve. Esta penumbra e este silencio.

Por que?

Não sei...

— E o romance?

— Que romance?

— O romance daquella mulher que te mandava declarações pelo telegrapho e retratos pelo avião?

— Não sei...

— Não mandou mais nada?

— Não...

— Não deu mais signal de vida?

— Seu...

— Como?

— Chegou. Anda por ahí...

— E não disse porque não mandou mais retratos nem escreveu?

— Não...

— Você não perguntou?

— Não...

— Quem sabe se não se acabou o romance?

— Não sei...

— Nem quer saber?

— Se ella quizer contar...

— Mas você não se interessa, não sente qualquer coisa?

— Não sei...

— E' estranho!

— Muito...

— Parece que você leu Nietzsche...

— Infelizmente...

— Infelizmente? Ah! se eu pudesse ter essa indiferença de não querer saber porque é que as coisas acontecem ou não acontecem...

— Que é que aconteceria?

— Eu seria o homem mais feliz do mundo...

— Pois eu não sou...

— Por que?

— Não sei... Talvez por isso mesmo...

B R A S I L

G E R S O N



A. FIGUEIREDO PIMENTEL

nosso querido camarada, secretario d'"O Jornal", escreveu para "Para todos..."

Castellos de areia

Eu nasci em Icarahy, numa casinha branca, perto do mar.

Quando eu era criança brincava na praia fazendo montanhas de areia. E ficava zangado quando as ondas brancas vinham devagarinho desmanchar o que eu fazia.

Nunca mais perdi o habito de brincar de fazer castellos de areia. Tenho construido palacios feudaes, e sonhado com princezas e pastoras... Mas o turbilhão da vida, como as ondas de Icarahy, desfaz o meu sonho que eu sonho acordado.

Hoje, na mesma praia, e depois de uma ausencia de 30 annos, escrevo o teu nome na areia de prata, e as ondas apagam as letras de ouro que eu trago gravadas no meu coração...

O mar sempre brigou commigo. Mas eu te amo, ó mar bravo! Eu te amo porque tu tens alma de mulher.

Eu quero ser sepultado, num dia de sol, por tuas ondas verdes debruadas de branco. Eu quero que tu escondas o meu corpo no pélagio profundo do teu coração.

Scena de rua

Uma rua bem carioca, bem nossa. Sentimos em seu nome o Brasil, todinho, sem faltar nada. Como é o nome? Jacarehy. Existe? Sim, nos suburbios. Procurem bem. Ha nella casinhotos pobres, quasi a cair, pardieiros cujo valor está nos quintalejos opulentos de arvores de fructo. E o céu azul? Que tecto bonito, um céu de verão nosso... Melhor do que a famosa abobada da oriental Santa Sophia. Isso nem se discute!

A rua é calçada de pedras irregulares e tem altos e baixos, anda sluggingando um recanto da velha Constantinopla. Quanta poesia em tudo... Embora a gente tropece e machuque os callos, o panorama encanta os olhos: e a gente esquece os pés pelos olhos...

Passa um mulato pernóstico, mãos nos bolsos, sem chapéu, sem sapatos, a beicola apinhada assobiando uma canção de Heckel Tavares. Avista, no caminho, um velhote casmurro que não gosta de ser chamado de um certo modo. E' scisma delie. O cabra vai passando e, ao dobrar uma esquina, grita em voz cavernosa: — Gavião de pennacho! — O velhote sapateia de raiva e começa a xingar...

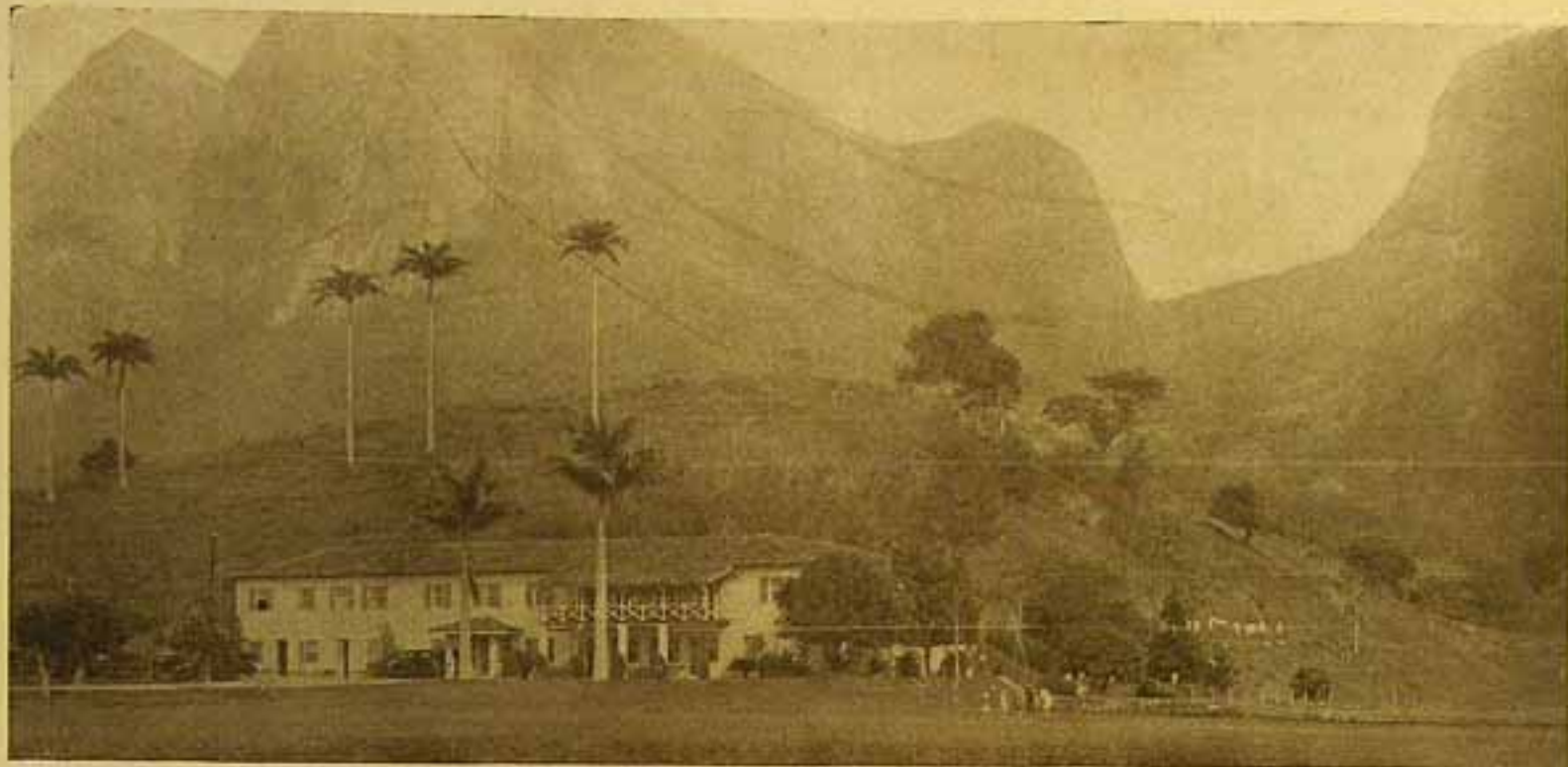
Mais adeante, duas lavadeiras conversam, trouxas no cocoruto do craneo. Uma é terrivelmente magra e a outra é desesperadamente gorda. — Pois é isso, comadre, você nem imagina! Olhe que acharam um defunto dentro da caixa da-gua do Chororó! A água que a gente bebe! —

— Que horror! E os mata-mosquitos?! Levaram lá p'ra casa uma tina de barrigudinhos, p'ra mode dar cabo dos mosquitos, e eu é que vou gastar dinheiro com camarão secco p'ros pelxes comer! —

— Desaforo, Nha Zefa! — Acolá, dois garotinhos brincam, sujos, semi-nús, um de cor tianada e outro dono de uma basta gaforinha lou-ra, á lusitana. Arranca, perto delles, um auto-caminhão, arfante, detonante, buznan-te. O louro apanha uma pedrinha. Tem dois annos só. Faz o gesto de atirar-a ao vehiculo pesado. Mas o vento dá, a pedrinha rico-cheta, e bate na cabecinha dourada... Que susto e que dôr! Eil-o começa a chorar, esfregando o dodóe, e enternecendo o coração de quem assiste á scena!

Rua Jacarehy... Que saudade, ruazinha de suburbio, rica de sol, de ver-dura e de céu!

Marina Coelho Cintra.



A sede na antiga Fazenda da City

G A V E A G O L F C L U B

O GRANDE publico do Rio de Janeiro mal tem noticia da existencia do Gavea Golf and Country Club. Menor ainda é o numero dos que o conhecem em sua maravilhosa situação topographica, occupando vastissima e aprazivel chacara impressada entre a praia e as montanhas da Gavea. Ali, outr'ora, pastaram prosaica e philosophicamente os burricos da City Improve-



Cinco amadores tentando o 9º buraco em quatro stroks

Senhor Date, senhora Lee, senhores Hylander e Lee

ments. Ali, actualmente, se refugiam os *gentlemen* affeição-dos ao nobre jogo dos estadistas, dos banqueiros e dos principes...

Clemenceau, até bem pouco antes de se finar, foi um amador ardoroso do Golf. Rockefeller octogenario e senhor de milhões de dollars, pratica com benedictina persistencia o Sport a que Alberto I, da Belgica, empresta o popular pres-

Senhores Mortiner, Smith, Mc. Fie e J. Armstrong Read





Senhor Myron Marvin

tigio de sua realza lendaria e heroica...

O CAMPO DE GOLF

O link do Gavea Golf and Country Club é identico ao de todos os demais campos do jogo escocês. Leva-lhes vantagem, a maioria delles, na particularidade de ter sido trabalhados pela propria natureza os innumerables obstaculos característicos de um campo de golf: grotões, bosques, morros... Também na extensão. Em via de regra os links europeus, situados em pequenos terrenos, comportam apenas 9 buracos, ou *holes*, profundos de 10 centímetros mais ou menos, cavados a distancias irregulares variando de 100 a 500 metros. Neste caso os jogadores são obrigados a percorrer duas vezes os 9 *holes* para perfazerem o numero de 18, um match completo. O nosso link tem 18 *holes*.

Esses buracos são dispostos de maneira que o ultimo esteja proximo ao primeiro, afim de que os jogadores, depois de terem percorrido a série de *holes*, cada um assinalado com uma bandeirinha, voltem ao ponto de partida. O

jogador deve, com auxilio da bengala, chamada *club*,

metter successivamente em cada buraco uma pequena bola de borracha. Ganha a partida aquelle que metter a bola nos *holes* em menor numero de lances, ou *swings*.

As bengalas são de formas variadas, apropriada cada uma a determinada condição de terreno: grotão, morro, plano, gramado, etc. Designam-se também por nomes diferentes: *driver*, *brassie*, *spoon*, *putter*, *mashie*, *iron*, *niblick*... O *caddie*, ajudante do golfista, conduz no *bag*, ou sacco, essas bengalas diversas que como se disse acima, têm o nome commum de *clubs*. As partidas são jogadas entre dois, tres e quatro amadores, cada um jogando para si.

UMA MANHÃ DE JOGO NA GAVEA

Sabemos já, em linhas largas, em que consiste um link como se joga um *match* de golf. Entremos agora na risonha intimidade dos *gentlemen*... Quem visita pela primeira vez a antiga fazenda da City Improvements, não póde menos que entoar um



Sahindo do tee

Um full swing feminino



Fairway numero 2

A lição





appetitivo

serviço. Ficam ali presos até serem chamados. Esperam a ordem do guarda, pacientemente. Mas, às vezes, também desesperam... E' quando o guarda mostra para que serve. Coça-lhes a impaciência com a varinha de marmello... Ao lado do edifício do Club, de construção modesta, mas confortável — a piscina, com água limpíssima, descida das montanhas.

Lá dentro, o salão de refeições e dansas, o bar, o vestiário, banheiros de chuva...

ALMA DE GARROCHE

O golf constitui para os *caddies* uma excelente escola, a um tempo de educação e bom humor. A maioria fala já o inglês técnico do jogo. Meia dúzia de termos, apenas. Mas o suficiente para lhes revelar a inteligência vivaz e assimiladora, que os estrangeiros admiram.

Quando o jogador vai fazer o seu *swing*, previne antes, para que a pelota não atinja a alguém:

hymno de louvor á Natureza, bendizendo-lhe a arte decorativa ali posta nas verdes e bravas serranias, na rustica amplidão do oceano que fecham o horizonte daquelle recanto soberbo da terra carioca.

A' distancia, vultos humanos sobem e descem morros. São os golfistas seguidos pelos *caddies*, ou, antes, delles precedidos.

Antes de se chegar á sede social, deante da qual se alinham os autos particulares dos golfistas madrugadores, passa-se pelos *courts* de tennis, pelo campo de polo que relembra a sociedade desse sport ali existente outr'ora e ha poucos annos fundida com o Golf Club, pela casinhola dos *caddies*... Um bom homem, simples e encantador na compenetração de sua autoridade, guarda a porta da casinha, impedindo que os garotos invadam o link, interrompendo os jogadores, antes que os seus serviços sejam pedidos. São pequenos vadios por falta de que lhe dêem o que fazer, apanhados nas "favellas" arenosas de Ipanema e Leblon. Antes de romper o dia os caminhões de que para isso dispõe o Club correm as praias, arrebanhando *caddies*. Conhecem já o



Sahida do primeiro tee

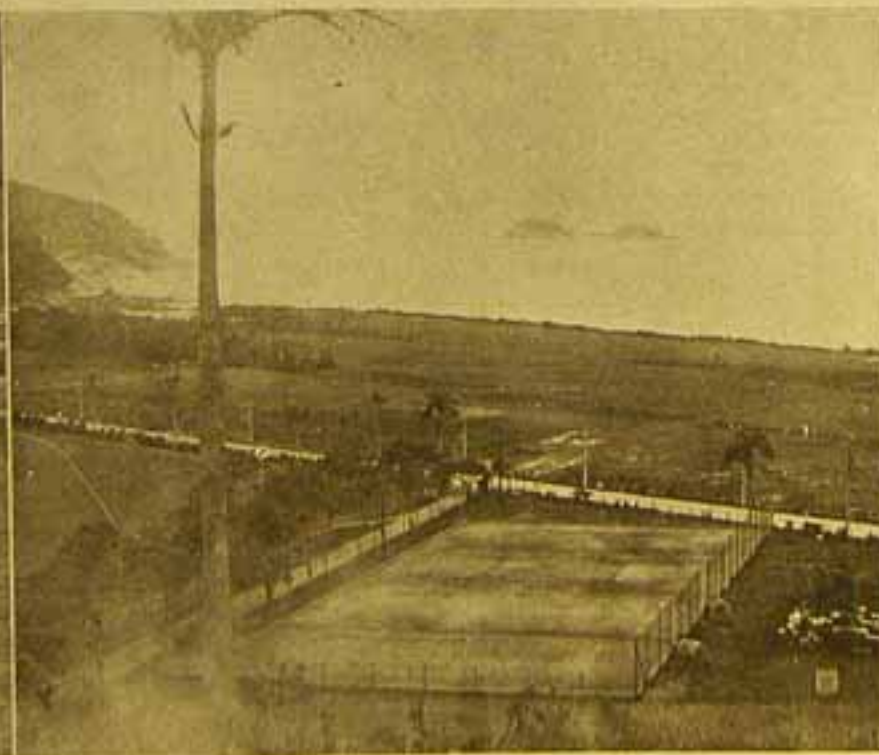


Uma cheg

dal de Mr. Kepp

Quadras de tennis

Senhor Luiz de Souza e Silva





Uma jogadora que ainda não joga

— Fowrd!

O *caddie*, que caminha adeante, para observar onde vai cair a bola, responde em bom inglês:

— Go head!

Mas os pequenos gavroches não deixaram á entrada do link o espirito galhofeiro da rua; vingam por vezes, nos golfistas, as impertinências de que antes foram victimas por parte do guarda.

E' de praxe e bom tom, quando um jogador atira a pelota a grande distancia, gritarem os outros, á guisa de cumprimento:

— Good Shot!

O *caddie* vai assimilando essas boas maneiras. Põem-lhes, entretanto, um pouco de cor local, enganando o ouvido do estrangeiro, que se acha á distancia:

— Good "pichote"!...

E o inglês, ou americano, convenientemente:

— Thank you!

OS TIMIDOS E OS "PHOCAS"

Como jogo que é, não poderia o golf deixar de soffrer as influencias do azar. Ha dias em que os melhores golfistas "jogam pedra", como se diria na gyrria do foot-ball... Não aceitam elles, porém, a falta de *performance*, como um incidente natural. Procuram attribui-lo a influencias externas, como, por exemplo, ao facto de terem passado a noite anterior em claro, dansando... E' a desculpa preferida, que se tornou proverbial ao ponto de a anteciparem os companheiros do amator que começa a claudicar nos *swings*, antes magistraes.

A classe dos timidos não é das mais numerosas. Della se destacam o commandante Pereira da Cunha e o Sr. Renault Lage, que só jogam bem... quando ninguem vê. Os espectadores, mórmente quando são moças, tornam-n'os sem geito até para pegarem no *club*. Fazem o *swing*, arrancam a grama, enchem de terra os olhos dos que lhes estão ao pé... e a bola não se move.

Nesses momentos um espectador estranho os tomaria por authenticos "phocas". Mas não o são. Mais "phocas" poderão parecer os chamados "campeões de grande distancia", cuja presença no link põe logo em desasocego os proprietarios dos automoveis parados em frente á séde. Se o quizessem realmente, não acertariam tão bem nos vidros e para-brisas dos carros... São estes, também, os fornecedores de costeletas de carneiro ao restaurant do Club. Quan-



Aprendendo a dar na bola

do não espatifam os vidros dos autos, o pelotão vai quebrar a perna a um carneirinho, condemnando-o, deste modo, ao garfo do cozinheiro... Homens temíveis!

Tão temíveis quanto os "contadores em causa propria". Estes fazem dez e doze *swings* dentro de um grão, olhando sempre, espantadamente, para os lados. Não os esteja alguem observando... Quando surgem depois de um bom quarto de hora, suados e sorridentes, affirmam terem tirado a bola com quatro jogadas.

Um *gentlemen* não mente. Menos ainda furtaria no jogo!



No Instituto de Musica quando foi a collação de grão dos novos bachareis em Direito



O portico da terra prometida

A rua Visconde de Parnaíba são dois renques de cochichos que se iniciam no parque Pedro II e vão ter sum'ço na colmeia inquieta que é o Belémzinho, depois de torcicolarem por ali em ângulos desorientadores. Nella se agita uma multidão de homens, mulheres e crianças, que, não tendo em casa, ou melhor, no quarto (pois tudo são cortiços) lugar onde possam permanecer mais à vontade, vêm para a rua, estreita embora e mal calçada e suja, mas em todo caso varrida de ventos e exposta ao sol — alma da vida. Ha também fabricas de varios artefactos, que se apertam em desvãos de lares pobres, mas não impressionam. São anonymsas, hum'ides, pobres como os que as tiraram do nada. Ha armazens enormes, onde se recolhem mercadorias que vão abastecer a cidade. São vastos, são escuros, são soturnos. Não têm, porém, um nada que os distinga. Igualam-se pela pobreza de caracteristicos, á serie immensa de miserios casebres. As linhas ferreas, com o seu lantejoular de lampadas coloridas, abrem frinchas alegres nessa sombria paisagem. E os trens passam rascantes, numa vert'gem fantástica, cheios de sonhos, cheios de desillusão. Estes vêm de longe, do mundo, trazendo uma bagagem de castellos. Aquelles desertam do meio em que viviam, cansados da luta e com um pouco de animo para enfrentar a nova actividade a que o destino os atrá. Castellos e sonhos e desillusões estão, porém, aqui, nesta casa que é a unica nota destacada no concerto de miserias. Os muros estão esverdinhados. São altos como os de uma prisão e nelles se abre largo portico a cujo pé estaciona o bonde. Ao alto, um relógio morribento pinga as horas com uma monotonia enfadonha. E' a hospedaria de imm'grantes. Lá dentro, ha sempre uma promiscuidade de linguas e dialectos. Gente oriunda de varias partes do mundo ali se encontra tangida de uma grande sede de melhorar de vida. A Chanaan de seus sonhos está nos cafezaes verdejantes de São Paulo. Para elles se atiram na incerteza do dia de amanhã. Quem lhes diz que a sorte ha de ser propicia? Ninguém. Mas ha uma quasi certeza nos seus designios. Se tanta gente enriquece facilmente, por que não hão de elles enriquecer também e padecer menos? Capital trazem-no na pujança da saude, na rijexa dos musculos, na vontade ferrea de vencer. Na verdade, aquelle soturno casarão, que só o é no aspecto exterior, tem sido a ante-câmara de muita fortuna que por ali estadela. E ninguém decerto verá nisto menosprezo. Já se completaram 42 annos que começou a funcionar. A 5 de Junho de 1887, entrava a primeira turma de imm'grantes. E outras vieram a seguir até nossos dias, sem solução de continuidade. Todas as raças se representaram, até mesmo o nosso pobre homem do Norte e do Nordeste que, fugindo á terra madrastra, vêm no encalço das apreguadas benezes que do sólo paulista jorram. São Paulo, mercê da collaboração de gentes de todas as patrias aqui radicadas a pouco e pouco, guiadas pelo genio emprehendedor do paulista, é hoje isso que nós estamos cansados de ouvir... Vale, pois, como um symbolo aquelle soturno casarão, naquella rua pobre, mas tão cheia de vida. A' sua entrada, poder-se-iam gravar estas palavras: "Aqui começa a Terra Promettida..."



Deputado Souza Filho, representante de Pernambuco, na Camara Federal e um dos grandes oradores do Congresso. Foi morto, depois de lamentavel discussão, pelo seu collega Simões Lopes, ex-ministro da Agricultura e deputado pelo Rio Grande do Sul. Em cima, a sahida do corpo de Souza Filho da Camara para bordo do navio que o levou á sua terra natal.



Collegio Anglo Americano

A collação de grão com que o grande estabelecimento de ensino da Praia de Botafogo encerrou o anno lectivo de 1929, constituiu o acontecimento mundano marcante da ul-



tima semana. São aspectos diversos dessa festa collegial, terminada com encantadora soirée dansante, que reproduzem



as photographias desta pagina.

E DUCARAM-ME muito bem. Como prova de uma afirmação tão categorica basta dizer que tinha pouco mais de treze annos quando meu pae, partidario do systema suave e progressivo, fez-me beber um calice cheio de vinho cor de ouro recebido do seu torrão natal: o moscatel de Frontignan.

Foi um choque voluptuoso como que uma iluminação no paladar! Esta consagração tornou-me para sempre apta a beber vinho. Mais tarde aprendi a esvasiar o meu copinho de vinho quente aromatizado de canella e limão depois de um jantar composto de castanhas cozidas. Na idade em que mal se sabe ler, bebia gorta a gorta os "Bordeaux" velhos, rubros e leves, e os "Yquem" luminosos. Chegou a vez do "Champagne" nos banquetes de anniversario e de primeira communhão, estus-ante de espuma. Essa iniciação sabia e proveitosa ensinou-me a usar do vinho com moderação, a saborear o aos goles em copos estreitos, em vez de tragal-o como uma bebida vulgar.

Entre os 11 e os 15 annos essa parte da minha educação foi ainda aperfeiçoada. Minha mãe, receando que me tornasse palida com o crescimento, foi retirando as garrafas, uma a uma, da arca da adega cavada no granito, onde envelheciam; quando me lembro, até me vem a agua á bocca. Jantava, ao voltar da escola, uma costeletta, ou um quarto de frango frio ou então um desses queijos duros cozidos na cinza e que se parte com um sócco como se fôra vidro; bebia então dos vinhos que os "Prussianos" não haviam levado em 70: "Château-Lafite", "Château-Fafitte", "Chambertin", "Corton". Alguns vinhos já descorados tinham ainda tanto perfume como uma rosa morta; no fundo das garrafas ficava depositado um pó escuro que as tingia, sem, contudo, suprimir-lhes a qualidade de estimulante. Que bom tempo! Acabei com o que havia de mais fino na adega de meu pae, copinho por copinho, deliciosamente. Minha mãe arrolhava a garrafa encetada e admirava nas minhas faces a virtude dos vinhos de França.

Felizes as creanças que não bebem durante as refeições grandes copos de agua vinhada, o que só lhes pode causar dilatação de estomago!



Bem fazem os paes que dão a seus filhos um dedinho de vinho puro, — "puro" na acceção mais elevada — dizendo-lhes: "Fôra das refeições, tendes a bomba, a bica, a fonte, o filtro. A agua é para estancar a sede. O vinho, conforme sua qualidade e sua origem é um tonico necessario, um lúceo, a honra dos acepipes."

O vinho em si é um alimento. Bom tempo aquelle em que alguns borguinhões da minha aldeia se reuniam em torno de uma garrafa coberta de pó de teias de aranha diziam, fazendo



O Momento de Gloria dos bons vinhos

o gesto de atirar um beijo: "Um nectar!" Não acham que estou no meu elemento escrevendo sobre o vinho? E alguma coisa saber desprezar desde criança, tanto os que não bebem vinho como os que o bebem demais.

A vinha e o vinho constituem grandes mysterios. Só a vinha nos faz comprehender o que é, na natureza, o verdadeiro encanto da terra. Pelo cacho de uvas ella sente e traduz os segredos do solo. Ficamos sabendo, graças a ella, que o sileo é substancia viva, fusivel alimenticia. A cal transforma-se em lagrimas de ouro. Um cepo de vinho, transplantado longe da terra em que nasceu, luta para conservar o seu sabor original e ás vezes chega a triumphar de poderosas combinações chimico-mineraes. Um vinho branco que se colhe perto de Alger ainda mostra que teve um enxerto de Bordéus que lhe infusou o assucar necessario, tornou-o mais leve e alegre. Um vinho secco que dá no alto de um planalto estreito e rochoso em "Château-Chalon", enxertado com o Madeira fica mais colorido e mais ardente.

Dos bagos pesados, de agata transparente, ou azul sapicada de prata, o olhar vae até o tronco desnudo, qual serpente lenhosa, apertado entre duas rochas; de que se alimenta, por exemplo, este pé de vinha meridional que não sabe o que é chuva, preso somente por uns filamentos de raizes? O orvalho á noite, o sol de dia, bastam — o fogo de um astro, a essencia de outro astro. — que maravilha...

Que dia sem nuvens, que chuva suave e tardia decidem que no anno a vindima será mais abundante que nos outros? A solicitude dos homens quasi nada pode, ahí tudo é feticçaria, passagem de planeta, manchas solares.

Acompanhai com o dedo, caras leitoras, nos mappas feitos por Martin, sob as vistas de Nectar, o "palmares" dos "annos" pois diz-se simplesmente "annos". Aprende a chronologia vinicola e a ladainha dos Santos Estevam, Juliano e Emiliano... A moda assim o quer. Si — ainda em nome da moda — não comeis bastante, em compensação bebei muito desde algum tempo. Falta-vos, porém, o saber discernir; estes graphismos vos auxiliarão. Dizendo os nomes de nossas provincias e de suas cidades entoamos louvores ás vinhas veneraveis. O espirito e o corpo, acreditae, ganham em provar o vinho no proprio local em que é colhido. Uma

peregrinação intelligente reserva surpresas agradaveis. Vinho novo provado á luz azulada da adega, evoca uma menina do Aujou, com os cabellos em desalinho, num carramanchão á beira da estrada poeirenta, numa tarde de verão carregada de electricidade; — reliquias achadas numa velha despensa onde foram esquecidas... De uma despensa dessas na "Franch-Comté" fugi, uma vez, como se tivesse roubado um thesouro... De outra vez, encontrei seis garrafas cheias entre outras vasilhas vendidas em leilão com uma mobilia meia quebrada, no meio da praça de uma aldeia; essas garrafas continham o vinho de "Jurançon", que assemelha a um principe imperioso, enflammado, trahidor como todos os grandes seductores. Mais e melhor do que um professor, essas seis garrafas despertaram em mim a curiosidade de conhecer a sua terra natal. Reconheço que não está ao alcance de todos aprender geographia por esse meio. E quelle vinho esplendido que bebemos um dia na sala baixa de uma hospedaria, tão escura que ficamos até hoje, sem saber de que cor era o vinho! Assim também uma viajante guarda a lebrança de uma surpresa nocturna, do desconhecido de rosto occulto que só se deu a conhecer pelo seu beijo.

O snobismo gastronomico tem multiplicado o numero de hospedarias e de albergues de uma maneira nunca vista. O vinho está sendo venerado como um deus; fé ainda pouco esclarecida, é verdade, fé confessada por boccas estragadas por mal e um "cocktails", por aperitivos venenosos, bebidas alcoolizadas em alto grau. Esperemos que volte a sciencia de beber! Apesar da idade, posso dar o exemplo de um estomago perfeito, de um figado excellente, de um paladar delicado, tudo isto conservado pelo vinho. Enche, pois Nectar, este copo que ora te estendo. Copo fino e simples como as gottas, espuma leve, irizada pelas cambiantes sanguineas de um velho Borgonha, pelo topario de um "Yquem", pelo rubi arroxeado de um "Bordeaux" com perfume de violeta...

E que a tua cabeça magra e escura de habitante de adega me faça um signal de aviso quando eu trocar o copo de crystal por um vi-



dro grosso; bem sabes que tenho em reserva, numa praça do sul, uma serie de garrafas empilhadas. Uma vindima os enche, a seguinte os acha vazios e torna a enchê-los. Não desdenhes, senhor de vinhos finos, estes vinhos de passagem: são claros, secco, variados, bebem-se facilmente e não fazem mal aos rins. Embora quente e mesmo em dias de verão, estamos habituados lá no sul a tomar esse vinho em grande quantidade, vinho que dá sensação de repouso e que deixa um sabor de moscatel e de madeira de cedro...

A illusão de uma felicidade que não existe

B. R. R. O. S.
P. O. R. V. I. D. E. L.

DENTRO desta grande cidade de magnificências e esplendores palpita uma outra cidade de misérias e dramas. Em cada uma das suas ruas, desde as vestidas com a gala das "vitruínas" luxuosas e calçadas com o reluzente mosaico até as despididas de atavies e com os pés descalços, metidos na poeira eterna, há um mundo que sofre e se define. E cada homem que passa é uma personagem dessa tragédia que o destino prepara para cada um de nós, com os requintes mais apurados e os cenários mais vivos: a luta pela vida.

E para viver dentro dessa cidade maldita, que é a alma dessa outra cidade maravilhosa; para sentir bem do seu ritmo e o desenvolvimento dos seus dias, basta perder-se pelos vagabundos por qualquer dos seus recantos, como começamos a fazer agora, errando pelas ruas do centro, procurando desafilar as máscaras da hipocrisia que occultam physiognomias vencidas, desmanchar sorrisos mentirosos e apagar lampejos fingidos de olhos que, reflectindo dramas interiores, só devem chorar...

E' por isso que, na tarde de hontem, fomos visitar esse mundo de sofrimentos e desilusão que se agita nesse outro mundo de riquezas e de falsa felicidade...

Num crescendo de agitação, a Avenida Rio Branco vive a sua hora mais forte. Move-se um mar humano de cabeças que lhes inundam as calçadas, n'uma variedade estonteante de cores e tipos. As "vitruínas" rebrilham, exhibindo a vaidade, a riqueza e o esplendor nas suas multiplas formas e atraindo as atenções da maioria dos que passam. E' difficil precisar-se um detalhe do grande conjunto que se move, que se renova estuante. A nota gritante do vermelho de um vestido desaparece numa onda onde o preto e o azul perfumam a primazia do branco. Há no ar um ruído que se não define bem, porque na sua symphonia entram a violencia do barulho do fononar dos automoveis e das ferragens dos vehiculos pesados e a doçura das palavras dos que passam dialogando, dos vendedores de jornais e das gargalhadas que espocam no ar. E, numa extensa linha, se agitam, em grupos, os que preferem as emoções dessa "vitruína" ambulante que corre aos seus olhos, mais attractante, sem duvida, que as das lojas abertas de par em par com os seus artigos pendurados pelas paredes e pelas portas. As ondas se esbóam em todas as direcções e se renovam constantemente, num turbilhão vertiginoso e arrebatador.

A tarde começa a cair e a densa echarpe que a deliciosa penumbra traz é fúgo e rasga pelo claro que realimenta e revigora o mar tumultuoso e humano. Vem a noite sem trevas, cheia desse sol azul das lampadarias em fila que substitue o sol lá das alturas...

O movimento, insensivelmente, vai declinando. Já há claros na multidão. Já se podem colher minucias no grande conjunto que se desarticula. Para no grande palco que se vai esvaziando, uma mulher morena, que a agua oxygenada alourou. Leva nos braços e no collo pedrarias faiscantes tão falsas como a cor dos seus cabelos e — quem sabe? — como as palavras que lhe sahem dos labios. Tem um ar de felicidade que não goza e um gozo de quem finge ter illusão ainda. Vai andando e nos emburlosos que se prendem aos seus dedos finos e objecto dá a impressão de levar um joia ou um objecto fino, quando, em realidade, carrega ali um pouco de salame para o jantar dos pratos azuis. E se os olhos que a miram e que lhe rasgam as sedas para devassar-lhe os encantos interiores se alongassem até á casa do commodor, onde esconde a miseria disfarçada naquelle luxo, lhe descobriam, também, é certo, a tragédia das desculpas pela prestação atrasada, pela letra vencida e pela victrola que, espalhando sons para deslumbrar a vizinhança, ainda não foi paga.

E por todos julgarem-na feliz ella vai seguindo, olhando os mostruários, deixando-se elhar como mostruário que é, também. Não viaja mais de bonde. Viaja de omnibus, porque é chic. A differença se faz sentir lá em casa, no pão, embora o filhinho predestinado para a Desgraça reclame e diga, em lagrimas, que tem fome... Fome, em casa, não faz mal porque... ninguém vê. O que todos vêem é a apparencia e em holocausto desta a fome pôde ser supportada. E, com a tragédia intima que se exterioriza num sorriso de felicidade e ao milagre da hypocrisia maior, ella se perde entre a multidão que espera o omnibus na porta do Club Naval. Mas o palco volta a animar-se com o cavalleiro elegante que surge no "aplomb" do seu terro talhado a rigor. O seu drama, elle o occulto e offerece á visão do conforto, da fartura e do bem-estar, bem-estar que vive na imaginação dos que o invejam, fartura que nunca teve e conforto que sempre sonha... E a força animadora daquelle grandeza soberba é a fragilidade dos braços magros que arrancam nickels na costura que a acubará matando. E' a esposa martyr que faz do seu sacrificio o pedestal daquelle apogeo.

Não sahe de casa porque não tem roupas para vestir, vestido áquelle que lhe arranca mais que o dinheiro e quasi a vida — lhe arranca lagrimas. A' hora do jantar não ha um pão. A principio o padreiro fia, mas a dívida, num crescendo assustador, fecha mais essa porta de desafogo.

E assim a tortura cresce, o dinheiro diminui, a Tragedia continui. Não ha mais palavras naquelles labios tremulos. Só ha lagrimas naquelles olhos tristes. E enquanto a força daquelle grandeza se define — ella avulta no homem que passa, sorrindo.

Compra cigarros caros e charutos finos. Vai ao cabellereiro mais elegante e entrega as unhas á "manicure" mais "chic".

Entra, agora, no "bar".

Appetitivo. Palestra. Futilidades e mentiras.

E, mais tarde, mal drampõe os humbrades do quarto pobre não sorri mais e, dramatizando attitudes, collocando ao rosto a mascara de um desanimo que está

longe de ter, castiga o infortunio da companheira que soffre por elle e pelo proprio destino, dizendo que perdêra passos preciosos procurando emprego. Nada. A Humanidade é muito desigual e egoista...

Uma esmolinha, pelo amor de Deus!

O velho entra no scenario. Recusa dar a esmola que a creança pobre lhe pediu. Mostra nos olhos um lampejo de odio. E' rico, é pai e avô. Olha para todos os lados e fixa as silhuetas femininas que se cruzam com elle. Ha momentos em que allucina o olhar tantas as creaturas deliciosas que vão passando.

Se seus olhos tivessem mãos... Dotém, agora, os passos numa esquina. Ponto astrategico. E, desrepeitando a propria velhice tão respeitada lá em casa onde apparece aos olhos da familia como outro homem diferente, sorri aos gracejos que distribue, aos galanteios com qua as-

(Termina
no fim
do
numero)



A VIRGEM E O MENINO
DE HANS MEMLING,
PRIMITIVO FLAMENGO
NASCEU EM 1435.
MORREU EM 1494.

O AZUL profundo do mar e do céu parecia entrar pelas portas e janelas abertas e pela comprida varanda de columnas do café daquela aldeia Tartara. A brisa fresca do mar atraía as janelas e a varanda muitos freguezes que ali bebiam o seu café. Até o proprietário, o coxo Memet, que nunca perdia de vista os seus freguezes, gritou ao seu irmão mais moço: "Jepar, um café — dois cafés!" e encaminhava-se para a porta para tomar ar, tirando o turbante Tartaro da sua cabeça raspada. Enquanto Jepar, sufocado com o calor, aticava o fogo do fogão e sacudia o pote, afim de obter um café com bastante espuma, Memet examinava o mar. "Vamos ter tempestade", disse ele sem se voltar, "o vento está aumentando. Estão recolhendo as velas daquele navio".

Num grande navio negro que da praia parecia uma tampa de barril, recolhiam as velas. Enfunadas pelo vento pareciam grandes passaros brancos.

"Vem na nossa direcção!" disse Jepar. "Reconheço o navio. O Grego trouxe sal".

Esta noticia era de grande importancia para Memet, pois além de ser proprietário do café, era açougueiro e dono da unica loja da aldeia.

Memet sahia correndo do café. Seus freguezes esvaziaram apressadamente suas chicaras e seguiram-no pela rua estreita e escarpada que rodeava a mesquita e pelo caminho de pedra que descia para o mar.

O navio, espadando a agua como um porco marinho, ia e vinha, sem conseguir alcançar a praia. O velho grego de cabelos grisalhos e o seu joven criado turco, um rapaz alto e bem feito, remaram até ficarem exhaustos, mas não conseguiram levar o navio até a areia. Finalmente, o grego lançou a ancora na agua, enquanto o turco tirava os sapatos e as meias e enrolava as calças amarellas acima dos joelhos. As ondas azues colavam, quebrando-se na praia aos pés dos tartaros que olhavam a scena, e voltavam com fragor estrondoso.

"Está prompto, Ali?" gritou o grego ao seu criado. Ali respondeu galgando a amurada do navio e saltando na agua. Agarrou um sacco de sal, collocou-o ao hombro e correu para a praia. Sua figura esbelta, suas calças amarellas e blusa azul, seu rosto corado e tisonado pelo sol, o turbante vermelho de sua cabeça, tudo isso brilhava e sobressahia sobre o fundo azul do mar. Ali atirou o sacco na areia e de novo entrou no mar. Correu ao barco e esperou o momento em que elle chegasse à altura do seu hombro para que elle podesse spanhar outro sacco. O barco pulava entre as ondas e puxava a ancora como um cão que procura arrebatrar a corrente, enquanto Ali ia e vinha da praia para elle. As ondas podiam tragar Ali e muitas vezes elle fallou o momento proprio de conseguir o seu intento. Então, elle se agarrava ao flanco do barco e era levantado com elle como um enorme caranguejo.

O mar ficava cada vez mais encapellado. As gai-votas abandonaram as rochas solitarias ao longo da praia e começaram a voar acima das vagas irrequietas, graando sinistramente. O mar escureceu. Ondas verdes e pequenas chegaram sorrateiramente até a praia e quebraram-se na areia, com uma espuma branca como neve. O grego voltou-se ainda uma vez para o mar e olhou-o, assustado. Ali, completamente molhado, continuava o seu trabalho insano. A maré começava a alcançar o caminho da praia, e a ameaçar os saccos de sal.

Os tartaros foram obrigados a recuar, afim de não serem molhados pela maré.

"Memet! Nurla! Ajudem, senão o sal ficará molhado! Ai, depressa!" supplicou o grego, com força. Os tartaros puzeram-se todos ao trabalho e, enquanto o grego no seu barco era erguido pelas ondas e olhava o mar com desespero, o sal foi mudado para lugar seguro.

Nesse meio tempo, o mar se agitava. O murmúrio monotono e compassado das ondas transformou-se em altos clamores. Nuvens cinzentas cobriram o céu como pesadas telas de aranhas. As ondas turbulentas, agora negras e chocando-se de encontro à praia, correram para as rochas em torrentes de agua suja.

"A tempestade se aproxima!" gritou Memet ao grego. "Puxe o seu barco para a praia!"

"O que está dizendo?" perguntou o grego com voz rouca, procurando ouvir entre o tumulto das ondas.

"O barco na praia!" gritou Nurla com toda a sua força.

O grego e Ali principiaram a desembaraçar a corrente e a amarrar a corda.

Os tartaros tiraram as chinellas, arregaçaram as calças e foram ajudar o grego. O grupo dos tartaros, molhados e curvados, arrastou ruidosamente o barco negro para a praia, onde elle ficou na areia, amarrado a um pão, como um monstro marinho preso numa jaula.



JUNTO DO MAR

Os tartaros estavam enxugando suas roupas e ajudando o grego a examinar o sal. Ali auxiliava também, mas aproveitava as preocupações de seu amo com os freguezes, para olhar frequentemente para aquella aldeia estranha.

O sol ia alto acima das montanhas. Ao longo da fileira de rochas lisas e cinzentas aninhavam-se as pequenas habitações dos tartaros, construídas de pedras grosseiras, com telhados chatos de terra — casas de brinquedos, juntas umas às outras. Nem uma cerca, nem cancellas, nem ruas. Caminhos irregulares iam pela superficie de pedra, desapareciam em despenhadeiros, reaparecendo mais adiante. Tudo era escuro e despidido. Num telhado, não se sabe por que milagre, crescia uma arvore.

A bastante distancia da aldeia, porém, a paisagem era encantadora — valles espessos encerrando lindos vinhedos e, por traz, entre a neblina azulada, via-se a linha imponente de grandes montanhas de granito. Algumas brilhavam aos ultimos raios do sol, outras estavam escuras de cerradas matas. Junto a essa fantastica paisagem, a aldeia tartara não passava de um simples amontoado de pedras quebradas. Um grupo de esbeltas raparigas voltando da fonte com grandes cantaros ao hombro, davam a unica nota viva a esta scena de desolação.

"Ali!" chamou o grego, "ajuda-nos a enfiar o sal". O estrecho do mar quasi abafou sua voz.

Um nevoeiro salgado fluctuou sobre a praia. O mar tornou-se violento. De repente, os tartaros ouviram um ruido e quasi no mesmo instante foram cobertos por uma onda que, erguendo o barco, arremessou-o na sua direcção.

O grego correu ao barco e viu que tinha um grande buraco. Desesperado, elle fraquejou, gemu e chorou, mas o mar cobriu as suas lamentações. O barco foi puxado para mais longe e amarrado novamente. Entretanto, já era noite. Ali e seu amo, molhados pela neblina, andavam de um lado para outro na praia como dois fantasmas.

A luz brilhante da lua, a espuma branca ao longo da praia parecia a primeira neve que cahe. Atirado pelas luzes da aldeia, Ali acabou por convencer o grego de sair de perto do barco para irrem até o café.

Era habito trazer sal mais cedo para as aldeias da Criméa situadas ao longo da costa e vendê-lo a credito. Na manhã seguinte, afim de não perder tempo, elle disse a Ali que concertasse o barco, enquanto elle se percozava a montanha para cobrar o que os seus freguezes lhe deviam.

O caminho da praia estava inundado e do lado de Mar a aldeia ficava completamente isolada do resto do mundo.

Por volta do meio dia, o mar ficou mais calmo e Ali começou o trabalho. O vento brincava com o turbante vermelho que trazia à cabeça, enquanto elle se occupava do barco, traustando uma canção monotona como o murmúrio do mar.

Todos os dias, nas horas de oração, elle estendia um pano no chão e, ajoelhando-se, rezava devotamente como mahometano piedoso que era.

Ao cair da noite elle fez fogo na praia e pozinho o arroz que e ponde salvar daquella aventura. Memet convidou-o muitas vezes a ir ao café.

Só num anno, quando vieram os mercadores de uvas é que a hospedaria de Memet ficou repleta. Agora estava calma e tinha lugar. Jepar dormitava sob os pratos brilhantes da parede, proximo ao fogão onde conservava sempre um pouco de fogo. Memet acordava-o frequentemente para servir café e Jepar erguia-se, aticava o fogo, o que punha nos pratos reflexos brilhantes.

O aroma de café fresco enchia a hospedaria. Os bancos compridos em volta das mesas eram occupados pelos tartaros que jogavam cartas e dados e bebiam café em chicaras pequenas.

O café era a alma da aldeia; ali se concentravam todos os interesses dos moradores da região. Ali se encontravam as pessoas mais importantes. O padre Assan, velho e melancolico, usando turbante e uma tunica que cahia como um sacco sobre o seu corpo anguloso, era teimoso como um burro e muito respeitado por essa virtude.

Ali estava Nurla, o capitalista — porque possuía uma vacca vermelha, um carro e um par de buffalos; estava também o funcionario de policia, proprietario do unico cavallo da aldeia.

Eram parentes, como todos os habitantes da isolada aldeia, e que não impedia que estivessem divididos em dois partidos inimigos. A causa dessa inimizade era um pequeno rio que corria no centro da aldeia. Era este o unico meio de irrigação e quando uma metade da aldeia se utilizava do rio para regar seus jardins, a outra metade, com o coração batendo, via as suas cebolas murchar. As duas pessoas mais importantes da aldeia — Nurla e o policia — tinham os seus jardins oppostos um ao outro. Quando um delles procurava levar a agua para o seu jardim, o outro prendia a agua mais em cima e della fazia uso. Isto enraivecava os moradores do lado opposto que, esquecendo o parentesco por causa das cebolas, batiam-se uma contra os outros. Nurla e o policia chefiavam os dois grupos de combatentes, mas o policia era o mais forte, porque o padre Assan pertencia ao seu partido. O antagonismo persistia mesmo dentro do café. Quando os partidarios de Nurla jogavam dados, os do policia pegavam nas cartas. Elles só estavam de accordo numa coisa — todos bebiam café. Memet, que não tinha jardim e como homem de negocio estava acima de qualquer partido, ia de Nurla ao policia, procurando conciliar as coisas. Seu rosto sereno e sua cabeça calva brilhavam e seus olhos vermelhos guardavam um resto de fulgor. Elle estava sempre atarefado, contando, fazendo planos e andava apressado do celeiro para a venda. Algumas vezes, elle corria para fora, olhava para o telhado em terraço e chamava: "Fatima!"

Uma mulher velada deslizava silenciosamente da casa por cima da hospedaria e chegava à beira do terraço. Memet atirava-lhe saccos vazios ou dava-lhe ordens em tom rude e imperioso. E aquella figura desapparecia como tinha vindo, como uma apparição.

Ali viu-a mais de uma vez.

Elle ficava perto do café e observava os passos das chinellas amarellas pela escada de pedra da casa de Memet, e ficava fascinado pelo brilhante véu verde que cahia em pregas graciosas em torno daquella figura flexivel. Ella descia calmamente com um jarro vazio numa das mãos e com a outra segurava o véu, de modo a mostrar apenas os olhos grandes, negros e avelludados como os da gazella da montanha. Ella olhava Ali por um instante, baixava as palpebras e proseguia serenamente o seu caminho como uma sacerdotiza Egyptica.

Parecia a Ali que aquelles olhos grandes tinham abraçado o seu coração e ali ficaram gravados para sempre. Na praia, enquanto concertava o barco, cantando suas canções romanticas, elle via aquelles olhos. Elle via-os em toda parte — nas ondas, transparentes e crystallinos como uma teia, e nas pedras quentes que luziam ao sol. Elles o perseguiram até quando tomava o seu café. Frequentemente elle andava pela aldeia e, de vez em quando, elle via a figura velada de uma mulher no terraço acima da hospedaria. Seu rosto estava sempre voltado para o mar, como se nelle procurasse algum de seus olhos e longinqua memoria. Ali foi logo accerto pela aldeia. As moças, encontrando o bello turco, no caminho de volta para

a fonte, descobriam o rosto, enrubesciam e passavam. Nas noites frescas do verão, Ali romava a "zurra" que havia trazido de Smyrna e recordava a sua terra natal com canções melancólicas. O canto atraía os homens novos que, à sombra dos rochedos, punham-se a cantar e a dançar. Elle repetia sempre a mesma estrophe monótona, sem fim e inaplicável como o canto do grillo, enchendo-a de angústia e de desejo vehemente. Os tartaros começavam a cantar no mesmo rythmo da mada, "O-la-la... O-na-na..."

De um lado, o sonho do mundo mysterioso das montanhas gigantescas, do outro jazia, em plano inferior, o mar adormecido. Gemia no seu sonho como creancinha, e soluçava e brilhava à luz do luar como uma estrada de ouro.

"O-la-la... O-na-na..."
Os habitantes da aldeia, observando de seus ninhos de pedra, viam frequentemente um braço estendido, graças à luz, os hombros sacudidos pela dança e ouviam o monótono e persistente estridido da musica — "O-la-la... O-na-na..."

Fatima escutava também. Ella tinha vindo das montanhas. De uma aldeia distante com gente diferente e costumes diversos, onde havia deixado todos aquelles e todas as coisas que amava. Não havia mar perto de sua casa. Um dia, Memet chegou e offereceu a seu pai mais do que podiam pagar os rapazes da sua aldeia e levou-a consigo. Repellente, má, estranha, como a gente toda daquelle lugar, como aquella terra. Não tinha parentes ali, nem amigos; a gente não era hospitaleira, ali era o fim do mundo. Não havia estrada para o exterior.

"O-la-la... O-na-na..."
Não havia caminho para o exterior — pois quando o mar se encapellava, o unico caminho ao longo da costa fica inundado.

Nada ali, a não ser o mar — o mar em toda parte. De manhã cedo, o seu azul intenso deslumbrava os olhos; durante o dia as ondas verdes agitavam-se locamente; à noite, o mar respirava com difficuldade, como uma pessoa doente. Quando estava calmo, irritava os nervos; quando se tornava violento, batia de encontro à praia, sacudia-se e rugia como uma fera e não deixava ninguém dormir. O seu cheiro acre e nauseante penetrava em todas as casas. Ninguém podia se esconder ou fugir do mar — elle estava em toda parte; era uma obsessão; da vez, desafiada. Envolveu em espessa neblina branca como a neve das montanhas, o mar parecia desaparecer; estava escondido, mas apesar disso, torcia-se, rugia e soluçava debaixo da neblina.

"O-la-la... O-na-na..."
Debatia-se sob a neblina como uma criança sob as cobertas e de repente, desvencilhou-se della...

Pedaços de neblina arrastaram-se do mar, entraram na mesquita, envolveram a aldeia, insinuaram-se nas casas, cahiram sobre o coração de cada um, cohiram o sol.

"O-la-la... O-na-na..."
Fatima sabia muitas vezes do terraço do café, encostava-se à arvore e olhava o mar. Não, não era o mar — ella observava o turbante vermelho da cabeça do estrangeiro, na esperança de encontrar novamente seus olhos — aquelles olhos grandes, negros e ardentes, que a acucavam tantas vezes em seus sonhos, na praia, acima do mar, a sua flor vermelha da montanha, a sua flor predilecta, florescia agora.

"O-la-la... O-na-na..."
As estrellas pairavam sobre a terra, a luz sobre o mar.

— "Veio de longe?"
Ali voltou-se sobresaltado. A voz vinha do terraço e elle ergueu os olhos.

Fatima estava junto à arvore, cuja sombra cahia também sobre ali. Elle enrubesceu e gaguejou. "D-d-de Smyrna, de muito longe"

— "Eu sou das montanhas"

Silêncio.
O sangue subiu-lhe à cabeça e seus olhos ficaram subjugados pela mulher tartara que não parecia disposta a dar-lhes liberdade.

— "Por que veio a este lugar? Deve sentir-se malado aqui?"

— "Eu sou muito pobre — nem uma estrella no céu, nem um pé de terra. Estou ganhando a minha vida"

— "Ouvi-o tocar..." Silêncio.

— "Na minha casa, lá nas montanhas, é muito agradável — musica, raparias, bodas. Não temos mar por lá. Tem mar perto da sua casa?"



— "Muito perto não?"
— "Não? E os seus gemidos não penetram a sua casa?"

— "Não. Em vez de mar, temos areia por toda parte. O vento leva a areia quente que amontoa como que formando altas muralhas como dorsos de camellos. Lá —"

— "Psiu!"

Subitto, como que por acaso, ella mostrou o seu rosto branco e delicado e ergueu, até os lábios rubros, um dedo de unha rosea e brilhante. Não se via ninguém por ali. Só o mar, tão azul como o céu, estava a observá-os.

— "Não tem medo de conversar comigo, Hanoum? O que faz Memet se nos surprehende juntos?"

— "O que elle julgar necessario"

— "Elle nos matará, caso nos veja juntos"

— "Não importa"

O sol ainda não se tinha levantado, mas já se distinguia alguns dos picos do Yaila. As rochas negras estavam mergulhadas na escuridão; o mar cinzento jazia adormecido. Nurla, o plutocrata da aldeia, descia do Yaila quasi a correr atraz de seus buffalos. A sua pressa era tal que nem percebeu que um monte

de feno escorregava do carro, indo cahir no lombo dos animaes. Os buffalos pretos escudriam os quadris e iam voltar ao seu estabulo, mas Nurla fel-os mudar de direcção e parou no café.

— "Memet, Memet, acorda!"
Memet levantou-se, esfregando os olhos cheios de sono.

— "Memet, onde está Ali?" perguntou Nurla.

— "Ali... Ali... está por ali", e olhou os bancos vazios.

— "Onde está Fatima?"

— "Fatima? Ora, está dormindo, com certeza!"

— "Elles fugiram juntos para as montanhas"

Memet virou-se para Nurla: "Que está você a dizer?"

— "Você anda no mundo da lua! Estou procurando explicar-lhe que sua mulher fugiu com o turco. Acabo de os ver nas montanhas ao voltar de Yaila"

Os olhos de Memet estavam agora a saltar fóra das orbitas. Elle empurrou Nurla para um lado, sahiu da casa e subiu a escada. Procurou em todos os quartos e subiu ao terraço.

— "Osman!" gritou com a sua voz rude, "Kali! Jepar! Bekir! Venham!" Elle correu de um para outro lado, gritando por socorro, como se houvesse incendio.

— "Usien! Mustapha!"

Os tartaros acoderam e foram subindo aos seus terraços. Nurla ajudou a acordar a aldeia. "Assan! Mamaut! Lekeria!" chamou com toda força.

Memet, vermelho e incansavel, olhou em redor, silencioso e saltou do terraço como um gato. Os tartaros estavam em polvorosa. Os parentes que, ainda na véspera estavam promptos a se atirarem uns contra os outros, uniam-se agora para reparar a offensa feita a um delles. O ultraje não havia attingido apenas a Memet e sim a todos elles. Uma porcaria de turco, um miseravel vagabundo, um simples creado! E quando Memet assomou à porta do café, armado de uma grande faca, a mesma que elle usava para sangrar os carneiros e passou resolutamente no cinto, os tartaros estavam promptos.

Avante!

Nurla tomou a dianteira; atraz delle ia o açougueiro seguido por uma longa fila de parentes resolidos a tudo. O sol ia alto e fazia calor. Os tartaros, um atraz do outro, tomaram os caminhos da montanha. Nurla ia apressado e cheio de raiva como um cão na pista. Memet estava sombrio. Embora ainda fosse manhã cedo, as pedras cinzentas estavam quentes. Um caminho estreito, quasi invisivel como o rasto de uma fera, desaparecia no deserto de pedra ou escondia-se na sombra de uma rocha. Estava fresco e humido à sombra dos rochedos e os tartaros retiraram os turbantes vermelhos para refrescar a cabeça. Então, continuaram, apressados, pela estrada quente e cinzenta debaixo do sol ardente. Elles trepavam obstinadamente pela montanha, curvados, atravessando gargantas estreitas e sombrias, tocando os lados dos rochedos com os hombros, andando à beira de abismos, seguros como mulas montanhizas. A medida que proseguiam, os obstaculos iam se accumulando, o sol, cada vez mais quente, abraçava as pedras, e o rosto dos tartaros cada vez se tornavam mais vermelhos, suados e raivosos.

Os tartaros corriam cada vez mais. Tinham de pegar os fugitivos antes delles alcançarem a Suak, a cidade vizinha e fugirem por mar. Tanto Ali como Fatima eram estranhos aquella terra. Não conheciam as montanhas e podiam perder-se facilmente no labyrinth de caminhos. Era esta a unica esperança dos tartaros. Mas Suak estava perto e dos fugitivos nem signal. Estava cada vez mais suffocante e a brisa humida do mar não chegava às montanhas. Seixos rolavam debaixo dos pés dos tartaros, augmentando-lhes o furor. Não encontravam os fugitivos e todos elles haviam deixado qualquer trabalho em casa. Memet não lhes prestava attenção e ia na frente, como um bode, a olhar leuco. Era evidente que Nurla havia chegado tarde com a fatal noticia. Os homens começavam a perder a esperança, mas continuavam.

Subitto, Zecheria, que ia na vanguarda, deixou escapar uma exclamação e estacou. Todos os olhos se fixaram nelle, mas sem dizer nada, elle apontou um grande rochedo suspenso justo acima do mar. Ali, atraz de uma pedra, distinguiram um turbante vermelho que desapareceu immediatamente. Memet rosnou e o coração (Termina no fim do numero)



Sessão magna
em homenagem ao
Jubileu Sacerdotal do Papa
Pio XI. — Inauguração do Pavilhão
Chile na Assistência Dentária Infantil.
— Entrega de diplomas às novas en-
fermeiras da Escola Dona Anna Nery.
— Entrega de diplomas na Escola Wen-
ceslão Braz. — As novas enfermeiras
da Escola Dona Anna Nery. — Exposi-
ção de trabalhos das escolas municí-
pales, na Escola Deodoro. — Commem-
oração do 76º aniversário da eman-
cipação política do Paraná e posse da
nova directoria do Centro Paranaense,
com a presença do presidente Affonso
Camargo. — No Copacabana Palace, an-
tes do almoço ao Dr. Aristeu
Aguilar, presidente do E
do Espírito Santo.



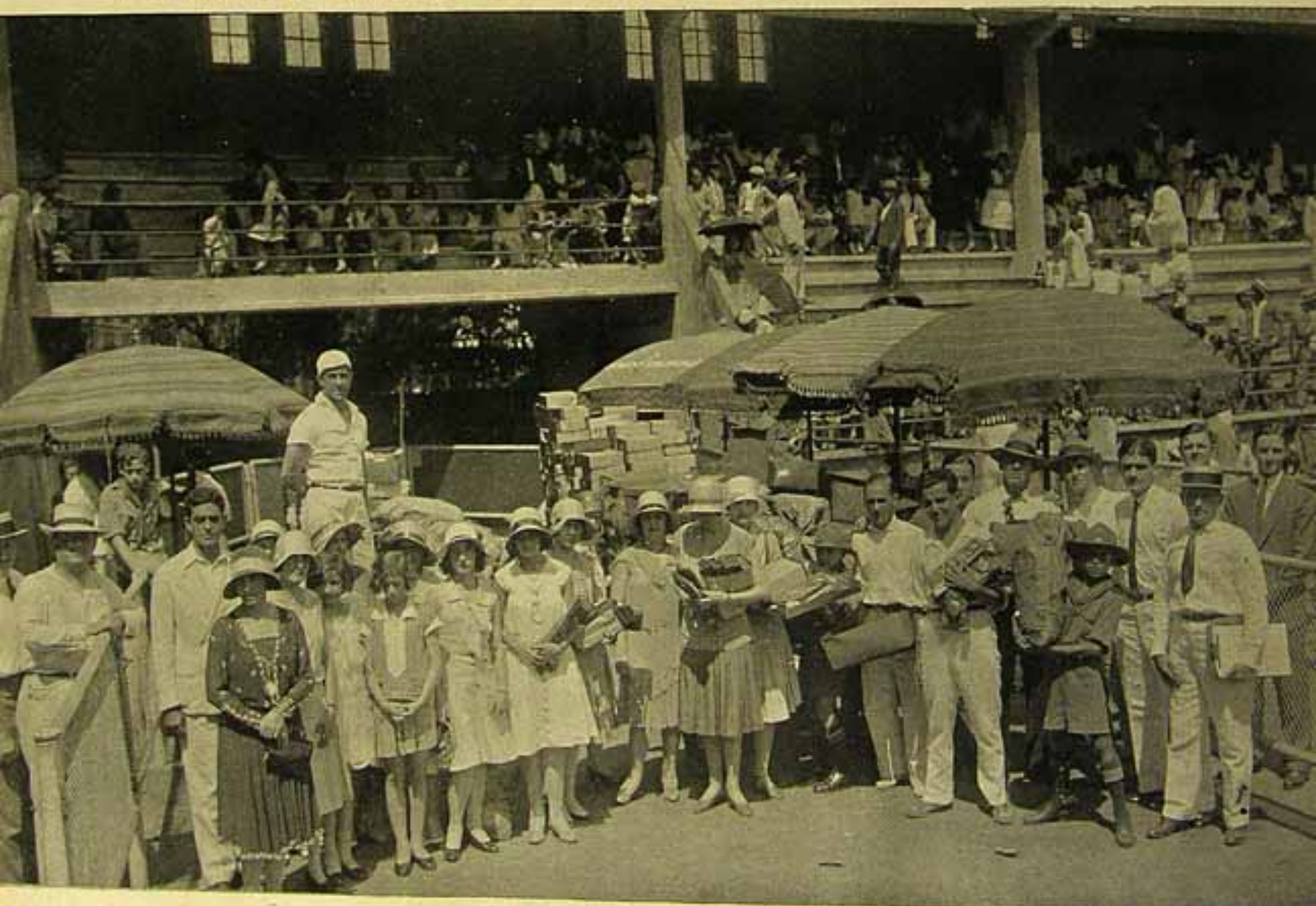
UMA FESTA DE ARTE EM PETROPOLIS

Foi promovida pela Academia de Letras de Iá. Dona Nair de Teffé organizou-a com o seu fino gosto. Programma: "Rosas de Hespanha", um acto de Claudio de Souza representado por Nair de Teffé, Eugenia Alvaro Moreyra e Brutus Pedreira; "O anjo da guarda", de Reinaldo Chaves, representado por Nair de Teffé e senhoritas Machado, Ramos e Garcia.



Como faz em todos os 25 de Dezembro a directoria do elegante Club da rua Alvaro Chaves distribuiu pelas mãos de suas associadas presentes ás creanças pobres que assim tiveram um pouco de alegria no dia mais bonito do anno.

O DIA DE NATAL NO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB



Um amigo, que é ao mesmo tempo uma excelente creatura e um dos nossos melhores humoristas, surpreendeu-me há dias com um convite que me deixou admirado e me encheu de satisfação. Solicitou a minha presença, como já solicitara a de Alvaro Moreyra, em sua residência para que ouvíssemos a leitura da revista que acaba de escrever e que destina, muito naturalmente, a um dos nossos theatros do genero.

Senti-me, ao effectuar-se o convite, deante de um novato, de um novato á antiga, de um novato como os com que conto para a obra de reerguimento do nosso theatro. Individualidade de inestimavel valor nos domínios do humorismo e que sempre se destacou por um feitio proprio e excellento, allando, como ninguém, a graça das figuras que crêa, á do texto, bem podia dispensar o juizo alheio, mesmo invadindo uma nova seara, pela segurança, que já deve ter, do seu merito reconhecido e proclamado por um longo e brilhante successo em qu'nze annos ou mais de fecundo labor. A timidez, porém, traço característico seu, fazia-o procurar, cheio de receios, o conselho, a apreciação de amigos, e eu sentia, nessa timidez, mais do que nunca o artista, o artista sempre insatisfeito com a sua obra e della duvidando. Sua attitude, finalmente, revelava essa cousa rara nos nossos dias, o respeito do autor pela collectividade a cujo serviço se colloca.



Oduvaldo Vianna que enjoou o theatro e foi vêr nos Estados Unidos como é isso de cinema falado.

NOSSO THEATRO DE REVISTA

Odilon Azevedo que organizou com Belmira de Almeida uma companhia de comedia.



Antes de assistir á leitura — e ao escrever esta chronica a'nda não passei por esse momento de prazer — tenho opinião formada acerca do trabalho. Seu merito é indiscutível, mas deve estar bem acima de duas cousas: o entendimento dos que as facilidades mercantis tornaram dirigentes dos destinos do theatro ligeiro entre nós; e o nível intellectual da platêa que tem vindo baixando sensivelmente, desde que o contróle das peças a encenar passou a incompetentes.

Todavia não perco a esperança de assistir á representação dessa revista, agora, que os empresarios, atravez de successivos desastres, começam a comprehender que o publico não é só o das torrinhãs, e que exige mais alguma cousa do que palhaçadas e vacuidades, quer idéas, aprecia o lavor literário, interessa-se pela novidade. Lentamente embora, o verdadeiro merito começa a se impôr e não tardará muito conquistará o logar que a ignorancia insistentemente occupava. Não é demais affirmar, portanto, que os theatros de revista contam com uma produção original, forçosamente bem escripta e espirituosa, para a abertura da temporada em Março ou Abril. Oxalá não perseverem os empresarios nos erros de que andam sendo victimas.

M A R T O
N U N E S



NICTHEROY

im de anno no Grupo Esco-
r José Bonifacio. — A di-
ctora e as alumnas da 5ª
rie do Grupo Escolar Pinto
ma. — Festa de arte no
rupo Escolar José Bonifacio.
- Alumnas da Escola Aureo
o Leal num numero de
nsas e em exercicios gyna-
sticos. — Na festa de en-
rramento de aulas na Es-
la Silva Pontes. — Corpo
cente do Grupo Escolar José
onifacio. — Director, pro-
ssores, alumnos do mesmo
Grupo Escolar.



NICTHEROY

Juramento á bandeira pelos
alumnos do Collegio Municipal
Brasil com a presença do se-
nhor Bispo Diocesano. — En-
trega de diplomas aos bacha-
reís do Gymnasio Bethencourt
Silva. — Os reservistas do Col-
legio Brasil, prestando o seu
juramento á bandeira. — En-
trega do "Premio Circulo de
Paes" a uma alumna do Gru-
po Escolar Silva Pontes. —
Reservistas do Collegio Brasil,
cada um com sua madrinha. —
Quando foi a collação de grão
dos bachareis do Gymnasio
Bethencourt Silva,



James de
Coquet

HA alguns annos, um pintor lembrou-se de fazer retratos formados de conchas. Com lindos bivalves de diversas especies que não se sabia se haviam sido arrancados a um soneto pernasiano ou ás profundezas desconhecidas do oceano, compunha o retrato das mulheres bonitas que posavam para elle. Essa arte requeria mais tenacidade do que a de erguer fortalezas com pennas de colibri. Porque, depois de ter achado a concha que correspondia exactamente a um olho, elle precisava remexer todo o golfo Persico para que o modelo não ficasse zarelho.

E' um grande orgulho para uma mulher, pensar que o nacar de suas narinas e do seu sorriso foi disputado aos tubarões como os thesouros da "Grande Armada".

No entanto, essa moda não pegou e tiveram de se resignar a mandar fazer o retrato equestre com um pouco de ferro barato. Essa moda parece renascer agora. Não serão conchas, as unhas pintadas de vermelho que um novo ca-

UNHAS ESCARLATES...

pricho quer impôr ás mulheres. Conchas dignas de lastima, pois cada uma dellas vive separada do esposo que vê brilhar na outra mão e o gesto da oração é a unica probabilidade que têm de se unir.

O espirito não se acostuma a uma moda como esta.

Como era mais expressiva a unha translúcida e sem verniz que, com uma pressão do dedo enrubsencia como o rosto de uma donzella! A natureza tivera o cuidado de dissimular a unica arma que dera á mulher — o unico felino da criação que trazia as garras á mostra sem que, no entanto, se as visse. Podia surprehender o inimigo. Enquanto que esta unha ag-



gressiva e brutal não terá a alegria perversa de dilacerar a mão que se approxima para uma carícia

A nossa razão revolta-se contra essa moda e a nossa vista também, encrava de innumerables preconceitos, de fórmulas e de cores. Todas as mãos de unhas avermelhadas que eu via, lembravam-me a de Macbeth e davam-me vontade de gritar: "Não têm vergonha de conservarem o coração tão branco!"

E o dia em que vi, pela primeira vez, a vossa mão, vermelha de um sangue desconhecido, tive impeto de mandal-a a todos os perfumes da Arabia. A segunda vez, porém, julguei que uma rosa tivesse deixado o seu coração em cada um dos vossos dedos.

Agora, o gesto ferido da vossa mão morena evoca para mim um Oriente cruel e propicio aos amores patheticos. Basta-vos fumar um cigarro para compôr a paisagem de um jardim sobre o Oriente e alegro-me ao pensar que não podreis me dizer adeus sem derramar, ao partir, cinco lagrimas purpurinas.



Casas
de
Abelhas
na
Colônia
de
Alienados
de
Vargem
Alegre

QUASI em frente das Tuileries, do outro lado da margem, e em face ao pavilhão da Flora e do salão realista de Mme. de Lamballe, está situado o palácio de la Monnaie, ali se encontra um outro salão, o de Condorcet, que um contemporâneo chamou — lar da República.

Este salão europeu, do illustre Secretário da Academia de Ciências viu, com efeito concentrar-se, de todos pontos do mundo, o pensamento republicano da época. Ele ali fermentou, tomou corpo e feição, ali encontrou suas formulas. Pela iniciativa e primeira ideia, ali pertencia, desde 89, a Camille Desmoullins. Em Junho, Bonneville e Cordeliers deram o primeiro grilo.

O ultimo dos philosophes do grande século XVIII, aquelle que sobreviveu a todos, para ver suas theorias lançadas no campo da realidade, foi Condorcet, Secretário da Academia de Ciências, successor de d'Alembert, ultimo correspondente de Voltaire, e amigo de Turgot.

Seu salão foi o centro da Europa pensadora. Todas as nações, como todas as sciencias ali tiveram o seu lugar. Estrangeiros illustres, após terem recebido as theorias da França, lá iam, e procuravam discutir a sua applicação: o americano Thomas Payne, o inglez Williams, o escocsez Mackintosh, o geneves Dumont, o allemão Anacharsis Clootz; este ultimo de nenhum modo estava em conformidade com tal salão, porém, em 91, todos ali vinham e todos ali estavam confundidos. Em um canto, immovel, estava o amigo assíduo, o medico Cabanis, enfermo e melancolico, que havia transportado para essa casa a carinhosa e profunda affeição que dedicara a Mirabeau.

Sobre estes illustres pensadores, pairava a nobre e doce figura de Mme. Condorcet. Tudo parecia illuminado e purificado sob seu olhar. Havia sido uma religiosa, e tinha a apparencia muito juvenil.

Contava vinte e sete annos (dois menos que seu marido) e acabava de escrever suas Cartas sobre a Sympathia — livro de analyse fina e delicada onde, sob a apparencia de uma extrema reserva, transparecia frequentemente a melancolia de um coração joven e cheio de ansiedades.

Suppunham vamente que ambicionava as honras e os favores da corte e que o seu despeito a havia lançado na revolução. Longe della esse pensamento.

Porém, o que era ainda mais inverosimil é que dissessem: que antes de se casar com Condorcet ter-lhe-ia confessado não ter livre o coração. Amava, mas sem esperanças... O sabio escolheu esta confissão com paternal bondade e a respeito.

Durante dois annos vivem como dois espiritos. SA... (em um bello momento de júbilo) foi que Mme. Condorcet sentiu tudo quanto de paixão existia neste homem tão frio em apparencia; e começou então a amar o grande cidadão, de alma terna e profunda, que defendia, como sua propria ventura, a esperança da felicidade do genero humano.

O unico filho que tiveram nasceu nove mezes após a tomada da Bastilha, em Abril de 90.

Condorcet, então com 49 annos, sentia-se joven e começara uma vida nova.

Após uma vida de estudos mathematicos com d'Alembert e uma outra de critica litteraria com Voltaire, entregava-se agora às inconcistencias da vida politica. Havia sonhado com o progresso, hoje a realizal-o ou, pelo menos, a elle se dedicar. Toda a sua vida offercia um notavel exemplo de alliança entre duas faculdades raramente unidas: a solida razão e a infinita confiança no futuro.

Energico até contra Voltaire, quando o achava injusto, amigo dos Economistas, sem contudo se deixar levar por elles, mantinha-se mesmo assim independente em respeito da Gironde.

Esse grande espirito estava sempre presente, vigilante e senhor de si mesmo.

Sua porta conservava-se sempre aberta, mesmo quando se entregava a algum trabalho abstracto.

No salão, em meio da sociedade, pensava sempre, não estava nunca distraído. Falava pouco, ouvia tudo, aproveitava tudo, jamais se esquecia de coisa alguma.

As damas ficavam surprehendidas e atemorizadas de ver que elle sabia até a historia da moda nos seus mais insignificantes pormenores. Pouco expansivo, seus amigos só sentiam a sua amizade pelo ardor com que procurava secretamente servi-los. "E' um vulcão sobre o gelo, dizia d'Alembert". Joven, havia amado e, como coisa alguma esperara, pensara em suicidar-se. Mais tarde, muito mais velho, porém, não menos ardente, teve pela sua Sophia um amor intimo, immenso, uma densa paixão que tão tanto mais intensa, quanto mais tarde chegava, e tão mais profunda que a propria vida.

MADAME CONDORCET

Nobre esposa! E quão foram dignas de amor essas mulheres, merecedoras de serem confundidas pelo homem, com o ideal, a patria e a virtude!

Quem não se lembra ainda, do funebre almoço, onde, pela ultima vez, os amigos de Camille Desmoullins lhe pediram para cessar o seu Vieux Cordelier, e adiar o pedido a Comité de la clemence? Sua Lucile, esquecendo que era esposa e mãe, passa-lhe os braços ao redor do pescoço dizendo: "Deixar... deixar... que elle siga o seu destino!"

Assim, ellas consagraram o amor e o casamento, levantando a fronte abatida do homem deante da morte, dando-lhe ainda vida e conduzindo-o para a immortalidade.

Elas também ali estarão sempre. E os homens que vierem lamentarão não as terem visto, essas mulheres heroicas e encantadoras, e que ficarão sempre unidas aos mais nobres sonhos do coração, como figuras e saudades do eterno amor!



CONDORCET
De um desenho de Saint-Aubin

Havia como uma sombra desse tragico destino, nos traços e expressões de Condorcet. De modos tímidos (como o são os do sabio que viveu solitario em meio dos homens), elle tinha qualquer coisa de triste, de paciente e de resignado.

O rosto era bello, os olhos nobres, doces e cheios de idealismo, pareciam voltados para a profundidade do futuro. A fronte vasta que continha toda a sua sciencia, assemelhava-se a um arsenal imenso, era um thesouro completo do passado. O homem, é preciso dizer, era mais amplo que forte.

Isso sentia-se na sua bocca, um pouco molle e fraca, e um tanto recolhida. — A generalidade que dispersa o espirito sobre todo o objecto é uma causa de enervação. Ajuntas, que elle passou sua vida no decimo oitavo século, e que carrega ainda o seu peso. Atravessou todas as disputas, todas as grandezas e baixezas dessa época.

Condorcet tinha todas as contradicções. Sobrinho de um bispo, educado, em parte pelos, pelos seus cuidados, deveu também muito aos padroeiros dos la Rochefoucauld. Embora pobre, era nobre, marquez de Condorcet. Nascimento, posição, relações e muitas cousas mais o prendiam ao antigo regimen. Tudo que lhe cercava a casa, o salão, a esposa, apresentavam o mesmo contraste.

Mme. Condorcet, Grouchy de nascimento, a principio religiosa, discipula entusiasta de Rousseau e da Revolução, sahio da sua posição meio ecclesiastica para preceidir um salão que era um centro de livres pensadores, e parecia uma nobre religiosa da philosophia.

A crise de Junho de 91 devia decidir Condorcet, ella chamava-o a pronunciar-se. Era preciso escolher entre suas relações, seus precedentes de um lado e de outro suas ideias. Quanto aos interesses, nada valiam para tal homem. O unico talvez ao qual tivesse

sido sensível é que a Republica, abastando toda grandeza e realçada de tantas superioridades, tivesse a rainha sua Sophia.

O Sr. da la Rochefoucauld, seu intimo amigo, não perdia a esperanza de neutralizar seu republicanism, como o de Lafayette e pensava encontrar boa vontade no sabio modesto, no homem tímido e docil que sua familia havia outrora protegido. Chegavam a affirmar e tornar publico que Condorcet partilhava das ideias realistas dos Sieyès. Compromettiam-no assim e ao mesmo tempo lhe offerciam, como tentação, a perspectiva de ser nomeado preceptor do Delphim.

Esses rumores decidiram-no provavelmente a se manifestar mais cedo do que desejava.

+++

Condorcet, que sempre fôra prudente, tornára-se o usado em pleno terror. Redactor do projecto da Constituição, em 92, atacou violentamente a Constituição de 93 e foi obrigado a procurar um asylo contra a proscripção.

Cousa notavel esse homem, edoso e grave, que embarcava por causa de uma pilheria sobre o oceano da Revolução e não dissimulava absolutamente as desgracias a que se ia expôr.

Chelo de fé no longinquo futuro da especie humana, tinha, entretanto, pouca confiança no presente e não alimentava esperanças sobre a situação, sentindo muito bem todos os perigos.

Não os temia por si, (pela de boa vontade daria a propria vida) mas, por essa esposa adorada, por esse pequenino ser nascido no momento sagrado de Julho. Havia varios mezes que procurava secretamente informar-se do porto mais seguro para, em caso de perigo, enviar sua familia.

Escolheu Saint-Valery.

+++

"O amor é mais forte que a morte". — E, é nessas tempos de morte que triumpho; pois a morte derrama no amor não sei que de amargos e divinos sabores que não são da terra.

Lendo a audaciosa viagem de Louvet através de toda a França, para encontrar o que amava, e assaltando a esses momentos onde reuniam pela sorte nos esconderijos de Paris ou na taverna do Jura, cahiram nos braços um do outro, desfallecidos, aniquilados. Quem cem vezes não disse: "Oh, morte, se possuas o poder de centuplicar e transfigurar a esse ponto as alegrias da vida, possues realmente as chaves do céu!"

O amor salvou Louvet e perdeu Desmoullins, confirmando-o no seu heroismo, e não foi estranho á morte de Condorcet.

Em 6 de Abril Louvet entrava em Paris para rever a sua Lodoviska; Condorcet sahia para diminuir os perigos que ameaçavam a sua querida Sophia.

E', pelo menos, a unica explicação que se pôde dar a essa fuga de proscripção.

Dizer, como disseram, que Condorcet sahio de Paris unicamente para ver a sua companheira e atraído pela primavera, é uma extravagante explicação, inverosimil e pouco séria.

Para comprehender é preciso vêr a situação dessa familia.

Mme. Condorcet, bella, joven e virtuosa esposa do illustre proscriptor, que podia ser seu pai, achava-se, no momento do exílio e do sequestro de seus bens, em completa miseria. Nem um nem outro possuíam meios para fugir. Cabanis, o amigo, dirigiu-se a dois estudantes de medicina, mais tarde celebres, Pinel e Royer. Condorcet foi por elles conduzido a um lugar quasi publico, em casa de uma senhora Vernet, proximo ao Luxemburgo, e que tomava pensionistas.

Essa senhora era muito amavel e um tal senhor Montagnard, que morava na mesma casa, mostrava-se bom e discreto: quando encontrava Condorcet fazia que não o reconhecia. Mme. Condorcet morava em Autenil, e vinha a pé, todos os dias, a Paris. Sobrecarregada de uma irmã doente, de sua velha governante e de seu pequeno filho, era preciso viver, e fazer viver os seus. Um joven, irmão do secretario Condorcet, mantinha, para ella, na rua Saint-Honoré n.º 352, (a dois passos de Rochepierre) uma pequena loja de roupas brancas. No sótão da loja, Mme. Condorcet fazia retratos. Varios poderosos do momento iam retratar-se. Nenhuma industria prosperava tanto sob o terror como essa, todos se apressavam em fiar sobre a tela uma sombra dessa vida tão pouco segura. Os attractivos singulares de pureza e dignidade, que emanavam dessa infortunada moça, atra-

hiam para lá

(Termina

os violentos e os

no fim da revista) inimigos



De Elegância



COMO esteve a moda em 1929? Trouxe modificações radicais?

— Não. O esboço para as grandes modificações. Houve movimento inicial para maior comprimento nos vestidos, o que, aliás, já se vinha sentindo nos de noite há seguramente dois annos. Começaram elles a descer atrás, em ponta, num movimento gracioso de "godet", de franzido, de plissado, de babados, ou ainda, pontas. Não se estendia, entretanto, tal comprimento até os tornozellos, o que agora excede.

— E como receberam as elegantes a nova moda?

E' moda... Usam... Mas o que não resta duvida é que, embora criticados pelos moralistas, os vestidos curtos eram bem mais graciosos



bem bonito. A moda encareceu pelo maior gasto de fazenda e pelo requinte do tecido, que, tendendo a se tornar de cor absolutamente fixa trará a compensação financeira. Durará muito e passará por varias e varias reformas que serão novos vestidos, dependendo da engenhosidade artistica de cada uma.

Lançando de modo geral a vista para as cousas de uso, observarei ainda que os chapéus continuam a deixar o rosto a descoberto.

Bem entendido que, para o nosso verão

Os vestidos para o "chopping" para o "footing", para os que têm vida agitada, vida de trabalho continuam curtos, isto é, pouco abaixo dos joelhos. Aumentaram muito na largura. Nem se pôde entender de outra forma. Se cresceram no tamanho também na roda se

e sobretudo rejuvenescedores.

Mal entendido, assim, que se estejam usando, na rua, vestidos compridos quasi tanto quanto os de "soirée". Ah! estão os mais acatados figurinos, as colleções dos grandes costureiros e as recém-vindas da terra que distribue a moda por toda a parte, a mostrar que as saias desceram de alguns centímetros, apenas, nos vestidos de rua. Mas não desceram tanto quanto algumas entenderam.

desenvolveram. E, com a cintura no lugar não ha a menor elegancia nas saias de linha recta, rígida. Também os tecidos não são de molde para a antiga "corsalet" ou a "entravée".

Mesmo no rigor do inverno, na Europa, as fazendas são flexiveis. Certamente os casacos agasalham de verdade. Mas mesmo os de pelle estão sendo feitos de geito que não pesem nos hombros de quem os traz, embora pesem nas finanças de quem os paga... Assim, os vestidos genero esporte continuam de rigor. São graciosos embora um tanto mais compridos. Nos vestidos de noite é que o comprimento augmentou de muito, senão totalmente. E o "manteaux" tres quartos ou acompanhando o vestido é tam-



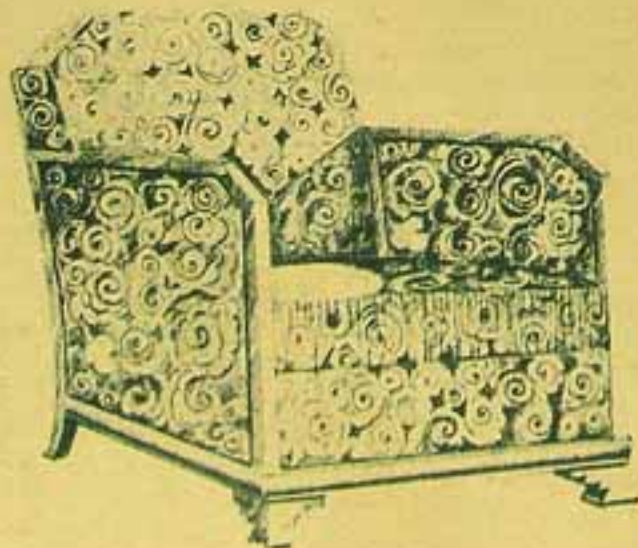


como no das bandas altamente civilizadas, a aba nos de palha é indispensável, apesar de também alguns serem feitos como os de feltro, de "drap", de veludo, de fita, de setim: pequenas casquetes inteiramente ajustadas á cabeça.

As blusas para os "tailleurs" são cobertas pela saia que se fixa á cintura, e os casacos mostram a nova tendencia da moda por "pincees" marcando a cintura ou um cinto de pelica, de camurça ou da propria fazenda do costume.

Estamparia, muita estamparia, mas a verdadeira elegante não dispensa o casaco de seda ou de crepe forrado da fazenda do vestido. Ainda agora, no verão, cores vivas, mas proxima-mente, no inverno, voltaremos ás sombrias. O preto está sempre na ponta, e é, de facto, o vestido ideal. Serve ás abastadas — de dinheiro, bem entendido — e ás que não são. Vestida de preto a gente está sempre muito bem vestida, com propriedade.

E o branco? E o rosa secco para as mocinhas?



Outra novidade é os collares, as pulseiras estão se tornando menos barbaros, menos grosseiros. A "bijouterie" falsa empenha-se em approximal-os o mais possivel da verdadeira e delicada. Assim a perola volta á ordem do dia misturada ás esmeraldas, aos rubis, ás opalas, aos diamantes. Perolas outra vez em voga. E, se



a moda ainda permite a fantasia da madeira associada ao metal, o trabalho é de tal maneira fino que dá a impressão de que a materia prima não foi a realmente empregada.

Sapatos...

Quem sabe melhor calçar-se que a carioca? Muita vez vem para a rua com vestidos mui modestos, mas o pé irrepreensivelmente calçado. Não ha saltos tortos pelas ruas da cidade.

E a industria nacional, na materia, é optima.

De tudo isso, porém, o que apai-xona as elegantes é o comprimento dos vestidos. O que pensará cada uma de tal innovação?

Sujeita-se prazerosa a cobrir os joelhos?

A moda...

Disse Maria Eugenia Celso, quando lhe pedi a opinião para esta pagina.

"A moda não dá tempo de pensar.

— E' moda, e porque e moda toda gente

Obediente,

Já usou... está usando... ou vai
[usar...]"

Cumprimentos de
Anno Novo: dos Au-
tomoveis Stutz, Casa
A. Dorét, Casa
Leblon, A. Fadigas,
Casa Machado, "Ao
Trovador", Confeita-
ria Colombo.

Ilustram esta pa-
gina: os figurinos a
que alludi, e uma pol-
trona de Albino Bar-
ros & C. (Agua do
Cattete).

SORCIÈRE



Cinearte-Album para 1930

OS MAIS
QUERIDOS
ARTISTAS
DO
CINEMA



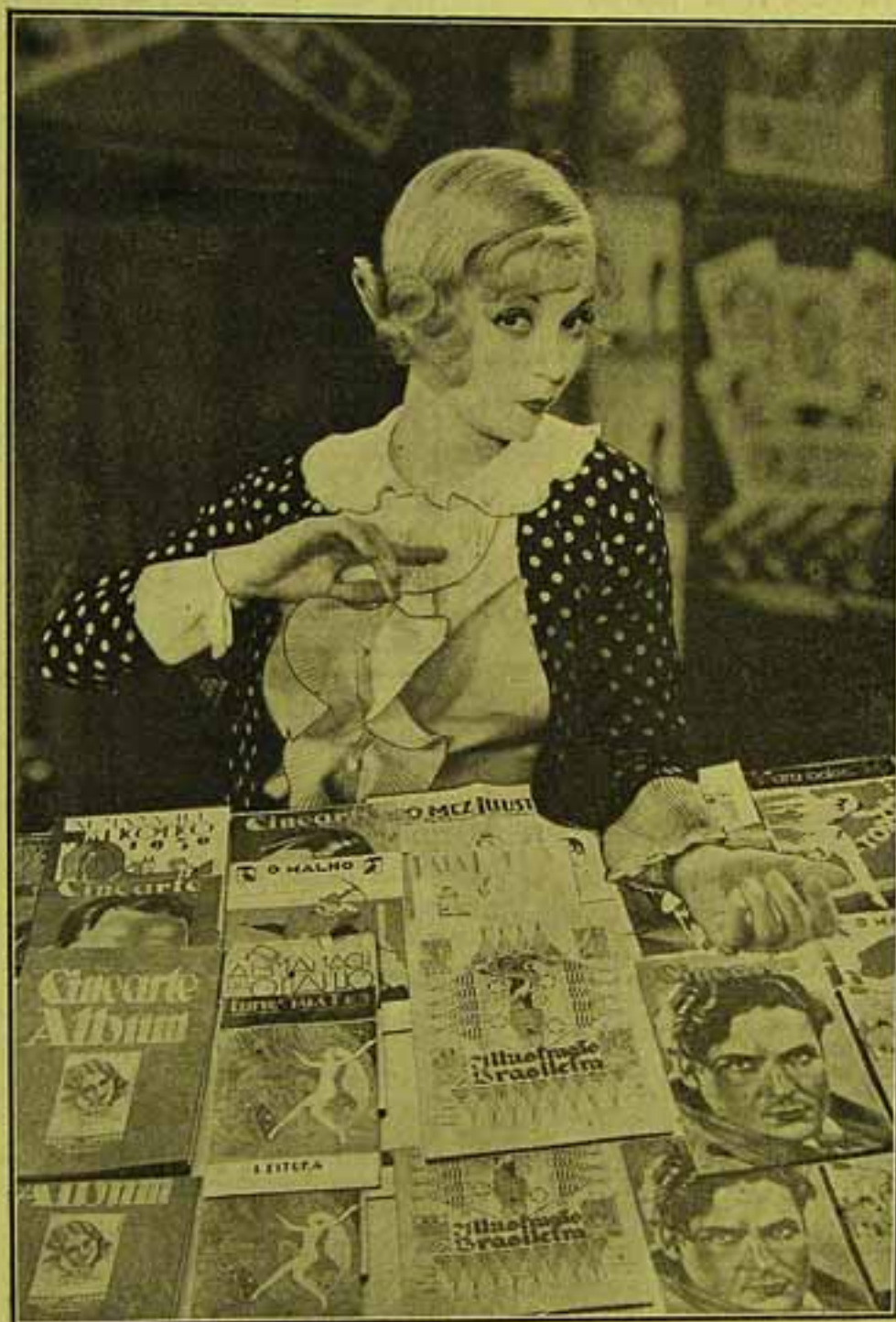
TRICROMIAS
QUE
SÃO QUADROS
DESLUM-
BRANTES



40
RETRATOS
MARAVILHOSA-
MENTE
COLORIDOS



Contos, anedotas,
caricaturas e his-
tórias lindíssi-
mas... Confissões
das telephonistas
dos studios... Bel-
leza!... O livro de
WILLIAM HART,
GRETA GARBO...
Como foram fei-
tos os "trucs" do
"Hemem Mos-
ca"... Filmes colo-
ridos, Originalida-
de sem par!...



GALERIA
COMPLETA
DOS
ARTISTAS
BRASILEIROS



RÍQUÍSSIMA
CAPA COM

**GRACIA
MORENA**



CENTENAS
DE
PHOTOGRA-
FIAS
INEDITAS



Se na sua terra
não ha vendedor
de jornaes, en-
viae-nos hoje mes-
mo 98000 em di-
nheiro, por carta
registrada, che-
que, vale postal
ou sellos do cor-
reio para que
lhe enviemos um
exemplar de este
rico annuario.

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas.

Um livro de Sonhos e Encantos ...

A' venda em todos os jornaleiros

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 --

CAIXA POSTAL, 880

RIO DE JANEIRO

PARA O NATAL E ANNO BOM

LINDOS LIVROS PARA PRESENTES

Lenda do Deserto — por Malba Tahan. Pelo seu valor altamente moral e instructivo, as obras deste autor podem ser lidas por todos, indistinctamente creanças e adultos. Encadernação muito linda	Rs. 6\$000
Céo de Allah — por Malba Tahan. Encadernação a côr	Rs. 6\$000
Historias da Baratinha — 70 lindas historias	Rs. 8\$000
O Reino das Maravilhas — Contos de Fadas	Rs. 8\$000
Theatrinho Infantil — Comedias, monologos, cançõetas, etc.	Rs. 5\$000
Historias do Arco da Velha — Esplendida collecção das mais lindas historias e contos populares	Rs. 10\$000
A Arvore do Natal — ou o Thesouro Maravilhoso de Papae Noel	Rs. 6\$000
Contos da Carochinha — Contendo escolhida collecção de 61 contos	Rs. 7\$000
Historias da Avózinha — Obra illustrada com 131 gravuras	Rs. 6\$000
A Alma Infantil — Vervos para uso das escolas, enc.	Rs. 4\$000
Theatro da Infancia — Original de B. Octavio. Peças religiosas, operetas, comedias, dialogos, apologos, monologos, etc.	Rs. 3\$000
Historias para Creanças — Contos tradicionaes portuguezes	Rs. 3\$500
Historias Infantis — O encanto das creanças, com 30 historias e quadros coloridos	Rs. 2\$500
Physica Recreativa — Experiencias curiosas e ao alcance de todos	Rs. 2\$500
Canções da Escola e do Lar — Hymnos escolares, canções, rondas infantis, por J. B. Mello e Souza	Rs. 14\$000
Historia da Baratinha — e do João Ratão, em verso	Rs. 1\$500
Manual Encyclopedico — Approvado pelo Conselho Superior da I. Publica	Rs. 9\$000

Aventuras do Barão de Münchhausen	5\$000
A Menina do Narizinho Arrebitado	5\$000
A Caçada da Onça	5\$000
O Marquez de Rabicó	5\$000
As Trapaças do Capitão Farofa	4\$000
O Circo de Escavallinhos	4\$000
Os 3 Mosqueteiros de Pão	5\$000
O Sacy	4\$000
A Cara de Coruja	4\$000
Aventuras do Principe	4\$000
O Irmão de Pinocchio	4\$000
O Nôvado de Narizinho	4\$000
O Gato Felix	4\$000
Esta collecção é illustrada e encadernada, com capa a côres.	

Bibliotheca da Juventude Christã

Luiz-Theophilo — A Vespéral do Natal	7\$500
Genoveva — Eustachio — Iguez	7\$500
A cruz de madeira — Maria — A ovelhinha....	7\$500

Collecções diversas

Historia de Joãozinho	3\$500
A Batalha d'Aljubarrota	3\$500
Ali-Babá e os 40 Ladrões	3\$500
O Cavallo encantado	3\$500
Aladino e a lampada maravilhosa	3\$500
Sindbad, o Marinheiro	3\$500

Todos os pedidos pelo Correio estão sujeitos ao augmento de mais 800 rs. e devem ser dirigidos á
CASA BRAZ LAURIA — RUA GONÇALVES DIAS, 78
 Telephone Norte 1908 — Rio

GESSY

NÃO USAL-O É MALTRATAR A PELLE

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.



... todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar

O VIOLÃO

Revista mensal para divulgação e cultura do instrumento. Publica em cada numero musicas classicas e regionaes, escriptas para violão.

Acompanhamentos de tres das nossas canções mais em voga.

Uma lição da celebre escola do mestre hespanhol, Francisco Tarrega.

Photographias de nossas senhoritas e cavalheiros que estudam o violão.

Assignatura annual

50\$

semestral

25\$

Numero avulto

5\$

Redacção e Administração: RUA S: JOSE, 54 — 2º

A' venda nas casas de musica e pontos de jornaes.



**TEU
E'
O MUNDO**

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA :

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exitto em Negocios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho "O MENSAGEIRO DA DITA". Remette 300 rs. em sellos para resposta.

Direcção : — Profa. Nila Mara

Calle Matheu, 1924

BUENOS AIRES (ARGENTINA)

Junto do Mar

(FIM)

força. Todos elles tiveram o mesmo pensamento: cercar o molhe e prender Ali. Nurla teve um plano; ordenou silencio aos homens e dividiu-os em tres grupos para cercar o rochedo por tres lados. Os Tartaros apromptaram-se. Em breve, um pouco do véo verde tornou-se visível atraz da pedra. Atraz delle, subiu o gracioso Turco. Ali, com suas compridas calças amarellas, blusa azul, turbante vermelho, alto e esbelto com um cypreste novo, parecia um gigante no fundo azul do céu. Ali tinha perdido o caminho e estava consultando Fatima sobre a direcção a seguir. Olhavam, anciosos, as montanhas, á procura de um caminho. A alguma distancia estava a bahia calma de Suak.

De repente, Fatima estremeceu e deu um grito. O véo cahiu-lhe da cabeça. Ella viu os olhos vermelhos e loucos do seu marido atraz de uma pedra. Ali olhou em torno. Num relampago, todos os Tartaros saltaram sobre a rocha — Zekeria, Jepar, Mustafa — todos os que costumavam beber café com Ali e escutar a sua musica. Não havia por onde fugir. Ali, com os pés fincados na pedra, com uma das mãos sobre a sua pequena faca, permanecia erecto e esperou. Pallido e orgulhoso, tinha o olhar altivo da agulha.

Fatima, louca de desespero, vacillava acima do abysmo como uma gaivota do mar. De um lado, o mar odiado, do outro, o marido carniceiro. Ella viu os seus olhos de carneiro, os labios cruéis, a perna curta e a horrenda faca de açougueiro, a mesma com que matava os animaes. Sua alma subiu ás montanhas... a sua aldeia natal... Fechou os olhos e perdeu o equilibrio. O vestido azul com meias luas amarellas desapareceu entre as gaivotas que voavam acima da agua.

Os Tartaros estacaram. Aquella morte simples e inesperada fez com que desviassem a attenção de Ali, que não vira o que se passára atraz delle e admirava-se da demora dos seus assassinos. Estariam elles com medo delle. Elle viu olhos ardentes, rostos vermelhos e sinistros, dentes brancos e toda essa onda de selvageria arremessava-se contra elle como um mar tempestuoso. Ali procurou defender-se. Cortou a mão de Nurla, feriu Osman, mas no mesmo instante os outros Tartaros atiraram-se a elle e derrubaram-no. Ao cair, Ali viu a grande faca erguida sobre elle. Memet enterrou a faca em Ali, sem hesitação, com a frieza de um açougueiro; Ali cessou de respirar e o seu lindo rosto tomou uma expressão tranquilla.

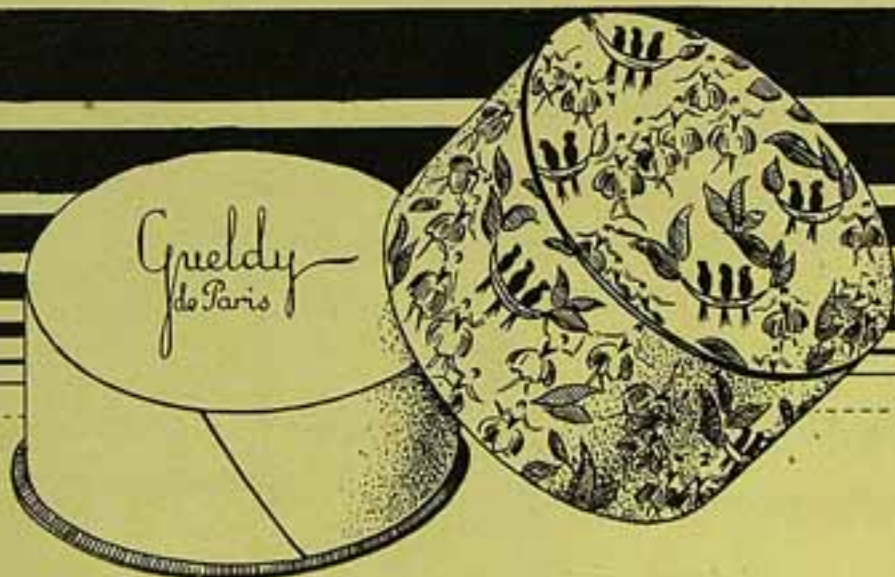
A vingança foi completa; a honra da aldeia estava salva. O corpo do Turco jazia nas pedras e junto de o véo verde dilacerado.

Memet parecia embriagado de raiva. Sacudia os pés e agitava os braços como louco. Afastou os companheiros que, curiosos, rodeavam o corpo, seguiu uma das pernas de Ali e começou a arrastar o cadaver pela montanha abaixo, seguido pela multidão. E enquanto iam pelos caminhos, de volta ás suas casas, a cabeça magnifica de Ali batia de encontro ás pedras a cada passo, jorrando sangue. Os Tartaros segulam o cadaver, amaldiçoando-o. Quando o cortejo chegou á aldeia, todos os terraços estavam cheios de mulheres e crianças. Centenas de olhares curiosos seguiram o cortejo até o mar.

Na areia branca e quente estava o barco negro como um delphim estropeado pela tempestade. As ondas de um azul delicado, puro e quente como o seio de uma donzella, espalhavam espuma branca sobre a areia. O mar e o céu casavam-se numa exuberancia cheia de alegria que se estendia ao longe, que cobria os rochedos, os jardins dos Tartaros, as florestas sombrias, a massa escura de Yalla. Havia um sorriso alegre em todas as coisas. Os Tartaros, silenciosamente, ergueram Ali e collocaram-no no barco e, entre os gritos agudos das mulheres excitadas e os das gaivotas assustadas, empurraram o barco para o mar. As ondas rodearam-no, brincando, batendo-lhe os flancos, espalhando espuma, e, tranquillamente, sem que o percebessem, o foram carregando para o alto mar.

Ali encontrou Fatima.

MICHAEL KOTSYUBINS.



Mulheres Bellas

somente usam o finissimo *Pó de arroz* **BAL DES FLEURS**
ultima criação do perfumista *Grueldy de Paris*

Caixa Rs. 7\$000 a venda nas Perfumarias:

Cirio, Bazin, A Capital, Carneiro, Lopes, Mascotte, Avenida, Ramos Sobrinho, Garrafa grande, Hortense e todos no genero
Representantes S.A.B. Industrial e Commercial Quitanda 66 - Sobrado

No Instituto de Musica

No Instituto, a C. é uma especie de "enfant gâté" de todo mundo. Ella para lá entrou muito garotinha ainda, com a sua linda pelle de quinze annos, sem "rouges" nem "batons", sem olheiras pintadas nem sobrelhas esguilas.

Teria já ella quinze annos?

Quem o sabe? Quando uma mulher é bonita ou quando uma mulher é artista tem sempre quinze annos... A minha colleginha C. reúne essas duas qualidades preciosas: E' bella e é artista. Por isso mesmo, deve ter sempre quinze annos...

Ella está em caminho de conquistar fama de uma das alumnas mais talentosas do instituto. O seu professor, pelo menos, confia muito no seu valor.

Quando fez o concurso de admissoão, muito rosea e rochunchudinha, ninguém calculava o colosso de talento que ella realmente é. Foi um successo! Entre cincoenta e tantas concorrentes, tirou o primeiro logar!

Muito estudiosa e muito bonitinha, francamente, não sei se ella é mais bonita do que estudiosa ou se é mais estudiosa do que bonita.

E' de temperamento muito alegre e brincalhão. Tem algumas manias na vida. Adora o violino, adora a dança e adora o cinema.

Se quizerem vela radiante, levem-na a uma sessão de cinema ou a uma "so'rée" dançante. E assim como ella conhece todas as danças classicas e modernas, do minueto ao maxixe, conhece tambem todos os artistas do cinema, do mais "canastrão" aos mais afamados.

Foi o cinema que, uma vez, a poz em uma grande "berlinda" entre as suas amiguinhas. Era ella muito novinha ainda quando o galã da moda era o Rodolpho Valent'no. Naturalmente, no seu espirito de creança, causaram forte impressão as attitúdes e os gestos que tão vertiginosamente popularisaram o nome do celebre actor cinematographico, cuja gloria chegou a causar inveja á propria morte, que, por isso mesmo, o colheu no melhor da festa...

Por toda parte a C. ouvia falar no famoso interprete do Filho do Sche'k. Por sua vez, não lhe perdia uma só fita e tinha por elle grande enthusiasmo. Por uma phrase sua, que as amiguinhas guardaram e, indiscretamente propalaram, ella tinha mesmo pelo Valent'no um enthusiasmo especial...

Foi em um sarau de familia, muito intimo, desses com que se festejam anni-

versarios burguezes, com mela duzia de amigos chegados, um poquer para os ma's velhos e jogo de prendas para os moços.

No jogo de prendas, foi que a C. teve a sua phrase reveladora. Perguntaram o que cada um queria ser. E cada um dizia-o francamente. Por isso, quando interpellaram a C., ella não teve o menor embaraço e confessou:

— O que eu quero ser? Quando for moça, eu quero ser como a Pola Negri, para ser beljada pelo Rodolpho Valent'no...

Imagine-se bem o successo dessa resposta!

L. N. N.

Não ha nada mais difficil do que destacar qualidades physicas, moraes ou intellectuaes entre alumnas do Instituto. Porque, com muito poucas excepções, quasi todas ellas possuem estes dotes: ma's ou menos formosura, mais ou menos intelligencia, mais ou menos bondade de coração.

A minha gentil — direi melhor gentilissima colleginha L. tem predicaos ma's ou menos communs entre suas amigas e collegas: é uma intelligencia equilibrada, tem um palminho de cara, que é bem o reflexo fresco de sua invejavel mocidade travessa e, segundo affirmam os seus mais íntimos, tem um coração muito generoso. Apesar disso, entretanto, e como um contraste que nunca ninguém comprehen-

deu nem explicou, é o typo mais completo da ironista, que o Instituto possui, não lhe escapando nunca qualquer oportunidade em que possa fazer uma maldade ou uma perfidia sem peores consequencias.

De vez em quando, em nossos concertos, fazem-se ouvir pianistas, violinistas, cantores, etc. Alguns são nomes frequentes nos programmas de musica de conjuncto, e entre elles uma professora de viol'no, que já teve a sua época, como solista que facilmente arrebatava as platéas. Mas, como neste mundo "tout passe", a estrella da gente tambem se apaga, a nossa gloria tambem decl'na, emfim o nosso momento tambem passa... O ideal seria subir na hora opportuna. Mas nem todas pensam assim. Começam a declinar, mas insistem, e em vez de deixarem de si uma impressão de enthusiasmo, deixam uma impressão dolorosa...

Não sei se a L. já considera esse o caso da professora do Instituto, que deu causa á perfidia que ella fez em um concerto, realizado durante a estação.

Como sempre acontece, a L. estava no salão, em um grupo de "tesouras" affadissimas. O publico não se mostrava muito animado, de fórma que as musicas acabavam sempre mais ou menos framente.

Quando terminou o concerto, todos se foram retirando, debaixo de uma impressão de somnolencia, que

ninguém occultava nem disfarçava.

— Que decadencia! — diziam uns. — Que pena! — lamentavam outros. E a L., que toca violino como gente, e, portanto, póde falar de cadeira, disse:

— Não sei por que, quando a oíço, me lembro de Arthur Napoleão!

— Ora essa! — retrucaram-lhe. — Arthur Napoleão era pianista!

— Esta tambem "era violinista", e hoje é isso que se vê — acudiu a L., dando uma das suas mais lindas gargalhadas...

A. C. de M.

A A. é uma das craturas mais indiscretas que o Instituto de Musica possui. E' mesmo uma das mais indiscretas que o sol cobre...

Verdadeira linguinha de trapo, ella não guarda conveniencias, nem mysterios e muito menos segredos de ninguém. Tem por isso um fraco especial.

Ha pessoas assim. Teem manias terriveis! A mania da A. é descobrir os segredos dos outros, para passal-os adiante.

Se ella encontra uma amiga "conversando" com algum rapaz no portão ou na esquina, no omnibus ou no cinema, em vez de ser camarada, conta para todo mundo! Se alguém lhe narra um facto qualquer de certa intimidade, ella passa-o deante tranquillamente.

A's vezes fico pensando se isso é levandade, ingenuidade ou maldade. Quero attribuir a uma levandade de seus dezeses annos, mas logo me convenço do contrario.

— Por que? — perguntará o leitor. Simplesmente por isto. Um destes dias, contei-lhe que, num aperto ao tomar o omnibus, no Club Naval, levei um tranco tão forte, que rasguei m'nha combinação. E ella, muito radiante, foi logo dizendo:

— Que engraçado! Vou contar ao Alvaro...

Fiquei, naturalmente, aborrecida e retruquei-lhe:

— Mas que lucro tem você em ser tão indiscreta?

— Que mal ha nisso? Uma coisa tão engraçada!

— Mas que não precisa passar adiante! Você precisa se habituar a guardar segredos alheios.

— Segredos alheios? — fez ella, dando uma gargalhada. — O segredo é uma bobagem. Ninguém liga, ninguém guarda, ninguém respeita. Você é que é uma tolinha. O segredo póde perfeitamente ser divulgado... Contanto que o seja em voz baixa...

Já vê que, deante dessa theoria, a indiscreção da A. não é uma levandade dos seus dezeses annos...



Senhorita Lucia Lobo no dia de seu lindo recital no Instituto de Musica

ALMANACH DO "O TICO - TICO" PARA 1930

A ALEGRIA DAS CRIANÇAS
O MELHOR PRESENTE
QUE SEUS PARENTES E AMI-
GOS LHEM PODER FAZER
PELAS FESTAS DO ANNO NOVO

**Acha-se á
venda em
todos os
pontos
de jornaes**

A Ilusão de uma felicidade

(FIM)

salta as mulheres e aos madrigaes que mais e mais o degradam. E' bom chefe de familia, mas sabendo dali vae para a casa da menina que faz o sacrificio de supportar-lhe a velhice desmoralizada pela gloria do seu ouro e em retribuição aos galões e honrarias com que o brinda.

Gasta 100\$000 num "bibelot" que a boneca devoradora reduz a fragmentos ao arrepio do primeiro nervo. Mas nega um tostão á maltrapilha que abre a bocca faminta para pedir-lhe pão. Agora move-se. Vae jantar. Torna a passar, indifferente, aos olhos da mendiga. Nem olha. E ella, porém, o acompanha com o olhar que tanta miseria conformada reflecte em contraste com a sua opulencia mesquinha e abjecta que só lhe dá illusão...

O que se vê e o que se adivinha do que se não vê na Avenida...

O que se vê é a mentira, a illusão de uma felicidade que não existe, na

grande maioria, no mercado de vaidades de que servem suas calçadas á hora vespertina. O que se adivinha é o drama intenso e pungente que se desenrola na intimidade dos quartos pobres, na miseria dos commodos sem confor-

to onde a mulher loira despe a fantasia das suas pedrarias e o homem elegante começa a fazer uma outra farsa não para impressionar a multidão, mas para escravizar, mais ainda aquella que morre pela sua gloria...

Sabão Russo

(SOLIDO E LIQUIDO)

O grande protector da pelle, contra assaduras e o effeito do calor.

'O SEGREDO DA SULTANA'

MARAVILHOSO PREPARADO
PARA REJUVENESCER
A BELLEZA DA
CUTIS

AGUA DE COLONIA E SABONETE FLORIL

Ultra finos e concentrados.
A' venda em toda a parte.
Dep. em S. Paulo—Casa Fachada.

Augmente os seus conhecimentos
NO

Preço no Rio
4\$000

Novo Anno!

Preço no Interior
4\$500

Almanach do "O Malho"

PARA 1930

é, sem exaggero, uma verdadeira

Pequena Bibliotheca num Só Volume

As suas edições foram rapidamente esgotadas nos 4 ultimos annos, porque, sendo o mais antigo annuario do Brasil, conhece bem o ALMANACH DO "O MALHO" as preferencias dos leitores.

**Um pouco de tudo -- Um pouco de toda parte
Um pouco que a todos interessa**

Faça immediatamente o pedido do seu exemplar, enviando 4\$500 em vale postal, carta registrada com valor declarado, cheque, ou em sellos do correio, para a

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO

Srs. Contadores

Convém acompanhar os progressos de sua profissão, para que se não deixem vencer:

"EVOLUÇÃO DA ESCRITA MERCANTIL"

6

um novo livro para os Srs. Contadores e Guarda-livros com idéas moderníssimas, na prática apoiadas por nomes como:

Carvalho de Mendonça

Spencer Vampré

Monteiro de Sales

Renato Maia

Prudente de Moraes Filho

Miranda Valverde

e tantas outras sumidades jurídicas.

A' venda: PIMENTA DE MELLO & CIA.

Trav. Ouvidor, 34

LIVRARIA ALVES

CASA PRATT

Ouvidor, 166

Ouvidor, 125

A sua pelle está queimada pelo sol?



Sem cuidado immediato a sua pelle se enruga e envelhece. Mergulhe a ponta dos dedos em Creme Hinds e esfregue-o de leve onde se sentir queimada. A Sra. sentirá logo a agradável frescura que acaba com todo o ardor. Continuando a usal-o a sua pelle voltará a ficar branca, macia, assetinada.

O Creme Hinds tem ainda outra vantagem: Evita as queimaduras do sol se, antes de sair, a Sra. o applicar, polvilhando-se em seguida. Isso protegerá a sua pelle, conservando-a sempre deliciosamente fresca, encantadoramente jovem.



CREME HINDS



Cia de Navegação Lloyd Brasileiro

RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario 2 a 22

EXCURSÃO A BUENOS AIRES

**MAGNIFICA OPPORTUNIDADE PARA VISITAR AS
LINDAS CAPITAES DO URUGUAY E ARGENTINA**

Rs. 500\$000 comprehendida a hospedagem no proprio paquete durante a permanencia nos diversos portos de escala, inclusive

5 dias e 4 noites em Buenos Aires

**RESERVAE SEM DEMORA VOSSA PASSAGEM EM UM DOS
CONFORTAVEIS NAVIOS DO "LLOYD BRASILEIRO"**

SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

3 de Janeiro "Duque de Caxias"

13 de Janeiro "Baependy"

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma "estrela" de cinema. Há a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela, seria tão notável que ele constituiria uma ruína. Nem todas as mulheres sabem que ellas também podiam ter uma cutis digna de inveja de uma "estrela" do cinema. Toda a mulher possui, immediatamente abaixo da sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtém com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a dilatação dos póros cutaneous do rosto, são molestias que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e unico procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, que, ao se dissolver, produz uma encrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolisada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros saem da cutis para desaparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis sofra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmacias, a pelle fica lisa, macia e fresca, sem experimentar damno algum. Repetindo algumas vezes este tratamento, com intervallos de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a limpeza total do rosto, dando a este embelezamento um caracter permanente e definitivo.

Madame Condorcet

(FIM)

de seu marido. Que não ouveria ella! Que duras e cruéis palavras! para ficar enfraquecida, abatida e enferma! A' tarde, algumas vezes, quando ousava, tremendo, o coração despedaçado, deambulava nas sombras até a rua Servadoni, sombria e humida viella, occulta por baixo das torres de Saint Suplice. Estremecendo com receio de ser reconhecida, subia a passos ligeiros até o pobre refugio do grande homem. O amor, o amor filial davam a Condorcet algumas horas de alegria e felicidade.

Seria inutil d'xer a que ponto ella disfarçava as provações do dia, as humilhações, as palavras duras, e as ligaduras barbaridades, essas supplices de uma alma ferida, ao preço da qual sustentava seu marido e sua familia; pela

sua paciencia diminuia os odios, acalmava as coleras e retardava, talvez, o ferro ameaçador.

Porém Condorcet era muito perspicaz para não adivinhar tudo isso, lia tudo, sob o pallido sorriso com a infeliz disfarçava a morte moral.

Mal escondido, podendo a todo o momento perder-se e perdê-la, compreendendo o que ella soffria e arriscava por elle, sentia o mais terrivel aguilhão do Terror. Pouco expansivo, guardava tudo, porém cada dia mais odiava uma vida que compromettia os entes que amava mais que a propria vida.

Que havia feito para merecer tal supplicio?

Nenhuma das faltas dos Girondinos. Longe de ser federalista, fôra espontaneamente defender o direito de Paris, e as vantagens dessa capital como instrumento de centralização.

O nome da Republica, o primeiro manifesto republicano fôra escripto em sua casa, e divulgados por seus amigos quando Robespierre, Danton e Vergniaud, todos enfim hesitaram ainda.

E' verdade que havia escripto o primeiro projecto de constituição, impraticavel e inappellavel, cuja machina nunca poderam por em movimento tanto estava carregada e sobrecarregada de barreiras e obstaculos para o governo, e de seguranças para o individuo.

A terrivel palavra de Chabot que a Constituição preferiu a de 93, não é

LEIAM Espelho de Loja de ALBA DE MELLO nas livrarias

mais que uma cilada, um habil meio de organizar a dictadura.

Condorcet não disse, mas demonstrou por uma violenta brochura.

Chabot atemorizado da sua propria audacia, pensou reconciliar-se com Robespierre, fazeendo oscilar Condorcet. Este, que havia feito acção tão ousada, no dia seguinte 31 de Maio, sabia muito bem que jogava a vida; pediu a Cabanis para lhe preparar um veneno seguro.

Possuidor desta arma e podendo sempre dispôr de si, desejava do seu retiro continuar a polemica, o duello da logica contra o cutello, terrificar o Terror com rasgos vencedores da Razão.

Tal era a sua fé nesse Deus do seculo X, na sua infallivel victoria pelo bom senso do genero humano.

Um doce poder o deteve, invencivel e soberano, a voz dessa esposa amada, soffredora flor, abandonada como peñhor ás violencias do mundo.

Mme. Condorcet lhe pediu o maior sacrificio: o da sua paixão, o do seu coração. Ella lhe pediu que abandonasse todos esses inimigos de um dia, todo esse mundo famoso que passaria, e de se installar fôra, para cuidar da



sua immortalidade, e realizar a idéa que havia concebido de escrever um "tableau des progrès de l'esprit humain".

Grande foi o esforço. — O tempo passava.

Como saber se ainda teria o dia seguinte? O solitário debaixo do seu gelado tecto, não vendo da sua trapeira senão o c'mo desfolhados das arvores do Luxemburgo, no inverno de 93, apressam o seu amargo trabalho, dias após dias, noites após noites, feliz por dizer a cada folha, a cada seculo de sua historia: Ainda uma época do mundo subtrahida á morte...

Elle havia, em fins de Março, libertado e consagrado todos os seculos e todas as épocas, a vitalidade das sciencias, seus poderes de eternidade, pareciam ter passado sobre seu livro e sobre elle mesmo. Que é a historia e a sciencia? A lucta contra a morte. A vehemente aspiração de uma alma immortal para commun'car á immortalidade, transporta então o sabio, até elevar os seus votos á esta fórmula prophetica: "A sciencia terá vencido a morte. E então não mais se morrerá".

Desafio sublime ao reino da morte, para a qual já estava voltado. Nobre e commovente vingança...

Havendo refugiado sua alma na felicidade futura do genero humano, nas suas infinitas esperanças, salvo pela bemaventurança do porvir, Condorcet, em 6 de Abril, acabava a ultima lenha.

Com seu bonnet de lã, as suas vestes de operario, Condorcet transpôz uma manhã, os umbraes da porta de Mme. Vernet. Em um dos bolsos trazia o seu fiel amigo, o libertador, no outro o poeta romano, que escrevera hymnos funebres á liberdade moribunda.

Vagou todo o dia no campo, á noite entrou na encantadora villa Fontenay-aux-Roses, muito povoada de pessoas letradas, bello lugar onde elle mesmo, secretario da Academia de Sciencias, associado por assim dizer á rea-

leza de Voltaire, tinha muitos amigos, todos fugidos ou afastados.

Ficou apenas a casa de Petit Ménage, chamavam assim o Sr. e a Sra. Suard, verdadeira miniatura de corpo e de espirito. Suard, bonito homem-zinho, madame, diva e gentil, ambos eram pessoas letradas, sem entretanto escreverem livros, só pequenos artigos alguns trabalhos para os ministros e novellas sentimentaes.

Condorcet não poderia encontrar nada melhor para arranjar sua vida. Todos os dois amados, influentes e considerados até o ultimo momento.

Suard morreu censor real.

Quando este proscripto, fatigado, com o rosto macilento, a barba suja, no seu triste disfarce lhe appareceu de improviso, o bello pequeno casal, ficou visivelmente embaraçado. O que se passou?

Ignora-se. O certo é que Condorcet sahia immediatamente pela porta do jardim, a qual deveria conservar-se aberta até a sua volta.

Quando voltou encontrou-a fechada. O egoismo conhecido dos Suard não parece sufficiente para autorizar esta tradição. Affirmam e eu creio, que Condorcet deixou Paris para não comprometter pessoa alguma; e teria apenas pedido e recebido alimento e, e eis tudo.

Condorcet passou a noite no bosque, e ainda o dia. Porém a longa caminhada esgotou-o. Um homem que durante um anno esteve sentado, e de repente caminhando sem repouso, foi bem depressa tomado de fad'ga. E assim, pobre, fatigado e faminto foi obrigado a entrar em uma taverna de Clamart. Comeu, avidamente, e ao mesmo tempo, para sustentar o coração, abriu o livro do poeta romano. Este aspecto, este livro, estas mãos brancas e delicadas o denunciaram.

Os campones que lá beb'iam (e que pertenciam ao comité revolucionario de Clamart) logo viram que se tratava de um inimigo da Republica. Arrastaram-no ao districto. Como elle não podia mais andar, po's seus pés estavam despedaçados, elles o içaram sobre um miseravel sendeiro de um vinhateiro que passava.

Foi nesta equipagem que esse illustre representante do seculo XVIII foi solemnemente conduzido á prisão de Bourg-la-Reine.

Porém elle poupon á Republica a vergonha do parricidio, o crime de ferir o ultimo dos philosophos sem a qual ella não teria existido.

O argumento gastronomico

(FIM)

verno". Elle comprehendeu que o seu fanatismo o tornava um pouco ridiculo e sorriu, tomando-me a mão:

— "Vamos", disse elle para terminar, "quem tem juizo é v. Não procuremos as causas de efeitos tão bellos. Christã ou não, é uma bella festa aquella que obriga as pessoas de bem a se sentarem á mesa".

ALAIN LAUBREAME.

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

ONDE SERA' ATTENDIDO
COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociaes.

Telephone: 2-1691

Para um presente de festas, só um livro de sonhos e encantos... CINZARTE-ALBUM. A' venda em todos os pontos de jornaes.

A minha primeira admiradora

(FIM)

que eu não tinha reparado tambem, se sentou.

— A minha familia só me deixa sahir acompanhada. Educação antiga. Tenho tambem hora certa de chegar em casa.

Que menina exquísita! Educada á antiga e no entanto plaia os meus pés — não adianta engraxar os sapatos — e me abraça theatralmente na frente de toda gente.

— Hilda...

— Oh! Robertinho! Chame-me de Hildinha! Todos me chamam de Hildinha.

— Hildinha, você não teve nenhuma decepção quando me viu? Você me mag'nava assim mesmo?

— Você é mais seductor ainda! O seu olhar tem tanto fogo e tanto ardor! Depois me mostrou um fox-trot. O titulo era assim:

Eu te amo.

Fiquei horrorizado. E não me occorria uma idéa, um pretexto para me livrar da pequena.

— Olha minha filha, amanhã dedicarei todo o dia a você. Eu telephonarei cedo e iremos passear num auto — tomara que chova". Depois eu a levarei ao meu atelier.

— Tem piano o seu atelier?

— Tem sim.

— Porque eu toco mu'ito bem. Podem tocar igual a mim, melhor nunca.

Descemos a escada. Appareceu o auto. Morri novamente em dez mil réis.

— Roberto Rodrigues do meu coração. "Mio" Roberto. Eu não me contento com um aperto de mão...

— Paciência. Amanhã farei tudo que você quiser.

No dia seguinte.

— Roberto Rodrigues pediu que eu lhe telephonasse. A senhorita não é exactamente o typo que interessa Roberto. Falta-lhe... falta-lhe... falta... Olhe minha senhora, trate de outra vida.

Lá se foi a minha primeira admiradora.

Não dá saudades, não!

**Esmalte - Creme -
Água de Colonia
Gaby**

**Premiado no estrangeiro,
Rio e S. Paulo.**

REALABE

PARA TODOS...

ALMANACH DE O Tico-Tico

A edição de 1930, á venda em todos os pontos de jornaes, contém — contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamin, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina a completam, tornando essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.



NO RIO: 5\$000

Nos annos anteriores muitos meninos deixaram de obter o Almanach d'O Tico-Tico por não o terem adquirido nos primeiros dias de sua circulação.

Sociedade Anonyma

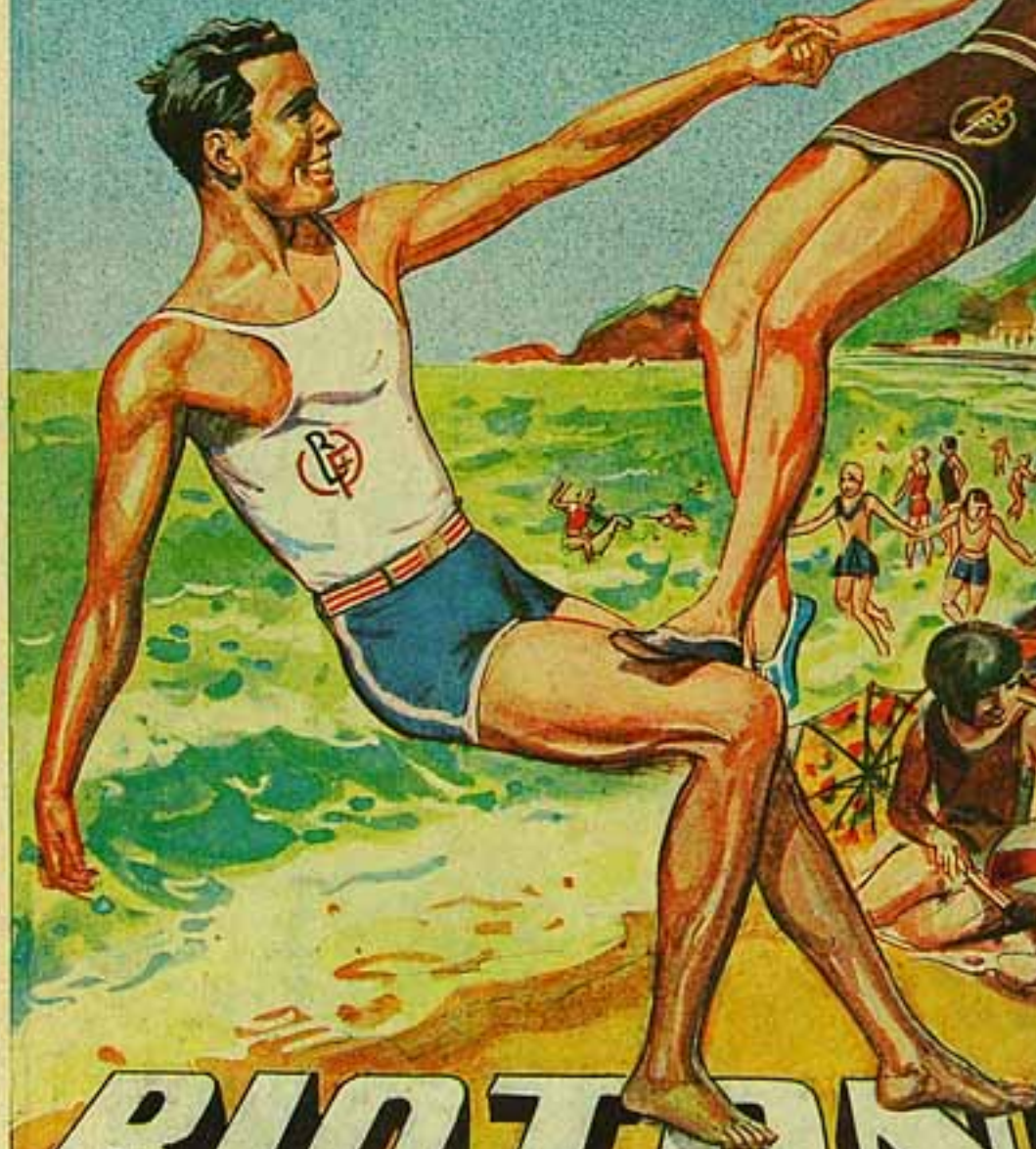
" O M A L H O "

NO INTERIOR: 5\$500

Se não ha jornaleiros em sua terra, envie-nos: 5\$000 em carta registrada cheque, vale postal ou em sellos do correio, para que lhe remetamos o seu exemplar.

Travessa do Ouvidor, 21
RIO DE JANEIRO

O mais completo
Fortificante



**BIOTONICO
FONTOURA**